

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Renato Fernandes Lobo**



**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA POBREZA E DA  
CARIDADE NO JORNAL DE TAUBATÉ (1899 E 1935)**

**Taubaté – SP**  
**2013**

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Renato Fernandes Lobo**



**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA POBREZA E DA  
CARIDADE NO JORNAL DE TAUBATÉ (1899 E 1935)**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade de Taubaté, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima de Melo Toledo.

**Taubaté – SP**  
**2013**



**Renato Fernandes Lobo**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA POBREZA E DA  
CARIDADE NO JORNAL DE TAUBATÉ (1899 E 1935)**

Projeto de pesquisa à Universidade de Taubaté, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima de Melo Toledo.

Data: \_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Universidade de Taubaté

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Universidade \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Universidade \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me concedido o dom da vida e as oportunidades de desenvolvimento, espiritual, mental, emocional e físico.

A minha esposa pelas palavras de incentivo e pelo mais terno companheirismo.

A minha mãe por ter se esforçado em me proporcionar uma boa educação .

A meu pai por ter me transmitido o gosto pela leitura e pela cultura.

A minha tia por ter revisado boa parte dos textos dessa pesquisa.

Aos meus sogros pela acolhida em seu sítio, local onde foi escrito boa parte dessa dissertação.

A minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Fátima, que pacientemente contribuiu para a realização dessa dissertação.

As funcionárias do Arquivo Histórico de Taubaté por terem ajudado com a seleção dos jornais utilizados durante a pesquisa.

Aos colegas do MDH, pela oportunidade de termos podido trocar experiências de vida e conhecimentos.

Aos professores do MDH, que engradeceram o curso com excelentes aulas e produtivas críticas.

Aos professores que prontamente aceitaram participar da minha banca de qualificação, meu muito obrigado.



*“Somos herdeiros de uma cultura preconceituosa e desigual”*

*(MENEZES; PAPALI, 2006, p.1860)*



## Resumo

A pesquisa buscou identificar e comparar as representações da pobreza e da caridade em Taubaté durante a Primeira República e a Era Vargas, tendo como referência documental primária o “Jornal de Taubaté” dos anos de 1899 e 1935. Trata-se de uma pesquisa básica, de abordagem exploratória, com enfoque qualitativo, a pesquisa com os jornais foi feita a partir da técnica da exaustividade, os dados foram organizados em planilhas eletrônicas, a análise do discurso foi utilizada com os textos jornalísticos mais relevantes da pesquisa. Durante a pesquisa, buscou-se relacionar a teoria de Serge Moscovici sobre as Representações Sociais com o conceito de Gramsci sobre ideologia, já que os temas de estudados abordaram questões sociais, fortemente marcadas por relações assimétricas, os que doam e praticam a caridade e os pobres que dependem da ajuda alheia. Foi possível constatar que a pobreza e a caridade foram representadas pela imprensa taubateana a partir da ótica liberal, dessa maneira a ideologia liberal acabou influenciando na formação de instituições religiosas e privadas, que atuavam como paliativos das questões sociais do município, sempre diferenciando os pobres merecedores de ajuda, dos ditos “vadios”.

**Palavras-chave:** Representações Sociais. Caridade. Pobreza. Taubaté. Criminalidade.



## Abstract

This research sought to identify and compare the representations of poverty and charity in Taubaté during the Primeira República and Era Vargas, as primary documental reference the "Jornal de Taubaté" in the years 1899 and 1935. This is a basic research, with exploratory approach, using qualitative focus, the research was done with the papers from the technical completeness, the data were organized into spreadsheets, speech analysis was used with the most relevant journalistic texts. During the research, we tried to relate the theory of Serge Moscovici on Social Representations with Gramsci's concept of ideology, since the subjects studied addressed social issues, strongly marked by asymmetrical relationships, those who donate and practice charity and poor who depend on help from others. It was found that poverty and charity were represented by the press from a liberal perspective, thus liberal ideology ended up influencing the formation of religious institutions and private, who worked as a hospice social issues of the city, always differentiating the deserving poor help, the so-called "stray".

**Keywords:** Social Representations. Charity. Poverty. Taubaté. Crime.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1: palavras-chave do tema caridade 1889.....</b>	<b>80</b>
<b>Quadro 2: palavras-chave do tema pobreza 1889.....</b>	<b>80</b>
<b>Quadro 3: palavras-chave do tema criminalidade 1899.....</b>	<b>80</b>
<b>Quadro 4: palavras-chave do tema associações de trabalhadores 1899.....</b>	<b>81</b>
<b>Quadro 5: palavras-chave do tema caridade 1935.....</b>	<b>81</b>
<b>Quadro 6: palavras-chave do tema associações de trabalhadores 1935.....</b>	<b>82</b>
<b>Quadro 7: palavras-chave do tema pobreza 1935.....</b>	<b>82</b>
<b>Figura 1: Frequência dos Temas: 1899.....</b>	<b>85</b>
<b>Figura 2: Frequência dos Temas: 1935.....</b>	<b>85</b>
<b>Figura 3: Subtemas – Caridade 1899.....</b>	<b>87</b>
<b>Figura 4: Subtemas – Pobreza 1899.....</b>	<b>88</b>
<b>Figura 5: Subtemas – Criminalidade 1899.....</b>	<b>100</b>
<b>Figura 6: Subtemas – Caridade 1935.....</b>	<b>105</b>
<b>Figura 7: Subtemas – Associação Operária.....</b>	<b>110</b>





# Sumário

1. Introdução .....	11
1.1. Problema.....	13
1.2. Objetivos.....	14
1.2.1. Objetivos Gerais.....	14
1.2.2. Objetivos Específicos.....	14
1.3. Delimitação do Estudo.....	15
1.4. Justificativa.....	15
1.5. Organização do Trabalho .....	17
2. Fundamentação Teórica.....	19
2.1 – Teoria das Representações Sociais.....	19
2.2 – Representações Sociais, História e Ideologia.....	24
2.3 – Representações Sociais e os Meios de Comunicação.....	32
2.4 – Os diferentes olhares sobre a pobreza.....	36
2.5 – Pobreza e Caridade no contexto Liberal.....	41
2.6 – O Liberalismo Excludente da Primeira República .....	46
2.7 – A pobreza no período Vargas.....	54
2.8 – Um Breve Histórico de Taubaté.....	58
2.9 – A Pobreza em Taubaté.....	60
2.10 – As Instituições Sociais de Taubaté.....	67
3. Método.....	72
3.1 – Tipo de Pesquisa.....	72
3.2 – <i>Corpus</i> documental .....	72
3.3 – Procedimento de análise de dados.....	73
4. Resultados .....	79
4.1 – Caracterização da amostra.....	79

4.1.1 – 1899.....	79
4.1.2 – 1935.....	81
4.2 – Análise de dados.....	82
4.2.1 – As representações sociais da caridade.....	84
4.2.2 – Representações sociais da pobreza.....	99
4.2.3 – A criminalidade no Jornal de taubaté.....	104
4.2.4 – Associações operárias.....	109
5. Considerações Finais.....	112
Referências.....	115
Anexo I - Fichas de Jornais Pesquisados.....	125

## 1. Introdução

O presente trabalho se propõe a comparar as representações sociais da caridade e da pobreza criadas pela mídia impressa taubateana, a partir de exemplares do “Jornal de Taubaté” depositados no Arquivo Histórico de Taubaté, em dois momentos distintos da história brasileira, a Primeira República e a Era Vargas, tomando como referência os anos de 1899 e 1935.

O ano de 1899 serve de referência para um período de grandes transformações sociais, políticas e econômicas. O Brasil tinha completado sua primeira década com a economia baseada no trabalho assalariado, tardiamente se comparado às outras nações latino-americanas, com exceção de Cuba que decretou a abolição somente em 1886, dois anos antes do Brasil. Nesse mesmo período, na Europa surgiram os movimentos organizados de protestos contra a exploração capitalista, sendo que esse “grito por igualdade foi estimulado pelos extremos aviltantes de riqueza” (BLAINEY, 2009, p. 272).

As mudanças iniciadas no fim do século XIX, com a crise do café, resultaram na opção industrial da cidade, já que a crise do setor cafeeiro expulsou muitas pessoas do campo que se tornaram mão de obra barata no meio urbano (MEIHY, 1981).

A cidade de Taubaté industrializou-se graças, principalmente, à disponibilidade de trabalhadores, que se manteve durante as primeiras décadas do século XX, mesmo com indústrias se instalando na cidade. “De 1872 a 1920, a força de trabalho cresceu 2% ao ano, e a porcentagem de população ativa diminuiu: o mercado não absorvia toda a força de trabalho disponível” (SOTO, 2000, p. 161).

Na década de 1930, a cidade de Taubaté possuía um parque industrial razoável, processo que é possível constatar observando-se as datas de instalação das primeiras indústrias na cidade, sendo a Companhia Taubaté Industrial, em 1891, a primeira delas, seguida pelas Indústrias Reunidas Vera Cruz, em 1923

(tintas); a Companhia Fabril Juta; em 1927 (Sacaria); a Produtos Alimentares Embaré S. A., em 1930 (doces); a Companhia Predial de Taubaté, em 1932 (construção civil); a Cerâmica Santas Cruz S. A., em 1933 (louças); e a Corozita S. A., em 1935 (Botões). (ANDRADE; ABREU, 1996).

Além das mudanças econômicas, o Brasil passou por importantes mudanças políticas, com Getúlio Vargas liderando o movimento de 1930 contra a oligarquia paulista, que foi alijada do poder. Com a constituição de 1934 consolida-se uma série de direitos sociais e políticos. A maneira como essas mudanças impactaram o cotidiano da população taubateana pode ser observada em jornais do período.

O ano de 1935 serve de referência para a presente pesquisa sobre as representações sociais acerca da questão social após a promulgação da Constituição de 1934, já que “foi essa constituição que incorporou em nosso país os Direitos Sociais e a Ordem Econômica” (ISHIKAWA, 2008, p.23).

Vale ressaltar que a década de trinta do século XX é marcada pela crise do modelo liberal no mundo capitalista. A falência do liberalismo ocorreu com a crise de 1929, o que levou economistas e políticos a desenvolver formas de se combater a crise. Porém, esta crise não afetou o Estado Soviético, para fortalecer o capitalismo e não abrir espaço para ideias revolucionárias, como a ideologia comunista no período, foram desenvolvidas políticas sociais de alcance mais amplo, que se expandiriam após a Segunda Guerra e durariam até meados da década de 1960 (BERHING, 2009).

Para o estudo das representações sociais o trabalho utilizou a teoria de Serge Moscovici (2011), segundo a qual existe um universo do senso comum no qual as representações são criadas e recriadas de maneira dinâmica. A forma como as pessoas criam seu ponto de vista sobre a realidade é fortemente influenciado por essas construções simbólicas no campo social. “Isso significa que nós nunca conseguimos nenhuma informação que não tenha sido distorcida por representações 'superimpostas' aos objetos e as pessoas” (MOSCOVICI, 2011, p.

33).

As representações que interessam na presente pesquisa são as relativas à pobreza e a caridade, comparando o fim do século XIX com o início do período Vargas, pois esses possibilitam captar as eventuais mudanças de posturas sobre a questão social e sobre a pobreza. Segundo Berhing e Boschetti (2006), no período que antecede 1930 não existem políticas públicas para tratar a questão social. Desta forma, as pessoas em condições de vida precária que não se ajustaram à dinâmica do trabalho capitalista, recebiam auxílios pontuais provenientes de instituições religiosas, que sobreviviam graças à caridade das pessoas.

Durante a pesquisa o problema estudado foi a influência da forma de se pensar e representar a pobreza nos jornais da época e sua influência na formulação de meios para se agir com relação às questões sociais, principalmente como eram tratados os que não participavam do mercado de trabalho capitalista.

O objetivo principal da pesquisa é identificar os conflitos e perceber de que forma fatores como a imigração do campo para a cidade ou estrangeira e o fim da escravidão se combinaram às transformações urbanas para produzir um novo padrão de pobreza e segregação durante o século XX.

A principal fonte da pesquisa será o periódico “Jornal de Taubaté”, que tinha uma boa tiragem em comparação aos demais jornais taubateanos do período. A tiragem do jornal chegava a 2000 exemplares por dia de publicação em 1899. O referido jornal, entre os anos de 1899 até 1901, tratava-se de um periódico independente, sendo posteriormente um jornal do Partido Republicano até seu fechamento e voltando como um jornal do Partido Constitucionalista em 1934 (MELLO JR., 2011). Os dados obtidos serão analisados qualitativamente com a ajuda de planilhas e bancos de dados eletrônicos e contextualizados a partir de fontes bibliográficas pertinentes.

## **1.1. Problema**

Esta pesquisa buscou verificar as relações entre as práticas sociais e as representações sociais, concernentes aos temas da pobreza e da caridade, no município de Taubaté, comparando o ano de 1899 ao ano de 1935. Desta forma a pergunta norteadora de todo o trabalho é: De que maneira as representações sociais vinculadas pelo Jornal de Taubaté, referentes à pobreza e a caridade, influenciaram na criação de práticas sociais no município em distintos momentos da história brasileira?

## **1.2. Objetivos**

### **1.2.1. Objetivo Geral.**

- Identificar e comparar as representações sociais sobre a pobreza e a caridade criadas pelo “Jornal de Taubaté” durante os anos de 1899 e 1935.

### **1.2.2. Objetivos Específicos**

- Investigar as representações sociais sobre a pobreza veiculadas pelo “Jornal de Taubaté” dos anos de 1899 e 1935.
- Identificar os mecanismos de ajuda e de solidariedade feitas durante a Primeira República e durante a Era Vargas.
- Comparar as representações sociais sobre a pobreza e a caridade no

“Jornal de Taubaté” em dois períodos distintos, a República Velha e a Era Vargas.

### **1.3. Delimitação do Estudo**

O trabalho teve como limites de análise documental os seis primeiros meses de publicação do “Jornal de Taubaté” dos anos de 1899 e 1935, uma vez que estes foram os exemplares disponíveis, que constam no Arquivo Histórico de Taubaté para o período pesquisado, totalizando a catalogação de 84 textos jornalísticos, sendo 57 do ano de 1899, quando o jornal era trissemanal e 27 exemplares do ano de 1935, quando o jornal era bissemanal.

### **1.4. Justificativa**

A pesquisa tem como proposta trabalhar com temas relacionados às Linhas 1 (Políticas Sociais e Formação) e 2 (Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação) do programa de Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Humano, da Universidade de Taubaté.

A pesquisa enquadra-se nos estudos de Políticas Sociais, pois foca-se nas questões da pobreza e da caridade em dois momentos significativos da história do Brasil: o período denominado Primeira República (1889-1930), tendo o ano de 1899, como referência documental, período no qual inexistem políticas públicas efetivas para os problemas sociais restando, apenas, a atuação de instituições religiosas e da sociedade civil como paliativos às questões sociais.

O outro marco temporal desta pesquisa são os primeiros anos da Era Vargas (tendo o ano de 1935 como referência documental), período que é considerado como o marco inicial das políticas públicas sociais no Brasil

(BERHING; BOSCHETTI, 2006).

Vale ressaltar que o contexto histórico em que surge a assistência social pública no Brasil – durante a Era Vargas – é fortemente influenciado pelo assistencialismo religioso, presente durante toda Primeira República, desse contexto decorre a profissão de assistente social, iniciada no Brasil com mulheres ligadas à Igreja Católica. Na ausência de políticas públicas, “o problema social no começo do século XX começa a ser assumido pelos católicos brasileiros” (AGUIAR, 1985, p. 29).

Na Europa, a questão social apresenta trajetória diversa. Conforme Raichelis, esta questão passa a ser algo preocupante para as elites políticas e financeiras europeias em meados do século XIX, especialmente a partir de 1848, no contexto das lutas operárias que marcaram o período e da violenta repressão que se seguiu a elas. Surge então, de forma radical, o antagonismo entre o direito à propriedade e o direito ao trabalho e, com isso, a preocupação em encontrar soluções para a pobreza urbana, provocada pela nova forma da economia capitalista industrial do século XIX, mas também como forma de aliviar as tensões sociais e evitar novos conflitos (RAICHIELIS, 2006).

Sintetizando, esse trabalho inseriu-se nas linhas de trabalho que tem por objetivo analisar as políticas sociais. O objeto de estudo desta pesquisa, no entanto, tratou das representações sociais da pobreza e da caridade na cidade de Taubaté. Desta maneira, o referencial teórico adotado foi a análise das representações sociais formulada por Serge Moscovici (2011), pois essa teoria permitiu que fosse estudada a relação entre a forma como a pobreza e a caridade eram representadas pela mídia taubateana e a maneira como essas representações influenciaram na constituição de práticas sociais para lidar com as questões relativas à pobreza e a violência.

Essa pesquisa pretendeu oferecer subsídios para a análise das novas expressões que adquiriu a questão social numa cidade periférica aos grandes centros urbanos, porém, inserida na dinâmica do comércio exportador de café,



durante boa parte de sua história.

Além disso, o espaço social que foi pesquisado, isto é, a cidade de Taubaté, é representativo do período e do processo acima descritos, por ser polo de uma região que vivenciou o projeto de modernidade capitalista com o comércio do café, momento em que novos mecanismos de sustentação e controle dos pobres são acionados, impostos pela ordem social vigente como pré-requisito à sua viabilização (LAPA, 2008).

### **1.5. Organização do Trabalho**

A pesquisa contém cinco capítulos organizados da seguinte forma:

1. Introdução;
2. Fundamentação Teórica;
3. Método;
4. Análise da Amostra;
5. Considerações Finais.

Capítulo 1 – Introdução: apresentação do trabalho em linhas gerais, ou seja, a definição do problema, os objetivos do trabalho, a delimitação do estudo, a relevância (justificativa) da pesquisa e a organização do trabalho.

Capítulo 2 – Fundamentação Teórica, dividida em subcapítulos sobre a revisão bibliográfica: Teoria das Representações Sociais; Representações Sociais e História; Representações Sociais e os Meios de Comunicação; Os diferentes

olhares sobre a pobreza; Pobreza e Caridade no Contexto da Economia Liberal Burguesa; Contexto Histórico; A pobreza num mundo de prosperidade: o liberalismo excludente da Primeira República; A pobreza no período Vargas: O Nacional Estatismo da década de 1930; Contextualização da pobreza em Taubaté nas primeiras décadas do século XX; Instituições Sociais em Taubaté.

Capítulo 3 – Método e caracterização da amostra: Tipo de Pesquisa; *Corpus* documental; Procedimento de análise de dados.

Capítulo 4 – Resultados: Caracterização das amostras dos anos de 1899 e 1935; Análise dos dados; As representações sociais da caridade; Representações Sociais da pobreza; A criminalidade no Jornal de Taubaté em 1899; Associações operárias.

Capítulo 5 – Considerações Finais: Conclusão final do autor sobre a pertinência e os resultados obtidos na pesquisa.

## 2. Fundamentação Teórica

### 2.1. A Teoria das Representações Sociais

Para o estudo das representações da pobreza e da caridade estabelecidas pelo Jornal de Taubaté, a pesquisa valeu-se da Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, por se tratar de uma teoria que visa entender a construção do conhecimento na esfera do senso comum, com todo seu dinamismo e mutações, que surgem no decorrer da história, diferenciando-se das estáticas representações coletivas de Durkheim (CHAMON, 2005).

A Teoria das Representações Sociais, criada por Serge Moscovici, inspirou-se nas ideias do sociólogo francês Durkheim, que estabeleceu os conceitos de representação coletiva e de representação individual. Para o sociólogo francês, as representações de uma sociedade são produzidas coletivamente e formam a sua bagagem cultural, ou a sua *consciência* coletiva, que tende a se “eternizar”.

Durkheim desenvolveu seu conceito de representação coletiva a partir da constatação de que “as crenças, solidificadas nas tradições culturais, instituições sociais fixas e no cultivo de mitos entre os grupos tribais eram responsáveis por constituição de sociedades mais sedimentadas” (MORIGI, 2004, p. 4).

Desta maneira, as representações coletivas são modelos fixos, que a sociedade impõe aos indivíduos e que delineiam o desenvolvimento individual das pessoas. Assim, a atuação do indivíduo não é mais do que a expressão das representações coletivas, desenvolvidas a partir das características de cada pessoa. O resultado é a coesão social, por isso “a representação coletiva de Durkheim tem o poder de manter a sociedade” (FONSECA, 2007, p. 22).

Do ponto de vista de Durkheim, as representações coletivas abrangiam uma cadeia completa de formas intelectuais que incluíam ciência, religião, mito, modalidades de tempo e espaço, etc. De fato, qualquer tipo de ideia, emoção ou crença, que ocorresse dentro de uma comunidade, estava incluído. Isso representa um problema sério, pois, pelo fato de querer incluir demais, inclui-se muito pouco: querer compreender tudo é perder tudo. A intuição, assim como a experiência, sugere que é impossível cobrir um raio de conhecimento e crenças tão amplo. Conhecimento e crença são, em primeiro lugar, demasiado heterogêneos, e, além disso não podem ser definidos por algumas poucas características gerais (MOSCOVICI, 2011, p. 45-46).

Já o conceito de representação social de Moscovici tem maior abrangência do que o conceito de representação coletiva de Durkheim. As representações sociais, conforme Moscovici, não são impostas externamente às consciências individuais, tal como proposto por Durkheim, mas são geradas pelos próprios sujeitos sociais.

Pode-se dizer que as representações sociais superam o mito do sujeito puro e do objeto puro. As representações sociais são um conceito e um fenômeno que pertencem ao intersubjetivo. Elas representam não só o objeto, mas também o sujeito que as representa (GUARESCHI, 2000, p. 38).

Os indivíduos interagem com a realidade social que vivenciam, desta forma apreendem o pensamento coletivo a partir da dinâmica de sua construção e expressão. “As representações coletivas cedem o lugar às representações sociais porque as primeiras não têm em conta a sua diversidade de origem e a sua transformação” (CABECINHAS, 2004, p. 127).

As representações sociais estabelecem o elo entre o indivíduo e a sociedade, pois elas estão presentes “na cabeça das pessoas, mas não é a representação de uma única pessoa; (pois) para ser social ela necessita “perpassar” pela sociedade, existir a certo nível de generalização” (GUARESCHI, 2000, p. 36).

A Teoria das Representações Sociais proporciona, assim, o estudo do

pensamento dinâmico e mutável, fruto de uma sociedade onde as mudanças e informações foram aceleradas com o desenvolvimento dos meios de comunicação, que permitem constantes questionamentos e reinterpretações da realidade. Além disso, trata-se de uma teoria que busca compreender como a cultura desenvolve um sistema de valores, que influencia práticas concretas.

As representações sociais que me interessam não são nem as das sociedades primitivas, nem as suas sobreviventes, no subsolo de nossa cultura, dos tempos pré-históricos. Elas são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornar tradições imutáveis. (MOSCOVICI, 2011, p. 48).

Conforme Morigi, tal teoria “pode fornecer mapeamentos que nos permitem visualizar o modo como a sociedade organiza e dissemina as formas de pensamento” (MORIGI, 2004, p. 11), na medida em que as representações sociais são provenientes “do senso comum, tendo como ponto de partida principal, o fato de serem construídas no nível coletivo, evoluindo, mudando e se adaptando as nossas atividades da vida cotidiana” (PURKHARDT, 1993 apud GRECA, 2009, p. 65)

Segundo Medeiros (2005), a Teoria das Representações Sociais de Moscovici trouxe para o campo do conhecimento científico, na esfera da Psicologia Social, o pensamento do homem “comum”, sem o analisar como “primitivo”, “pré-lógico” ou “supersticioso”, este esforço científico corresponde ao trabalho feito por Levi-Strauss (1976) no campo da Antropologia Social, que estudou o “pensamento selvagem”.

Para Moscovici, as representações sociais influenciam de maneira preponderante a forma como o indivíduo constrói sua realidade, pois essas representações mentais do mundo externo acabam permitindo ou não que determinados elementos da realidade sejam captados:

Eu não quero dizer que tais representações não correspondem a algo que nós chamamos o mundo externo. Eu simplesmente percebo que, no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que nós temos, aquilo que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados. (MOSCOVICI, 2011, p. 32)

Portanto, compreender as representações é importante, pois as mesmas acabam por gerar práticas concretas. Conforme Greca, “as representações sociais são preparações para a ocorrência de uma determinada ação” (GRECA, 2009, p. 67), pois acabam impondo um modo de se ver a realidade externa, além do que “nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura” (MOSCOVICI, 2011, p. 35).

Nesse sentido “as representações sociais estão assentadas em valores e princípios morais nos quais a sociedade, os grupos e os indivíduos se guiam para construir e reconstruírem os sentidos de suas ações” (MORIGI, 2004, p. 11).

Cabe destacar que as representações sociais também são formas de adaptar o conhecimento científico e sistemas ideológicos às necessidades e circunstâncias do sujeito, uma maneira de reconstruir um objeto de acordo com as regras de um grupo, pois as representações sociais “alimentam-se não só das teorias científicas, mas também dos grandes eixos culturais, das ideologias formalizadas, das experiências e das comunicações cotidianas” (VALA, 1993, p. 354)

Moscovici, em sua teoria, preocupou-se não apenas com a questão de como o conhecimento é produzido, “mas principalmente em analisar seu impacto nas práticas sociais” (OLIVEIRA, 2004).

Greca (2009, p. 67) sistematiza as três formas “moscovicianas” de uma representação se tornar social. A primeira é a “dispersão da informação: Trata-se da diferença entre a informação advinda dos atores sociais e a informação necessária para atingir o ponto de vista objetivo”. A segunda forma é a “focalização: diz respeito ao fato de como o grupo social enxerga o objeto, ou seja,

dentre os vários pontos de análise que um objeto pode ter, quais causam interesse e quais causam desinteresse para o grupo em questão”. E a terceira é a “pressão à inferência”: O objeto deve levar os sujeitos a terem um posicionamento e uma reação, ou seja, “é o momento em que surgem condutas e discursos coerentes sobre um objeto do qual não se possui um conhecimento suficiente”.

Assim, para se entender as representações sociais é preciso estudar as representações estabelecidas por sujeitos sobre algum objeto, “é alguém buscando a compreensão de algo, e este alguém é sempre social” (FONSECA, 2007, p. 24), pois as representações sociais fazem parte do universo consensual e se articulam de modo dinâmico com o universo científico, sendo ambos necessários para a construção do conhecimento. Portanto, “toda representação é a interpretação de algo existente, é o olhar social para um conceito disponível na sociedade” (MOSCOVICI, 2011, p. 27).

Essas representações do universo consensual buscam transformar os objetos não-familiares em familiares. Para apreender esse processo, Moscovici desenvolveu os conceitos de *ancoragem* e *objetivação*.

O processo de ancoragem passa pela apropriação de ideias estranhas ao indivíduo através da redução em categorias comuns:

É o enraizamento social da representação e tem o objetivo de operar e integrar de forma cognitiva o objeto representado dentro de um sistema pré- definido, integrando esses novos elementos de saber numa rede de categorias familiares (CHAMON, 2005, Apud GRECA, 2009, p. 73).

Através da ancoragem buscamos o que é familiar, de modo a realizar uma espécie de tradução da novidade e, assim, *ancoramos* o novo, o desconhecido, em algo familiar.

A ancoragem induz uma ação visando ao entendimento, mas sua

pretensão de validade postulada é frágil e intercambiável. A representação torna-se assim, para todos, um meio de interpretar os comportamentos, de classificar as coisas e as pessoas em uma escala de valores e nomeá-las. Tem a ver, portanto, com a identificação de pertencas sociais, dos posicionamentos recíprocos (percepção mútua de Si e do Outro) nas relações sociais (XAVIER, 2002, p. 27).

Já a objetivação é o processo que torna possível esse movimento de familiarização ou de construção da representação social, de tornar algo abstrato em algo concreto, e está inserida no campo cognitivo, sendo um processo mental do próprio sistema psicológico. "Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância" (MOSCOVICI, 2003, apud SANCOVSHI, 2007).

Desta forma, a Teoria das Representações Sociais possibilita tratar de questões simbólicas sem desconsiderar o dinamismo que existe entre a difusão de ideias e a sua absorção pelo sujeito, que participa da construção das mesmas de maneira ativa ou receptiva, variando de acordo com sua consciência.

## **2.2. Representações Sociais, História e Ideologia**

Temas como identidade, memória e representações passaram a ser temas comuns a obras de historiadores, psicólogos, sociólogos e antropólogos, especialmente a partir dos anos 1980.

No entanto, para os historiadores, a pergunta que se colocaria, seria a seguinte: a teoria das representações sociais, conforme formulada por Moscovici (2011) tem como aplicação somente questões do tempo presente, causando, assim, incompatibilidade entre a teoria e a história? Ou, ao contrário, é possível utilizá-la para dar suporte teórico aos trabalhos de cunho historiográfico, como esta pesquisa que pretende entender as representações sociais em jornais de



outro século, ou seja, caracterizado por sua natureza temporal? (CARVALHO; ARRUDA, 2008).

A resposta a essa pergunta é sim, pois, sendo sociais, as representações são históricas. Porém, é necessário situar de que corrente historiográfica estamos falando, pois, segundo os parâmetros da historiografia positivista isso não seria possível.

Em relação à História, o positivismo pregava, no século XIX, a objetividade das Ciências Exatas ou Biológicas como método de análise histórica. Através da organização de um *corpus* documental, caberia ao historiador analisá-lo à luz dos métodos científicos da observação, procurando extrair leis que explicassem o comportamento social, como fazem os biólogos com seu objeto de estudo, pretendendo, assim, contar os fatos como realmente ocorreram e não analisá-los à luz de outras evidências, mas deixar que o documento falasse por si, sem a interferência do pesquisador, cuja subjetividade comprometeria a produção do conhecimento científico.

No século XX, a ideia de objetividade em Ciências Sociais foi severamente criticada e a corrente historiográfica positivista foi superada pela “revolução francesa dos Annales”, que deu origem a novas abordagens, novos olhares sobre os velhos documentos, fazendo uso interdisciplinar das áreas da Antropologia, Economia, Psicologia, entre outras áreas das Ciências Humanas e Sociais. (CARVALHO; ARRUDA, 2008).

Conforme Arruda (2002), quando Moscovici formula sua teoria das representações sociais, em 1961, no livro *La Psychanalyse, son image, son public*, prevalecia ainda na Psicologia, enquanto paradigma, o enfoque behaviorista, no qual a experimentação estabelecia os limites do que era considerado científico.

Nesse sentido, a pesquisa de Moscovici, voltada para fenômenos marcados pelo subjetivo, captados indiretamente, apoiada em metodologias incomuns à época e dependendo, em grande medida, da interpretação do

pesquisador, afastava-se dos cânones da ciência psicológica normal de então.

Da mesma forma ocorreu no campo das Ciências Sociais, especialmente da História, como falamos acima. Marcada pela presença de determinada leitura do marxismo, o conceito de ideologia – entendido como um conjunto de ideias que formam uma “falsa consciência” e que ajudam a legitimar o poder político da classe dominante sobre as demais classes da sociedade (CHAUÍ, 1978) – era o mais empregado nas análises sociológicas e históricas até os anos 1970, sempre que se discutia o poder, as assimetrias e os conflitos sociais. A primazia do econômico sobre as demais esferas da realidade também afastava dos teóricos marxistas qualquer ideia de representação social.

Essa noção marxista de que a estrutura econômica determinaria a esfera das representações, que a infraestrutura determinaria necessariamente a superestrutura, ou que a existência é o que determina a consciência e não ao contrário, é criticada por Moscovici, que afirma que tal ideia:

Supõe que temos a possibilidade de atingir de fora o metal puro da existência humana, mas sob a condição de lhe retirar a ganga de representações e de crenças que a envolvem internamente. Assim, se verificaria a proposição que, da forma como os homens vivem, podemos deduzir o modo como estes homens pensam e sentem (MOSCOVICI, 2011, p. 18).

Para Rouanet (1978), com a inflexão que sofreu o marxismo nos anos 1960, tornou-se possível afrouxar o determinismo da infraestrutura/superestrutura, a partir do seu conceito de ideologia, que aparece então como um sistema socialmente necessário de representações, no qual a estrutura permanece inconsciente a seus protagonistas, e que expressa, sob a forma do imaginário, a relação vivida entre os homens e o mundo.

Como as representações sociais, é através da ideologia que os homens expressam como as condições de existência são vivenciadas e não as próprias condições de existência (ROUANET, 1978).

Além da Sociologia e Antropologia, a *História das Mentalidades*, corrente historiográfica formulada por historiadores franceses que, liderados por Marc Bloch (2005) e Lucien Febvre (2009), se reuniam em torno da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, abraçou o conceito de representação, colocando sobre ele o foco do simbólico e da memória. Novos objetos foram estudados à luz deste referencial: as atitudes perante a morte, os rituais e crenças, as formas de sociabilidade etc.

Assim, a integração entre os saberes das Ciências Sociais, História e Psicologia, e a incorporação da vida social, da cultura, na análise histórica não é nova, mas já estava presente, por exemplo, em 1924, na obra de Marc Bloch, ao destacar a natureza profunda dos fenômenos sociais em *Os Reis Taumaturgos* (BLOCH, 2005). A cultura, nesse caso, não era consequência das esferas política ou econômica, mas tinha a sua lógica própria, uma lógica profunda, apreendida somente na longa duração.

Da mesma forma, segundo Burke (1992), Jacques Le Goff trabalha há mais de trinta anos no que pode ser descrito como antropologia cultural do período medieval, indo da análise estrutural das lendas ao estudo dos gestos simbólicos da vida social.

É conhecida também a grande influência do antropólogo Levy-Bruhl sobre Lucien Febvre e sua obra sobre o problema da descrença no século XVI, a partir do estudo da mentalidade do homem quinhentista, em *O problema da incredulidade no século XVI* (FEBVRE, 2009).

Segundo Vainfas (1997), um dos refúgios da história das mentalidades é a chamada história cultural, que seria teoricamente mais consistente que a história das mentalidades porque pretende estudar o simbólico sem abrir mão da própria disciplina histórica, tentando corrigir os exageros e imprecisões teóricas dos anos 70.

Um dos principais expoentes desta corrente é o historiador francês Roger Chartier, que no final dos anos 1980, reforça o conceito de representações,

a partir da constatação da existência de uma crise geral das Ciências Sociais (CHARTIER, 1991).

Conforme Vainfas (1997), Chartier considera impossível estabelecer relações exclusivas entre formas culturais específicas e grupos sociais particulares, mas acredita em práticas culturais compartilhadas por vários grupos. Ele enfatiza que aquilo que os historiadores aceitam como estruturas objetivas, devem ser vistas como culturalmente construídas.

Desta forma, pode-se considerar que é possível o diálogo interdisciplinar entre a Teoria das Representações Sociais, originária da Psicologia Social, a História e as Ciências Sociais, especialmente a Sociologia.

Caberia, então, uma nova pergunta: O conceito de representação social é conciliável com o conceito de ideologia? Para responder essa pergunta é necessário primeiramente definir o que é uma ideologia, já que tal termo possui diversos significados.

Guareschi (2000), estabelece quatro eixos de significados para o termo ideologia: (1) a ideologia no sentido positivo, que remete à um conjunto de ideias, pensamentos, valores de um determinado grupo; (2) a ideologia no sentido negativo, que seria um conjunto de mistificações, de ideias enganadoras, que distorcem a realidade para beneficiar um determinado grupo; (3) a ideologia em sentido concreto, a ideologia se materializa em instituições como escola, igreja e família; (4) a ideologia em sentido dinâmico, que é vista como “a produção, reprodução e transformação das experiências vitais, na construção de subjetividades” (GUARESCHI, 2000, p. 42).

Relacionando esses quatro eixos (positivo; negativo, concreto e dinâmico) é possível estabelecer quatro vertentes ideológicas, que poderiam ser expressas da seguinte maneira: positiva/concreta; positiva/dinâmica; negativa/concreta; negativa/dinâmica.

Relacionando essas quatro vertentes ideológicas com a teoria de Moscovici (2011) observa-se que as representações sociais afastam-se das

concepções ideológicas concretas, que tendem a se tornar fixas, sejam de maneira positiva ou negativa, entretanto, vale frisar, que afastar não significa negar, pois embora as representações sejam flutuantes e mutantes, podemos encontrar em seu interior “astros duradouros e mais permanentes” (GUARESCHI, 2000, p. 44).

Com relação às vertentes dinâmicas existe uma aproximação entre ideologia e representações sociais, independentemente de serem vertentes ideológicas positivas ou negativas, pois “ao estudarmos uma representação social não nos fixamos imediatamente no caráter de positividade ou negatividade. Essa é uma questão posterior que, no caso, só interessa a quem estuda a ideologia (GUARESCHI, 2000, p. 44).

Dessa maneira é possível a partir de uma perspectiva ideológica dinâmica estabelecer uma ponte entre os conceitos de representação social e ideologia, sendo ela positiva ou negativa, essa postura aproxima-se do conceito ideológico de Gramsci:

Gramsci (1978) rejeitou explicitamente uma noção negativa de ideologia (dominação, alienação). Propõe uma distinção entre ideologias arbitrárias (espontâneas) e ideologias orgânicas (ideologias de classe), elegendo essas últimas como seu objeto de estudo” (XAVIER, 2002, p. 33).

Gramsci estabelece quatro níveis de ideologia, que partem de um maior grau de articulação intelectual para o menor, que em ordem decrescente seriam: o nível da filosofia; o nível da religião; o nível do senso comum; e o nível do folclore. “Aos três últimos níveis, pode-se associar aquilo que Althusser chama de ideologia em geral; essa última, por sua vez, talvez corresponda ao que aqui estamos chamando de representações sociais” (XAVIER, 2002, p. 34).

Outra possível aproximação entre Gramsci e Moscovici é o conceito de intelectuais, pois para Gramsci “não pode haver distinção absoluta entre intelectuais e não intelectuais, uma vez que o senso comum também desenvolve

suas teorias” (XAVIER, 2002, p. 34). Desta maneira Gramsci atribui valor ao conhecimento produzido a partir da esfera do senso comum, que é justamente o meio onde surgem as representações sociais, conforme postula Moscovici (2011).

Segundo Medeiros (2005), a Teoria das Representações Sociais de Moscovici trouxe para o campo do conhecimento científico, o pensamento comum, sem o analisar como “primitivo”, pré-lógico” ou supersticioso, como fizeram teóricos anteriores.

Dessa forma, tanto Gramsci, quanto Moscovici rompem o paradigma do iluminismo e do marxismo clássico, já que ambas as correntes desvalorizam o pensamento espontâneo por razões distintas. Para os marxistas, “o conhecimento espontâneo precisava ser purificado de suas irracionalidades ideológicas, religiosas e substituído por uma visão científica do ser humano, da história e da natureza, ou seja, pela visão marxista e materialista” (MEDEIROS, 2005, p.54). Já os iluministas tratam o pensamento comum como algo contaminado pela ignorância e superstições, algo que deveria ser substituído pelo pensamento científico racional.

O ponto comum entre as teorias de Gramsci e Moscovici está no reconhecimento do conhecimento das pessoas comuns, ainda que esse conhecimento não seja articulado, já que para Gramsci:

Todos os seres humanos teriam uma prática filosófica que interpreta o mundo, ainda que frequentemente de forma não sistemática e não crítica. Percebe-se, aqui, a estreita semelhança com a definição de representações sociais como teorias implícitas, espontaneamente elaboradas no cotidiano (XAVIER, 2002, p. 34).

Em uma perspectiva ideológica negativa, na qual um grupo através do domínio dos meios de comunicação tenta difundir um discurso para justificar certas superioridades ou inferioridades, existe uma aproximação direta com o conceito de hegemonia de Gramsci, mas essa perspectiva estaria de acordo com a teoria de Moscovici? A resposta dessa pergunta é afirmativa, pois:

A “origem” de uma representação pode já ser por demais longínqua a ponto de estar relacionada com um “conflito histórico” ou de ter alguma “funcionalidade social”, mas que a mesma representação em dado momento (histórico ou conjuntural) pode ser posta a serviço da prática hegemônica (seja em prol da mudança ou da manutenção do status quo) (XAVIER, 2002, p. 39).

O próprio Moscovici ao estudar as representações da psicanálise pela imprensa liberal francesa e pela imprensa comunista soviética encontrou adjetivos bem diversos sobre o tema, constatando que através da linguagem criavam-se diferentes conotações para determinadas realidades que eram colocadas como superiores, ou inferiores, conforme os interesses dos grupos.

Nesses casos mostram-se as relações entre as estratégias da ideologia e os significados de palavras, onde uma ideologia tenta transformar-se numa representação social, numa parte da cultura (MOSCOVICI, 1988, p. 379, apud GUARESCHI, 2000, p. 44).

A hegemonia de uma ideologia ocorre a partir do domínio dos meios de comunicação, pois tende a influenciar a criação de representações pela massa ao oferecer “uma visão de mundo supostamente mais coerente e sistemática, que não só influencia a massa da população, mas também serve como princípio de organização das instituições sociais” (XAVIER, 2002, p. 34).

Em uma perspectiva interdisciplinar, na qual os conceitos de representações sociais, ideologia e hegemonia estão integrados, teríamos o seguinte esquema teórico:



Fonte: XAVIER, 2002, p. 47

Uma pesquisa que estuda as representações sociais em um veículo de comunicação de massa tende a encontrar elementos que evidenciam as relações assimétricas entre quem produz a informação e quem a recebe, onde o discurso da mídia acaba por reproduzir, necessariamente, a ideologia de um grupo, que visa se tornar seu pensamento hegemônico.

### 2.3. Representações sociais e os meios de comunicação

Um dos primeiros estudos sobre representações sociais de Moscovici foi elaborado a partir da análise da psicanálise em jornais, na qual valeu-se da comparação de diversos tipos de periódicos de grande circulação, que tinham orientações marxistas e católicas. Nessa pesquisa, Moscovici estabeleceu três formas comunicacionais que reproduzem e mantêm as representações sociais, a “propaganda, propagação e difusão” (MOSCOVICI, 1978 apud GRECA, 2009 p. 75).

A propaganda teria como objetivo o controle sobre a opinião das pessoas, aparecendo em ambientes políticos, onde existe o confronto de grupos.



A propagação serve como uma ferramenta de regulação de crenças e posturas de um grupo frente a questionamentos externos. Por fim, a difusão é capaz de unir um grande número de pessoas em torno de um saber comum, é a expressão de um conhecimento capaz de repercutir entre os mais variados grupos.

Percebe-se que este tipo de comunicação é, em grande parte, difundido em sentido único. As mensagens são produzidas por um grupo de indivíduos e transmitidas para outro grupo em circunstâncias espaciais e temporais muito diferentes da encontrada pelo emissor. Assim, nota-se que os receptores não fazem parte do intercâmbio comunicativo, mas apenas são integrantes de um processo estruturado de transmissão simbólica (GRECA, 2009, p. 30).

Desta forma, a imprensa é produtora de representações que se tornam sociais através de sua difusão. “As instâncias institucionais, os meios de comunicação mediáticos ou informais intervêm na sua elaboração, por meio de processos de influência social” (CABECINHAS, 2004, p. 126).

Todo órgão de imprensa é, simultaneamente, receptor de mensagens e emissor de mensagens. No intervalo de tempo que separa a recepção da emissão, a informação é tratada e condicionada. (KIENTZ, 1973, p. 77).

Assim, consideramos que identificar as representações da pobreza e da caridade em jornais regionais, em determinado período do passado, possibilita a visualização dos símbolos que nortearam as práticas sociais daquele período, pois as representações surgem a partir de “explicações e afirmações que são produzidas a partir do cotidiano dos grupos, através das comunicações em geral, onde se elaboram os conhecimentos do senso comum” (WERNECK, 2005, p. 3). As representações vinculadas por jornais são, assim:

O produto da circulação de conhecimento e de ideias de grupos que estão em contacto mais ou menos próximo. Cada grupo cria as suas

próprias versões e partilha-as com os outros. Estas são representações *emancipadas*, com certo grau de autonomia, tendo uma função complementar uma vez que resultam da partilha de um conjunto de interpretações e de símbolos (CABECINHAS, 2004, p.126).

Conforme Greca, a comunicação, sob o prisma da representação social, é o fenômeno pelo qual um indivíduo influencia ou esclarece outro que, por sua vez, pode efetivamente fazer o mesmo em relação ao primeiro (GRECA, 2009, p. 75). Assim, o estudo das representações sociais elaboradas e disseminadas pela mídia possibilita analisar a forma como são construídas “as estruturas, os processos internos e as dinâmicas da lógica da produção e criação dos sentidos que dão sustentação a determinadas formas de conceber o mundo” (MORIGI, 2004, p. 11), que interferem nos modos de interação social.

Dentro do campo das representações sociais pode-se notar que os estudos da comunicação de massa possuem um papel primordial para as análises que revelam as formações das representações nos mais diversos grupos sociais (GRECA, 2009, p. 34)

Acompanhamos neste trabalho também as análises realizadas por historiadores sobre a participação da imprensa na vida política do país em períodos mais remotos da sua história, a partir da ideia de Jürgen Habermas sobre a constituição da *esfera pública*, processo no qual a imprensa ocupa um espaço de destaque.

Conforme o teórico da Escola de Frankfurt, a sociabilidade promovida pelos meios de comunicação, como jornais e panfletos, ajudou a tirar da esfera privada e levar para as ruas, a política, tornando-a parte da esfera pública, dentro do conceito de Habermas de que este é um espaço de controle, mas também da crítica exercida pelo público (HABERMAS, 1984, apud BARATA, 2005).

Dentro deste quadro de referências, foi possível perceber a importância da imprensa no processo de emancipação do Brasil e a formação de uma “opinião

pública” a partir da pressão de periódicos da cidade do Rio de Janeiro pela constituição de uma Assembleia para elaborar a primeira Constituição do país, em 1824 (LUSTOSA, 2000).

O estudo das representações sociais presentes nos periódicos da cidade, no período estudado, possibilita também analisar a maneira pelo qual os jornais difundiram a ideologia capitalista na cidade de Taubaté, pois:

Como facilmente se verifica não tem o homem, em geral, conhecimento direto do mundo e dos fatos. Esses conhecimentos ele obtém através dos meios de comunicação de massa, que formam assim uma “espécie de pseudo ambiente entre o homem e o mundo objetivo real” (LAGO, 1971, p. 50).

Conforme teorizou Gramsci, a sociedade civil – uma das esferas do Estado, ao lado da sociedade política, onde se concentra o poder repressivo da classe dirigente (governo, tribunais, exército, polícia) – é constituída pelas associações ditas privadas (igrejas, escolas, sindicatos, clubes, meios de comunicação), nas quais a classe dirigente busca obter o consentimento dos governados, através da difusão de uma ideologia unificadora, destinada a funcionar como cimento da coesão social (GRAMSCI, 1958).

Neste contexto, o jornal, segundo Gramsci, é o veículo mais importante para o exercício da função dirigente de um grupo hegemônico, pois pode funcionar como partido político, no sentido de aglutinar uma concepção de mundo dispersa e facilitar sua absorção (GRAMSCI, 1958).

Alguns jornalistas que atuavam no período estudado demonstravam ter consciência da sua importância como formadores de opinião quando escreveram: “É o jornal que estabelece o critério por que têm de ser julgados fatos da vida civil e da vida moral” (Almanach Ilustrado do Diário de Taubaté para 1899, Apud, SOTO, 2000, p. 221).

A relação entre a imprensa e o desenvolvimento do capitalismo é

importante de ser evidenciada, pois existe uma difusão de valores e imagens que irão contribuir para a construção de representações de cunho liberal. Essa relação é constatada por Sodré:

Por muitas razões fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações (1999, p. 1).

Nesse sentido, o período estudado é exemplar para identificar as representações sociais da pobreza e da caridade em jornais de Taubaté, pois, trata-se do período em que ocorre a migração de pessoas do campo para cidade, principalmente devido à crise cafeeira, o que criou um contingente de desocupados no meio urbano que não foram absorvidos como mão de obra pelas fábricas que, gradativamente, se instalaram na cidade, colaborando para gerar um cenário de pobreza urbana.

Diante deste contexto, consideramos que o período é propício para verificar as transformações na forma de se enxergar a pobreza e na forma de se praticar a caridade, uma vez que as representações sociais “são elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento” (FRANCO, 2004, p. 171).

#### **2.4. Os diferentes olhares sobre a pobreza na História**

Os conceitos de pobreza e de caridade precisaram ser definidos a partir de seus contextos históricos, de modo a identificar as representações sociais nos

textos jornalísticos da época pesquisada. A ausência de uma definição demasiado específica ocorre porque a própria análise das representações traz definições conceituais sobre a pobreza e a caridade. Bronislaw Geremek já mostrou as dificuldades existentes entre historiadores e os demais cientistas sociais na definição e, especialmente, na mensuração da pobreza. Segundo o autor, “a incapacidade das ciências sociais de oferecer definição e delimitação claras do objeto repercute nas esferas estatais no momento de proposição e implementação de políticas públicas de combate à pobreza (GEREMEK, 1997 apud VISCARDI, 2009).

Em outras palavras, a definição prévia desses conceitos foi o ponto de partida da pesquisa, que buscou entender como as representações sociais influenciaram na formação dos próprios conceitos.

A maneira de se olhar e conceituar a pobreza, ao longo do processo histórico determinou o tratamento dado aos chamados pobres, pois “tais diferentes olhares sobre a pobreza foram acompanhados de estratégias construídas para a sua superação ou amenização, as quais igualmente variaram no tempo e no espaço” (VISCARDI, 2009, p. 1).

Durante a Idade Média a opção pela pobreza era vista como uma virtude e, portanto, valorizada. Para as pessoas pobres devido a algum tipo de dificuldade ou deficiência existia a ajuda caridosa de pessoas abastadas que queriam aliviar a própria culpa por praticarem a usura, tão condenada pela Igreja. “Assim, a existência da pobreza viabilizava a salvação dos ricos” (VISCARDI, 2011, p. 180).

Esse panorama começou a mudar na Europa a partir do século XIII, devido à crise econômica que atingiu o continente, ao aumento populacional, a peste negra e a Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra. Nesse período ocorreu o rompimento dos laços sociais de ajuda mútua que existiam no campo, uma vez que grandes contingentes de pessoas migraram para as cidades. Nesse cenário, “a pobreza deixou de ser oportunidade espiritual para ser problema

social” (Roberts, 1996, p.48 Apud VISCARDI, 2011, p. 180-181). Com a diminuição drástica da pobreza voluntária a partir da metade final do século XII, foi se consolidando a ideia de deveres e direitos dos pobres. A partir de regras estabelecidas pela Igreja, foram definidos aqueles pobres que mereciam ajuda e os que eram condenados à miséria.

A partir do século XVI, após o Renascimento e a Reforma Protestante, a pobreza passa a ser ainda mais desprezada. O fim das amarras servis do campo e o livre acesso ao trabalho assalariado nos séculos XVII e XVIII representaram para os trabalhadores o fim dos mecanismos de proteção social, principalmente para os que não encontravam empregos. Esses trabalhadores tornaram-se os pobres e indigentes das cidades, pessoas que tinham capacidade para o trabalho, mas que caíram na miséria por não acharem uma ocupação (CASTEL, 1998).

A partir do século XIX, no contexto da sociedade industrial europeia, surgem mudanças na maneira de se conceber a pobreza. “Em vez de entenderem a pobreza como resultante de algum desvio moral, passaram a atribuir o fato a condicionantes ambientais, genéticos ou até mesmo sociais” (KIDD, 1999, p.60 Apud VISCARDI, 2011, p. 182).

No século XX, a pobreza continuava a fazer parte da paisagem urbana, apesar da prosperidade econômica dos países centrais do capitalismo. Exemplos de como a pobreza foi retratada de diferentes maneiras podem ser observados a partir da França e dos Estados Unidos.

Durante a década de 1970, os franceses, diante da persistência da pobreza, apesar dos anos dourados das décadas do pós-guerra, passaram a ver os excluídos como pessoas inaptas. Ao lado dos deficientes físicos, doentes mentais, crianças abandonadas e alcoólatras, estavam os vagabundos e famílias “que não encontravam trabalho e viviam de expedientes” (Cf. LANOIR, 1974, p. 27-28 apud IVO, 2010, p. 23).

Considerar uma pessoa inapta nesse contexto é constatar a

incapacidade do indivíduo, seja por limitações físicas, mentais ou morais, de adaptar-se à dinâmica do sistema capitalista industrial.

Nos EUA, a ideia de uma *underclass* surge durante a década de 1960, no livro *Challenge to affluence*, do sueco Gunnar Myrdal, que a descreve como “resultante de fatores ligados ao desemprego estrutural” (IVO 2010, p. 24), sendo que essa pobreza tende a se perpetuar e aumentar, pois os grupos, além das dificuldades econômicas, sofrem com as discriminações.

Leituras mais conservadoras da realidade, ainda no século XX, apontam para existência de dois tipos de pobres, os que mereceriam a ajuda do Estado e os que não mereceriam, pois sua pobreza seria resultado de seus próprios vícios.

Essa visão moral da pobreza não é nova e, desde o século XIX, as instituições caritativas dividiam os pobres em “meritórios” e os “não meritórios”, estes que, na versão mais moderna, constituem a *underclass*. O que é novo, segundo Fassin (1996), é que os não meritórios do século XX compõem-se, na sua maioria, da população negra, de origem rural, à qual se associaram traços estigmatizantes, característicos de certa “cultura da pobreza”, como passividade, irresponsabilidade, instabilidade e dependência (IVO, 2010, p. 24).

Assim, vemos que a forma de se tratar a pobreza e a maneira como a mesma é representada estão intimamente ligadas a questões ideológicas, pois quando se culpabiliza o indivíduo por sua miséria retira-se o foco do sistema econômico e social que produz as desigualdades. Em épocas de crise, criam-se as categorias de quem merece receber a ajuda da sociedade, mas nunca é atacada a concentração de renda nas mãos de uns poucos, em outras palavras, justifica-se a miséria de muitos e o *status quo* de alguns, se mantém.

Esta pesquisa apoiou-se na noção de pobreza estrutural do sistema capitalista industrial gerada nas cidades a partir da Revolução Industrial. A pobreza estrutural pode ser caracterizada pelo desnível de riquezas entre a grande massa trabalhadora e os proprietários das indústrias.

Assim, neste trabalho foi empregado o conceito de pobreza utilizado por Maria Aparecido Comegno (1990, p. 31): “a noção de pobreza reflete situações mais estáveis de acúmulo de privação, absoluta ou relativa, e recompõe num plano estrutural as distâncias sociais e econômicas entre os grupos com o conjunto da sociedade”.

Este conceito se aproxima daquele definido por Raichelis, para quem a situação de pobreza da população nada mais é do que a “expressão das desigualdades sociais produzidas e reproduzidas na dinâmica contraditória das relações sociais” (RAICHELIS, 2006, p. 17).

No Ocidente, a caridade foi historicamente relacionada ao cristianismo católico, como uma forma de amor ao próximo, embora em todas as sociedades, sempre se reconheceu a virtude de ajudar aos pobres, ao mesmo tempo em que aceitava a inevitabilidade das diferenças sociais e da miséria humana. Conforme Michael Katz:

Antes do século XIX teria sido absurdo imaginar a abolição da pobreza. Os recursos eram finitos, e a vida era dura. A maioria das pessoas nasciam, viviam e morriam na pobreza. As questões eram, então, quem, entre os necessitados, deveria receber ajuda? De que maneira a caridade deveria ser administrada? (KATZ, apud SCHWARTZMAN, 2004, p. 13)

Durante a presente pesquisa também foi preciso definir parâmetros conceituais para estudar a questão da criminalização da pobreza e sua estigmatização. Para isso usou-se como referência a obra de Michel Foucault (2008, p. 223), que aponta para o fato do sistema punitivo perpetuar a criminalidade entre as classes mais pobres, pois “a quebra de banimento, a impossibilidade de encontrar trabalho, a vadiagem são os fatores mais frequentes da reincidência”, sendo que esse processo de exclusão social pode ser entendido dentro da perspectiva da luta de classes, pois a prisão cria um tipo de delinquência que não vai alterar estrutura do próprio sistema.



Para a fundamentação histórica da pesquisa do ponto de vista regional, isto é, no município de Taubaté foram utilizadas as obras de José Carlos Sebe Bom Meihy (1981) e de Maria Cristina Martínez Soto (2000), além dos trabalhos de Andrade e Abreu (1996), Antônio Melo Júnior (1976) (1978) (2011) e os artigos de Menezes e Papali (2006) (2007), que abordam aspectos da história do município no aflorar do século XX.

A pesquisa foi situada nacionalmente no contexto do desenvolvimento das políticas sociais no Brasil, tendo como referência as obras de Sposati (1988), Telles (1993), Berhing e Boschetti (2006), Mestriner (2001) e Castel (2000), além do clássico de Lúcio Kowarick, *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil* (1987).

## **2.5. Pobreza e a Caridade no Contexto Liberal**

Para uma perspectiva global do desenvolvimento do capitalismo internacional foram utilizados trabalhos do historiador inglês, Eric Hobsbawm (1988), e para situar cronologicamente os acontecimentos citados foi utilizada a obra de Geoffrey Blainey (2009).

A periodização adotada neste trabalho (1899-1935) se justifica pelas grandes transformações urbanas e sociais que ocorreram no fim do século XIX e que serviram para delinear as décadas seguintes até a Primeira Grande Guerra. Conforme Hobsbawm, “boa parte do que continua sendo característico de nossa época ter sua origem às vezes muito súbita, nas décadas que precederam 1914” (HOBSBAWM, 1988 p. 21).

Desde o século XIX, mas especialmente em seu final, a burguesia urbana criou e expandiu uma sociedade alicerçada em valores que permitissem o desenvolvimento do setor industrial. Esse processo de expansão levou “à conquista audaciosa do planeta pela economia capitalista, conquista essa

realizada por sua classe característica, a 'burguesia', e sob a bandeira de sua expressão intelectual característica a ideologia do liberalismo” (Idem, p. 23).

Concomitante a isto, o final do século XIX foi marcado por grande desenvolvimento científico e econômico na Europa, graças à Revolução Tecno-Científica ou Segunda Revolução Industrial, que viu surgir o telefone, o telégrafo sem fio, o cinema, o automóvel, o avião, além de produtos de uso cotidiano, como a bicicleta e a aspirina, que facilitaria a vida de muitas pessoas, especialmente os trabalhadores. A principal inovação, no entanto, consistiu no emprego do aço e das turbinas nas novas indústrias baseadas na eletricidade, na química e no motor de combustão (PRADO, 1985).

Tudo isso refletiu na economia, tornando sua base geográfica mais ampla, devido à expansão dos avanços tecnocientíficos a outros países como Rússia, Suécia, Holanda, EUA e até Japão. Isto revela que a economia tornou-se mais pluralista, pois a economia britânica deixou de ser a única totalmente industrializada. Dividindo com outros países as relações econômicas. Em 1860, metade do total das exportações da Ásia, África e América Latina eram destinadas à Grã-Bretanha. Em 1900, este valor tinha caído para  $\frac{1}{4}$  e as exportações daqueles países à Europa ocidental já eram maiores que as destinadas à Grã-Bretanha, então de 31% (HOBSBAWM, 1988).

Nesse contexto, o setor de comunicação também passou por uma revolução e “uma de suas consequências mais óbvias foi a criação dos meios de comunicação de massa, que só agora merecem esse nome. Um jornal britânico atingiu pela primeira vez uma tiragem de um milhão de exemplares nos anos de 1890, e um francês por volta de 1900” (HOBSBAWM, 1988 p. 82). É bom lembrar que os países centrais do capitalismo apresentavam uma maior taxa de alfabetização de sua população.

Vivia-se, então, num tempo de prosperidade, até as massas trabalhadoras se beneficiavam com essa expansão, na medida em que a economia industrial empregava mão de obra intensiva e sua oferta de trabalho não

especializado era quase ilimitada. “Para os europeus ricos e da classe média, esta época representou a *belle époque*, o paraíso que seria perdido após 1914. Contudo, embora a economia fornecesse trabalho, para a maioria dos trabalhadores isto não propiciava mais que um alívio modesto à miséria” (HOBBSAWM, 1988, p. 85).

As décadas finais do século XIX marcam também, especialmente a partir de 1880, a plena inserção da América Latina no mercado mundial, atendendo à demanda dos prósperos países industrializados. Diversos países se especializam então na produção de minérios, de metal bruto, como a Bolívia, o Peru e o Chile. Posteriormente, México e Venezuela passam a produzir petróleo, o Brasil, depois de um breve surto de borracha, volta suas atenções para o café. A entrada do capital estrangeiro proveniente dos países industrializados, finalmente, possibilitará a acumulação interna de capital, os investimentos locais e o ressurgimento de um setor privado altamente capitalista e empreendedor nos grandes centros urbanos (PRADO Jr., 1980).

A partir de 1880, e em poucos anos, cidades como Rio de Janeiro, Buenos Aires, Montevideu, São Paulo, que concentraram a produção de produtos destinados ao mercado mundial, duplicaram ou triplicaram a sua população entre 1880 e 1930. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, passou de 550 mil (1900) para mais de 1 milhão (1920), e Buenos Aires, devido ao afluxo de grande número de imigrantes, passa de 677 mil em 1895 para 2 milhões de habitantes em 1930 (ROMERO, 2006). As sociedades latino-americanas se transformaram de sociedades onde dominavam formas de vida e mentalidade tradicionais para sociedades urbanas, com cultura urbana, processo denominado por Romero de “aburguesamento” das cidades, modificando totalmente a sua fisionomia.

Com o objetivo de apagar o passado colonial para instaurar formas da vida moderna, as cidades deixam de ser coloniais para se tornarem “cidades burguesas”. A ideia que predomina, tanto na cidade de São Paulo, como no interior do Estado, é transformar a “grande aldeia” em uma moderna cidade. Nas grandes metrópoles, isto ocorre através abertura de novas avenidas e bairros,

criação de parques e passeios, construção de teatros, clubes, cinemas, seguindo o exemplo do barão de Haussmann, em Paris.

A transição do século XIX para o século XX foi marcada pela crescente politização dos segmentos urbanos que, por sua vez, produziu uma mudança nos estilos de vida nas cidades. Porém, a transformação fundamental que ocorreu no perfil das cidades latino-americanas, foi o surgimento de novos grupos sociais, de “novas classes médias”, especialmente de novos grupos populares, frutos da migração europeia e da zona rural para a urbana.

Nesse processo de urbanização das cidades ligadas à economia de exportação novos movimentos sociais urgiram, condição inerente aos núcleos urbanos. A importância do Estado passa a ser de agente de controle social, pois age como instrumento físico de repressão e de controle, regulamentando e enquadrando os novos grupos.

Como consequência destas transformações sociais, foi intensa a presença de ex-escravos e de homens e mulheres pobres nas cidades, bem como de contingentes significativos de migrantes oriundos de distintas regiões do país. É este conjunto heterogêneo - em termos de origens, identidades, experiências, expectativas, - línguas até - que foi compondo, nos centros urbanos em acelerada expansão, uma população trabalhadora social e culturalmente diversificada, que ocupou o lugar comum da pobreza. “Em sua convivência, estes trabalhadores urbanos produziram identidades, experimentaram a dissidência e a diversidade em seus embates da vida comum, mas também foram *produzidos* enquanto homogeneidade por outros sujeitos sociais: como “classe operária”, mas também como “classes perigosas” (CHALHOUB, 2001).

Neste contexto, aumenta o número de “marginalizados”, que tiveram também seu perfil modificado: passaram a ser traficantes, jogadores, ladrões envolvidos em atividades de grandes lucros. Outra consequência deste ciclo de transformações urbanas é o aumento da distância entre ricos e pobres, modificando também o sentimento de solidariedade das classes mais altas para com os pobres. A sociedade passou a medir o valor das pessoas pelo seu dinheiro

(ROMERO, 2006).

Tudo isso resulta no pauperismo urbano. Este processo, no entanto, teve seu início no começo do século XIX com as primeiras transformações sociais provocadas pela substituição dos homens pelas máquinas nas grandes cidades como Londres, gerando, devido ao desemprego em massa, o chamado *lumpemproletariado* urbano, categoria residual para Marx, formado por pessoas que, por estarem fora do mercado formal de trabalho, vivem na mais profunda miséria.

Segundo Bresciani, ao percorrer as ruas principais de Londres, em 1840, Engels, concluiu que os ingleses tiveram que sacrificar a melhor parcela de seus homens na tarefa de atingir todos os milagres da civilização. A descrição dessa cena é impactante:

Ao lado de Oxford Street, de Regente Street e de Trafalgar Square [ruas largas e bem iluminadas, freqüentadas pela alta sociedade londrina], uma massa de casa de 3 a 4 andares, construídas sem planejamento, em ruas estreitas, sinuosas e sujas, abriga parte da população operária. Nas ruas a animação é intensa, um mercado de legumes e frutas de má qualidade se espalha, reduzindo os espaços para os passantes. O cheiro é nauseante. A cena torna-se mais espantosa no interior das moradias, nos pátios e nas ruelas transversais: não há um único vidro de janela intacto, [...] os batentes das portas e janelas estão quebrados e as portas, quando existem, são feitas de pranchas pregadas. Nas casas até os porões são usados como lugar de morar e em toda parte acumulam-se detritos e água suja. Aí moram os mais pobres dentre os pobres, os trabalhadores mal pagos misturados aos ladrões, aos escroques e às vítimas da prostituição (BRESCIANI, 1982, p. 22).

Este cenário fez surgir o tema da “questão social”, designando o fenômeno de pobreza crescente entre os membros da classe operária na sociedade capitalista. “A questão social diz respeito ao conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura” (IAMAMOTO, 2001, p. 16).

Para Castel (1998), a expressão *questão social* passou a ser utilizada

por volta de 1830 com o objetivo de evidenciar um fenômeno novo, fruto da primeira etapa de industrialização na Europa ocidental – o *pauperismo* – que atingia a classe trabalhadora no contexto de ascensão do capitalismo industrial.

O mesmo cenário se repete no Brasil, nas grandes e pequenas cidades, como Taubaté, que vive um processo de modernização conservadora que atinge a década de 1930. Por modernização conservadora entendemos, como Moore Jr. (1975), aqueles processos históricos que tentam implantar uma nova ordem burguesa sem, no entanto, destruir efetivamente as estruturas sociais, políticas e econômicas anteriores, arcaicas; ao contrário, devido a pactos políticos orquestrados no interior das sociedades locais, são aprofundados os laços entre os grandes proprietários de terra e a burguesia local, excluindo os demais grupos sociais do direito pleno à cidadania.

## **2.6. O liberalismo excludente da Primeira República**

Como vimos acima, a Questão Social é “indissociável do processo de acumulação e dos efeitos que produz sobre o conjunto das classes trabalhadoras, o que se encontra na base da exigência de políticas sociais públicas” (IAMAMOTO, 2001, p. 11).

Neste sentido, a polarização entre ricos e pobres não constituía nenhuma novidade, porém “era radicalmente nova a dinâmica da pobreza que se ampliava e generalizava entre a grande massa da população”. Pela primeira vez, observa a autora, a pobreza não era resultado da escassez, mas, ao contrário, “era fruto de uma sociedade que aumentava a sua capacidade de produzir riqueza” (RAICHELIS, 2006, p. 14).

Este quadro se deve às mudanças ocorridas na sociedade com o desenvolvimento da economia liberal, que marcou, ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o triunfo histórico da burguesia e de sua

ideologia e valores. Aquela sociedade de privilégios, de títulos de nobreza como sinais de distinção, deu vez, desde as revoluções burguesas do século XVIII, a uma sociedade de direitos, de cidadãos mas também, a uma sociedade que se fundamenta “no *mérito* de cada um em potenciar suas capacidades supostamente *naturais*” (BERHING; BOSCHETTI, 2006, p. 60-61). Com isso a ideologia liberal seria a grande inimiga da antiga caridade, muito influenciada pelo catolicismo social, ideologia da Igreja no século XIX, que pregava a aproximação entre capital e trabalho.

Neste contexto liberal-burguês, a forma como a pobreza é vista muda drasticamente, principalmente se observarmos a Europa Ocidental. Durante a Idade Média, como vimos, a pobreza era vista como uma “virtude daqueles que por ela optavam com o fim de expurgar pressupostos pecados. Mais tarde, constituiu-se em indício da presença de vícios, como a preguiça, o desânimo, a imprudência, ou da ausência de caráter” (VISCARDI, 2009, p. 1).

Em outro sentido, Sérgio Buarque de Holanda (1995) comenta que os portugueses ao chegarem à colônia e observarem o “desprezo” dos índios pelo trabalho na lavoura reconheciam neles certa “nobreza”, típica da Península Ibérica, onde a própria burguesia mercantil, ao enobrecer-se, assimilou o desprezo pelo trabalho e o gosto pela aventura.

Com a consolidação da ideologia liberal, especialmente ao longo do século XIX, a pobreza passou a ser um problema dos indivíduos, que por sua incapacidade pessoal, não conseguiam se inserir no mercado. Porém, já no século XIX surgem críticas às ideias liberais e a pobreza passa “a ser vista como um mal derivado das circunstâncias históricas, e responsabilizaram-se agentes econômicos impessoais, como o mercado, os mecanismos desiguais de distribuição de renda, o desemprego e tantos outros” (VISCARDI, 2009, p. 1-2).

No contexto liberal também, as políticas sociais seriam consideradas desnecessárias, pois estimulariam o ócio, interferindo no controle do crescimento populacional. Para os liberais mais radicais, a miséria seria natural, uma espécie de mecanismo da natureza para selecionar os melhores. “O liberalismo, nesse

sentido, combina-se com o darwinismo social, em que a inserção de seus indivíduos se define por mecanismos de *seleção natural*” (BERHING; BOSCHETTI, 2006, p. 60-61). Ou seja, a miséria deveria ser encarada de maneira natural e a filantropia deveria atuar somente em casos extremos.

Dentro desse raciocínio, caberia ao estado liberal-burguês somente três funções: proteção contra inimigos externos; proteção de um indivíduo contra ofensas de outro indivíduo; e a realização de obras públicas, que não podiam ser realizadas pela iniciativa privada. Nesse modelo de Estado, portanto, não existe espaço para políticas sociais públicas (BERHING; BOSCHETTI, 2006).

A maneira de lidar com a pobreza, no século XIX e ainda no século XX, quase sempre foi repressiva, sendo que a filantropia deveria ser exclusiva de setores privados e praticada somente em casos específicos, em que não se prejudicasse a necessidade de trabalho.

A interpretação de Smith, sobre a “massa de homens sem propriedade, vista como o(s) inimigo(s) da ordem pública”, expressa um tipo de representação até hoje prevalecente, que articula o processo de empobrecimento em massa que acompanhou a constituição dos mercados de trabalho capitalista a uma visão repressiva da pobreza urbana ou à ideia de uma ordem social regulada pelos proprietários (IVO, 2010, p. 17).

Conforme Berhing e Boschetti (2006), as transformações sociais no estado liberal somente ocorreram devido às lutas dos trabalhadores. Na Europa, especialmente, através de suas organizações coletivas, os trabalhadores conseguiram pressionar o Estado para a adoção de políticas sociais. É válido ressaltar que nesse momento, meados do século XIX, os trabalhadores conseguem conquistar direitos políticos. Por isso, o século XIX é considerado como o período no qual o Estado capitalista assume políticas sociais.

Foram as lutas sociais que romperam o domínio privado nas relações entre capital e trabalho, extrapolando a questão social para esfera pública, exigindo a interferência do Estado para reconhecimento e a



legalização de direitos e deveres dos sujeitos sociais envolvidos (IAMAMOTO, 2001, p. 17).

No Brasil, este processo demora mais tempo para ocorrer e ter seus trabalhadores organizados já que o processo de industrialização começou tardiamente, por isso as características de nosso desenvolvimento social são peculiares. A economia agrária se caracterizou sempre por estar voltada para fora, por ser de exportação, desde os primórdios da colonização portuguesa. Essa dependência fez com que a economia brasileira ficasse vulnerável às oscilações externas e mantivesse seus trabalhadores ligados a este setor, dificultando a implantação das formas de organização operária que predominaram nos países industrializados europeus.

No campo do desenvolvimento do liberalismo também se passou de forma diferente dos demais países: os antigos senhores do período colonial apropriaram-se, durante o Império e a Primeira República da máquina estatal para uso pessoal, configurando, no Império, a elite imperial, os donos do poder, (CARVALHO, 2009) e no primeiro período republicano, as oligarquias que dariam nome ao período, conhecido como República das Oligarquias ou República dos Coronéis (JANOTTI, 1981).

Isso se deve, principalmente, à falta de distinção que marcou a história do Brasil, desde a colônia, entre público e o privado, patrimônio público e do Estado, levando à confusão que ainda hoje conhecemos, ao uso privado da coisa pública (FAORO, 2001).

Assim, é difícil falar de um genuíno pensamento liberal de Estado mínimo no Brasil, já que a burguesia se apossou do Estado em proveito próprio (BERHING; BOSCHETTI, 2006). Os trabalhadores brasileiros assalariados tiveram que se libertar do ranço escravocrata dos patrões e isso acelerou as lutas por conquistas de políticas públicas, especialmente após a chegada dos imigrantes europeus no Brasil, relativamente acostumados a formar sindicatos para reivindicar direitos. Dessa forma surgiram as primeiras tentativas de implementação de políticas sociais no Brasil, ainda sob a forma básica da

proteção para o trabalho.

As primeiras reivindicações trabalhistas no Brasil, já no século XX, foram, no entanto, fortemente reprimidas e tratadas como caso de polícia. A reivindicação da redução da jornada de trabalho para oito horas, conquistada na Europa desde 1919, era incompreendida pelos patrões e instituições da sociedade, como pela Igreja.

Conforme Rago (1985), naquele período, os jornais católicos reclamavam que as oito horas que eram reivindicadas para uso do culto ao espírito e do intelecto seriam gastas em tabernas, bebendo, jogando, ou com prostituição. Por isso, a lei de oito horas deveria ser condenada, pela consequência negativa que traria aos povos. Empresários também achavam que limitar as horas de trabalho era facilitar o caminho do vício e da corrupção. O Estado, neste contexto, fazia jogo duplo: ao mesmo tempo em que buscava proteger os trabalhadores e assegurar o direito da vida em família, achava que havia realmente uma força latente de desordem, que levaria a insurgências ou propósitos revolucionários.

Dessa forma, o discurso e a prática social da época pesquisada convergem, principalmente, para o enaltecimento do trabalho como recurso de superação da pobreza, o que significa dizer que o não-trabalho se identifica com a vadiagem, que é mãe do crime, da imoralidade, dos vícios, da preguiça, pois nesse período “pobreza passou a significar sujeira, que significava doença, que significava degradação, que significava imoralidade, que significava subversão” (PATTO, 1999, p. 184).

A ideologia liberal tentará, mais uma vez, naturalizar a pobreza, e o fato de ser pobre é retratado muitas vezes como uma patologia. “Num registro e no outro, a pobreza é transformada em natureza, resíduo que escapou à potência civilizadora da modernização e que ainda tem que ser capturado e transformado pelo progresso” (TELLES, 1993, p. 3).

No Brasil da Primeira República, os segmentos marginalizados são justamente aqueles que serão enquadrados nas leis contra vadiagem, pessoas

que não eram propriamente criminosos, já que “na categoria de ‘vadios’ estavam, sim, os negros deixados à própria sorte desde a Abolição e objetos de preconceito racial, mas também toda uma gama de “pobres livres”, cujo trabalho era socialmente desnecessário”. A luta diária pela vida levava-os a improvisar vários tipos de afazeres, “desde ocupações autônomas, bicos e subemprego temporário, que movimentavam a economia informal, até outras formas de sobrevivência, como o roubo, o jogo, a prostituição e a mendicância” (PATTO, 1999, p. 174).

Importante mencionar que, neste período, a maneira como a pobreza é representada influencia de maneira determinante o modo como os “pobres” serão tratados. Esse é um tema importante, pois, em um sistema no qual a desigualdade é intrínseca, como é o caso do capitalismo, a pobreza de segmentos da sociedade sempre existirá.

Durante a Primeira República, o Estado não intervinha. [...] O que existia na área da assistência era desenvolvido pela Igreja Católica, com quem o Estado republicano não se relacionava, por considerar que o social não era função pública (MESTRINER, 2001, p. 67).

O uso da mão de obra escrava, na maior parte da história do Brasil, deixou marcas profundas na sociedade brasileira que acabaram também, por moldar o liberalismo republicano, marcado, além da indistinção entre público e privado, como vimos, também pelo patriarcalismo autoritário, “que traduz diferenças e desigualdades no registro de hierarquias que criam a figura do inferior que tem o dever da obediência, que merece o favor e proteção, mas jamais os direitos” (TELLES, 1993, p. 3).

A propagada ideia de inaptidão dos pobres que coloca nos ombros do indivíduo toda a culpa de seu fracasso, promove a justificativa do autoritarismo das elites, pois, fixa a pobreza como:

Marca da inferioridade, modo de ser que descredencia indivíduos para o exercício de seus direitos, á que percebidos numa diferença incomensurável, aquém das regras da equivalência que a formalidade

da lei supõe e o exercício dos direitos deveriam concretizar, do que é prova evidente a violência policial que declara publicamente que nem todos são iguais perante a lei e que os mais elementares direitos civis só valem para os que detêm os atributos de respeitabilidade, percebidos como monopólio das "classes superiores", reservando às "classes baixas" a imposição autoritária da ordem (TELLES 1993, p. 3).

Desse modo, muitas vezes os trabalhadores nacionais “tenderam a afundar-se na miséria itinerante e sem destino, preferindo essa situação do que se submeter às regras de domínio com que os senhores tratavam os escravos” (KOWARICK, 1987, p. 110-111).

Nas cidades brasileiras o assalariamento se caracterizava por uma concepção “altamente espoliativa da força de trabalho e, além disso, num clima de mandonismo, paternalismo e conformismo” (SPOSATI, 1988, p. 93). Tudo isso colaborou para gerar um cenário de pobreza urbana contínuo no século XX.

Uma massa de trabalhadores pobres acumulava-se no espaço urbano e vendia sua força de trabalho a preços que degradavam a vida, quando não a inviabilizavam, ou dedicava-se a outras ocupações, em nome da sobrevivência. Sem alternativas no mercado de trabalho, muitos ex-escravos e seus descendentes viviam em situação de desemprego crônico ou agregados a famílias ricas, onde exerciam extensas jornadas de trabalho doméstico não-remunerado (PATTO, 1999, p. 169).

Assim, vemos que a passagem da economia baseada na mão de obra escrava para uma economia com trabalho assalariado livre, não trouxe avanços no campo do desenvolvimento humano dos trabalhadores.

Os trabalhadores nacionais, vistos como vadios e indolentes (KOWARICK, 1987), foram excluídos do trabalho nas lavouras e nas indústrias para dar lugar aos imigrantes. Este cenário, predominante na Primeira República, se alterará somente durante a Era Vargas, quando o trabalhador nacional passará a ser valorizado, desde que apoie o governo Vargas, e o estrangeiro a ser visto como elemento perigoso devido à ao grande avanço das ideologias totalitárias de

direita e esquerda na Europa e no Brasil na década de 1930.

Vale lembrar que a maneira como a população pobre urbana foi tratada durante a Primeira República no Brasil pouco lembra o sutil controle repressivo mencionado por Foucault (2008) nos países Europeus do século XVIII.

Embora também existissem mecanismos de controle disseminados na sociedade além do aparelho estatal, a violência, comumente empregada no campo, foi reproduzida nas cidades: “o Estado brasileiro primeiro republicano não agia com sutileza disciplinadora para garantir a ordem pública. Ao contrário, os donos do poder não hesitaram em valer-se, até a náusea, da violência física para imobilizar os indesejáveis” (PATTO, 1999, p. 171).

Assim, a forma de lidar com os pobres e com questões sociais já estava bem definida antes de 1930, pois, a elite “colocava a 'questão social' como ilegítima, subversiva, a ser tratada pelos aparelhos repressivos do Estado. Daí a ser sentenciada na Primeira República como 'caso de polícia” (CERQUEIRA FILHO, 1982, p. 59, Op. Cit. MESTRINER, 2001, p. 69).

Nesse contexto, ocorre nas grandes cidades brasileiras, como na Europa, a formação de bairros populares, “em espaços improvisados de ocupação irregular, espontânea e em condições precárias em termos de infraestrutura, alimentando a produção industrial e expandindo os limites dessas cidades” (IVO, 2010, p. 21), fenômeno interpretado pela imprensa, que difundiu a ideologia liberal do trabalho através de representações negativas do trabalhador nacional que não aceitava os rigores da produção capitalista.

Em plena crise do trabalho servil, a grande imprensa afirmava que “...os ex-cativos, como a maior parte dos caipiras, fogem ao trabalho. Se vão para as fazendas como camaradas, poucos dias param. São excessivamente exigentes, morosos no trabalho, param a cada momento para fazer cigarro e fumar; nas horas de refeições demoram-se indefinidamente, bebem, poucos se sujeitam a fazer um feixe de lenha, etc (...) Qualquer observação que se lhes faça recebem como ofensa e formalizando-se dizem que são livres, largam a ferramenta e se vão” (KOWARICK, 1987, p. 117).

Assim, entender a pobreza e a caridade, relacionadas à questão social, em um Brasil marcado por desigualdades, passa pelo entendimento do desenvolvimento específico que teve o sistema capitalista ao longo da história brasileira.

As particularidades da história brasileira, como sua política de mandonismo, praticada, segundo alguns autores, desde a colônia, mostram ainda as dificuldades no Brasil, em construir a universalidade de condição humana a todos os brasileiros. Por isso a dificuldade que se coloca ao pesquisador que investiga a exclusão dos pobres na sociedade brasileira, pois, trazer o tema da questão social para o Brasil é atrelar a cultura capitalista com o processo de escravidão, que sequestrou a condição humana de uma grande parcela da população, transformando negros e índios em objetos de demonstração de riqueza.

Como observa Sposati (1988), a ideia de exclusão social como perda de uma conquista, pressupõe a anterior universalidade da cidadania. No caso brasileiro este patamar de cidadania para todos não foi ainda consagrada nem na sociedade nem no Estado.

## **2.7. A pobreza no período Vargas**

Com o fim da Primeira República, em 1930, quando um movimento político leva Getúlio Vargas ao poder, dando início à Era Vargas, período que se estenderia até 1945, altera-se a questão de como tratar a pobreza. Com a chamada Revolução de 30, o Estado terá que assumir funções maiores, superando a função apenas de coerção. Terá papel de regulamentação, organização, coordenação, intermediação e até de educação, enquanto promotor de uma nova cultura, afinado a diferentes exigências (MESTRINER, 2001, p. 67).

Assim, torna-se importante para a esta pesquisa conhecer as

representações sociais de temas como a pobreza e a caridade passaram por mudanças, ainda que sutis, durante as transformações ocasionadas pela Revolução de 30.

O Estado brasileiro somente começa a assumir as questões sociais a partir da Revolução de 1930 quando Vargas assume o governo de um país com uma grande massa empobrecida, devido à falência da economia cafeeira, contexto que se agrava com a crise de 1929 nos Estados Unidos. Levado ao poder pelas elites que questionavam a alternância das oligarquias cafeeiras paulista e mineira no poder, com a predominância das primeiras nos rumos da nação, era preciso agora conquistar o apoio da classe trabalhadora para aquele governo considerado, por muitos, ilegítimo. Economicamente,

O país vive uma problemática concreta, formada por grandes massas empobrecidas ainda em consequência da libertação dos escravos e agravada pelo intenso êxodo rural, pela forte imigração da virada do século, pela desqualificação e despreparo dos trabalhadores e pelo trabalho precário, limitado e explorado da época. O Estado se vê na contingência de admitir sua responsabilidade social para com os mais pobres, o que não estava na agenda liberal que cominava o pensamento até então (MESTRINER, 2001, p. 68).

Durante a Era Vargas “a 'questão social', na sua dimensão simbólica, passa a representar todos os males e problemas por que passa o país, e a fala governamental é que toda a sociedade deve se unir no seu enfrentamento” (MESTRINER, 2001, p. 79).

Caracterizado por políticas intervencionistas e centralizadoras, o governo Vargas nos primeiros anos tem que administrar a diversidade de forças sociais e políticas: novas oligarquias que desejavam um Estado descentralizado e autonomia; militares descontentes com a pouca participação na política almejando um Estado forte, nacionalista e sem partidos políticos; trabalhadores urbanos ainda não organizados, antigos trabalhadores rurais que, especialmente após a crise de 1929, migram para a cidade e compõem o proletariado industrial

(FERREIRA; DELGADO, 2012).

Os operários, embora em novo cenário, não se desvencilham de suas tradições, de seu modo de vida tutelar. Isso se constituiu em um obstáculo à organização classista, pois o operário que vinha do campo, não tem tradição de se organizar coletivamente, de participar de cooperativas, de se filiar a sindicatos. Eles não se identificam como operários industriais e vão se comportar de acordo com interesses pessoais (FERREIRA, 2009).

Este quadro de imprevisibilidade política favoreceu o surgimento de grupos radicais que tentam transformar a sociedade a partir das ideologias que estavam em voga na Europa nos anos 30, o fascismo e o comunismo. A primeira foi representada pela figura de Plínio Salgado e os integralistas, que apoiaram Vargas no poder, para em seguida romper com o seu governo.

Cabe destacar que no campo político a chamada “Era Vargas” é marcada pelo autoritarismo e pela perseguição aos estrangeiros, que eram vistos como elementos perigosos devido às ideologias anti-capitalistas que traziam da Europa (Anarquismo e o Comunismo), ou por terem a nacionalidade de países que se tornaram inimigos do Brasil durante a 2ª Guerra (alemães, italianos e japoneses).

Segundo a pesquisadora Elaine Bisan Alves (1997), durante as primeiras décadas do século XX, os estrangeiros eram vistos como trabalhadores qualificados, que em oposição aos negros, ex-escravos, ajudariam no crescimento da economia nacional. No entanto, durante a década de vinte, com a proliferação dos movimentos político-sociais, o estrangeiro passou a ser visto como ‘perigoso’, pois trazia da Europa ideologias que subvertiam a ordem institucionalizada.

Hannah Arendt (1978) esclarece que a desconfiança exagerada é típica do funcionamento dos Estados totalitários, que é fomentada por grupos identificados com o pensamento conservador e xenófobo. Além disso:



São chamados de autoritários os regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem de forma mais ou menos radical o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma só pessoa ou de um só órgão e colocando em posição secundária as instituições representativas (BOBBIO, 2009).

A grande ameaça dos anos 30 no Brasil de Getúlio Vargas concentrava-se, porém, nos comunistas organizados em torno de Luiz Carlos Prestes e no apelo da sua ideologia para as classes menos favorecidas.

Nesse sentido, a legislação trabalhista presente na Constituição de 1934 – considerada excessivamente liberal por Vargas – visava regulamentar os conflitos entre patrões e empregados, tentando diminuir a força dos movimentos contrários ao governo.

No âmbito da política social a Constituição incorporava uma série de medidas que beneficiavam os trabalhadores: a criação da Justiça do Trabalho, da jornada de trabalho de oito horas, férias anuais remuneradas, o descanso semanal e a aprovação da pluralidade e da autonomia sindicais em lugar do sindicato único por categoria profissional.

Em 1942, é instituído o salário mínimo, que os trabalhadores consideraram insuficiente para o sustento de suas famílias, e o todo o conjunto de leis trabalhistas (férias, limitação de horas de trabalho, carteira de trabalho, segurança, justiça do trabalho, etc). Estas medidas representaram:

De um lado, o atendimento das reivindicações operárias que foram objeto de intensa luta da categoria por várias décadas e, de outro, o controle através do Estado, das atividades independentes da classe trabalhadora, que acabou perdendo sua autonomia através do controle estatal (CAPELATO, 2012, p. 120).

Segundo esta autora ainda, cabe esclarecer que a justiça social no período Vargas, especialmente no Estado Novo (1937-45), em relação à melhoria na qualidade de vida das classes populares, “foi postergada para o futuro”, com a

alegação de que as reivindicações das classes populares seriam atendidas de forma efetiva quando o progresso material se consolidasse (CAPELATO, 2012, p. 122).

Com agravamento da crise econômica, o custo de vida triplicou entre os anos 1935 e 1945, fazendo com que a maioria das famílias pobres tivesse que restringir a alimentação, para não afrontar as pessoas mais pobres a FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) recomendou aos seus membros cautela na construção de casas luxuosas, para evitar conflitos com a massa de desempregados (CAPELATO, 2012, p. 124).

Assim, conforme Cunningham e Innes (1998, apud VISCARDI, 2001), a ampliação do processo de urbanização e industrialização mudou as percepções sobre os pobres, que passaram a ser redefinidos como 'classes trabalhadoras'. Dessa forma, a pobreza deixaria de ser resultante de uma fatalidade para estar associada, desde então, aos baixos níveis salariais.

## **2.8. Um Breve Histórico de Taubaté**

A história de Taubaté começa com Dona Mariana de Souza Guerra, condessa de Vimieiro, donatária da Capitania de Itanhaém, que ordenou o povoamento de suas terras através da distribuição de sesmarias. “Como procurador da Condessa de Vimieiro, Jacques Félix penetrou oficialmente nos sertões, aprofundando seu conhecimento deste território” (BATTAGLINI; FERREIRA, 2011, p. 1), o principal objetivo dessa empreitada era subjugar os índios da região, para facilitar a marcha para o interior.

A principal atividade econômica da região sudeste nesse período era o apresamento de indígenas, que eram vendidos para o nordeste açucareiro, tanto é que não existiam mais grandes aldeias indígenas no Vale do Paraíba a partir do século XVII.

A aldeia indígena “Taba-Été”, localizada onde hoje se encontra a praça

Campo Sales, “fora abandonada pelos índios Guaianá. Era um lugarejo de casas desordenadas, de pau a pique, cobertas com palha” (BATTAGLINI; FERREIRA, 2011, p. 2). A partir desse antigo aldeamento indígena, Jacques Félix iniciou o povoamento da região, que se tornou próspero e recebeu o título de vila, em 1645, com a denominação de São Francisco das Chagas. “A vila estava traçada num local alto e plano, onde hoje se encontra o centro da cidade” (MARTINS, 1973, p. 41).

No Vale do Paraíba, a Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté foi o primeiro núcleo urbano oficialmente povoado. Entroncamento dos caminhos tornou-se o centro irradiador do povoamento dos sertões. Famílias atraídas pelas concessões de sesmarias vieram a juntar-se aos povoadores. Devido às terras férteis da região, aguadas e clima, fazendas e roças foram criadas. As tribos indígenas que restavam foram reduzidas e seus membros escravizados. As sesmarias concedidas formaram os novos povoados e vilas do Vale (BATTAGLINI; FERREIRA, 2011, p. 2).

No final do século XVII, Taubaté se tornou o núcleo irradiador do bandeirantismo da região, vale destacar que a real intenção dos bandeirantes que descobriram ouro em minas gerais era justamente a preação de índios, sendo que “muitos preadores de São Paulo e Rio de Janeiro residiam em Taubaté” (BATTAGLINI; FERREIRA, 2011, p. 3).

Em Taubaté foi instalada a casa de fundição, em 1697, local onde se quintava o ouro, tornando a cidade rota obrigatória para os mineradores, isso contribuiu para o desenvolvimento e povoamento da região.

A partir da decadência da mineração, a atividade econômica que passou a vigorar na região foi a produção da cana de açúcar, “os engenhos produtores estiveram presentes entre os anos de 1765 a 1830. Taubaté participava apenas de 0,5% de toda a produção da capitania” (BATTAGLINI; FERREIRA, 2011, p. 3).

Taubaté recupera sua importância com a produção de café, que começa no início do século XIX, essa atividade beneficiou-se da existência de uma estrutura já estabelecida anteriormente com outras atividades agrícolas,

principalmente a produção de açúcar. Nesse período Taubaté foi elevada à categoria de cidade, fato ocorrido em fevereiro de 1842, sendo desta forma a primeira da região. Mas “a partir da década de 1870, a produção do café no Vale decresceu paulatinamente, em função do esgotamento das terras e da abertura das novas regiões do Oeste paulista” (LORENZO, 2002, p. 66).

“A decadência do café gerou a existência de mão-de-obra abundante e barata, criada pelo êxodo rural. Isso com as facilidades de comunicação entre o Rio e São Paulo” (BATTAGLINI; FERREIRA, 2011, p. 3) acabou gerando a industrialização da cidade em um cenário de pobreza urbana.

## **2.9. A Pobreza em Taubaté**

A pobreza em Taubaté durante a transição do Império para a República foi estudada por José Carlos Sebe Bom Meihy (1981) e Maria Cristina Martínez Soto (2000), ambos desenvolvidos na Universidade de São Paulo, com um viés teórico que defende a assimilação dos valores rurais na sociedade urbana. Essa tese de um espaço 'rururbano' defendida por Meihy e seguida por Soto contrapõe-se à visão tradicional de que os valores das sociedades agrárias seriam incompatíveis com a urbanização, industrialização, trabalho livre, enfim com o capitalismo.

Ambos os trabalhos remontam o cenário de pobreza e violência no início do desenvolvimento urbano e industrial da cidade. Esses pesquisadores tiveram como fonte processos criminais do fórum, atas da câmara, crônicas, jornais, testamentos e bibliografias em geral.

Trabalhos regionais como esses são importantes, pois, histórias gerais não dão conta da diversidade cultural regional e, muitas vezes, elas serviram como instrumento de dominação, pois, é mais fácil controlar uma região enquadrando-a em uma definição já estabelecida e colocando-a como um apêndice da história do dominador, do que destacar suas próprias especificidades.

A pobreza em Taubaté, durante a transição da sociedade rural do século XIX para a formação da sociedade urbana do século XX, não é a pobreza de um grupo e sim a pobreza de toda uma sociedade, decorrência da maneira como foi estabelecida a estrutura econômica da região, baseada na exploração da mão de obra escrava, latifúndio e voltada para a exportação.

Meihy (1981) divide em três fases a crise taubateana:

- Antes de 1900: crise da sociedade pobre;
- Entre 1900-1930: urbanização da pobreza;
- Entre 1930-1945: estratificação do poder e pobreza social.

Nesse contexto de crise, uma das maiores problemáticas a serem analisadas refere-se à situação dos “caipiras”<sup>1</sup>, que presenciaram a desestruturação da vida no campo com a crise do café e o aparecimento de indústrias, que não conseguiram absorver os braços livres nas cidades.

Este surto industrial foi favorecido pela presença de capitais locais e advindos de outras regiões cafeeiras; pela mão-de-obra farta e barata acumulada com a abolição e decadência das fazendas de café; pelo aproveitamento de imigrantes, principalmente os italianos, alguns dos quais possuíam formação profissional qualificada; pelas facilidades de comunicação com São Paulo e Rio de Janeiro, pelas vias construídas para o café; e, pela vantajosa posição geográfica da cidade no conjunto da região (TOLEDO, 2008, p. 135).

Para Meihy (1981), com a expansão do café no Oeste e o desenvolvimento do capitalismo em alguns centros regionais, como é o caso de

---

<sup>1</sup> Utilizo aqui o termo *caipira* no sentido de Antônio Cândido para designar os aspectos culturais, pois esse exprime “um modo de ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial” (cf. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: José Olympio, 1964. p.8).

Taubaté, o “caipira” se vê atraído pelos produtos do novo sistema que representam um novo tipo de *status*, e para obtê-los passa a trabalhar para algum senhor e obter dinheiro, com isso desestrutura-se a agricultura de subsistência, e o caipira passa a ter em si valores urbanos.

Além disso, a própria transição é um momento de crise e o homem desse tempo tinha que se adaptar à vida moderna. Essa adaptação entrava em conflito com o tradicionalismo do campo que vigorava na cidade, essa situação gerou indecisão e insegurança, e a maneira do homem se auto afirmar era através de atitudes individualistas, pois ele tinha medo do novo mundo que surgira, hostil e pouco acolhedor.

Em Taubaté a industrialização da cidade está relacionada com a decadência da cultura de café, que provocou uma verdadeira migração de pessoas do campo para a cidade, que acabou por gerar disponibilidade de mão de obra barata (LOBO, 2011, p. 1).

A decadência da economia cafeeira fez muitos trabalhadores migrarem para a cidade; contudo, esses camponeses tornaram-se “vagabundos” urbanos, na concepção da documentação, como mostra o grande número de casos de vagabundagem: “os dados mostram um superávit de desmobilizados, dirigindo-se para a cidade à procura de uma oportunidade ou das mercês da caridade, desde antes da Emancipação” (SOTO, 2000, p. 161).

Contudo, na transição do século XIX para o século XX, “a sensação de crise foi sendo substituída por uma espécie de euforia com o progresso econômico da cidade, medido pelo aumento da população e da variedade das atividades econômicas” (SOTO, 2000, p. 189).

Na cidade, nota-se que os teatros da região decaíram junto com o café, já que, com a urbanização, o cinema aparece como uma forma moderna de entretenimento e, os circos, deram vez para os parques de diversão. O número de comércios aumentou na cidade, existiam várias casas de negócio, com público específico, sendo que, nas lojas de tecidos destacam-se os comerciantes sírios.

As lojas, no entanto, eram constantemente assaltadas, devido à miséria do povo e dos próprios comerciantes. Meihy observa que os assaltos eram feitos individualmente; mesmo em uma situação de miséria os assaltantes não se uniam, refletindo o individualismo da sociedade, originário da tutela das relações no campo. A pobreza era evidenciada nas propagandas dos jornais, porém, segundo o autor, os anúncios sempre mostravam promoções, mas essas promoções eram direcionadas para um público com melhor condição financeira e não para o pobre. Do mundo industrial, foi somente a bicicleta que revolucionou a vida dos taubateanos das camadas mais pobres da sociedade (MEIHY, 1981).

A expansão econômica descansava em boa medida sobre essa abundante e barata mão de obra, de modo que, se o crescimento econômico trouxe lucros para uns, também fomentou o empobrecimento de outros. O capital transitava de um a outro setor, mas continuava nas mesmas mãos. Não existindo nenhum mecanismo de distribuição de renda, a maioria da população ficou excluída dos benefícios desse crescimento (SOTO, 2000, 191).

Com a crise do café os cafeicultores falidos transformam-se em políticos urbanos de poder relativo. No campo, com o fim da febre cafeeira as terras foram fragmentadas, sendo que os repartimentos eram feitos sempre com o controle do senhor que com ela, detinha poder político e social.

Vale lembrar, que desde 1850, a posse de terras passou a ser fator de dominação política e social, anteriormente o escravo representava o poder do senhor. “Num regime de terras livres, o trabalho tinha que ser cativo; num regime de trabalho livre, a terra tinha que ser cativa”, como menciona José de Souza Martins (MARTINS, apud MEHY, 1981).

Os grupos pobres que se estabeleciam na cidade desenvolveram um tipo de poder baseado nos laços familiares e isso aconteceu principalmente nos bairros. Neles, o mutirão era uma solução encontrada pelos pobres para resolver o problema de moradia, eram agrupamentos que sempre começavam bem, mas sempre terminavam em briga, sendo que tanto a união como a briga, decorriam da pobreza da região.

A indústria que surge em Taubaté desenvolve-se, sobretudo, por causa da “abundante mão de obra que somava principalmente desmobilizados da região de Taubaté, mulheres e crianças, italianos e emigrantes de Minas” (SOTO, 2000, p. 180).

A existência de mão de obra numerosa e barata criada pelo êxodo rural após a queda do café, as facilidades de comunicação com São Paulo e o Rio de Janeiro, a eclosão das duas Guerras Mundiais, incentivar as atividades industriais que se tornaram sustentáculo da vida econômica de Taubaté no séc. XX ( ANDRADE; ABREU, 1996, p. 45).

A fábrica altera a vida da cidade, mas não revoluciona as estruturas sociais. Os industriais ruralizaram-se, e os fazendeiros urbanizaram-se, formando assim uma sociedade “rururbana”. Desta forma, práticas de mandonismo comuns no campo passam para o meio urbano. “Do ponto de vista político e social, verifica-se que ambas as zonas formavam um todo indivisível, um 'contínuo', embora essa integração não seja necessariamente harmônica” (SOTO, 2000, p. 157).

A sociedade que se formou em Taubaté era extremamente masculina, pois os valores do campo continuaram vigorando na cidade, como a ética pessoal e independente, que ressalta a importância da valentia de se fazer justiça com as próprias mãos.

O símbolo da sociedade masculina taubateana, como em outros locais, era o bar. Era ali que o homem angustiado ia encontrar uma maneira de esquecer a vida extremamente dura e miserável que levava, mas que sempre acabava em briga, devido ao alcoolismo e a discussões sobre a moral ou a honra. Com relação aos crimes, o “Jornal de Taubaté” cita trecho de um relatório do promotor público da comarca de Taubaté sobre as causas de crimes na região, sendo:

As principais causas da criminalidade são: a vingança, o ódio, o amor aos prazeres, o deboche, a condescendência, a preguiça ou a indolência, a ambição desenfreada e o alcoolismo (**Jornal de Taubaté**, 22/jan/1899).



Outra característica que marcou a crise da sociedade taubateana foi a transformação da família. O Homem do campo fazia constantemente micro migrações e, nesta situação, eram comuns os amancebamentos e os ajuntamentos, os casamentos quase que não ocorriam. Mas quando ele se vê obrigado se fixar na cidade, a Igreja e o Estado passa a fazer pressão no sentido do casamento, pois da união surgiria o sustentáculo da economia capitalista.

Nota-se que, com o advento da República, e com a busca pela consolidação das instituições civis, tal requisito, ou seja, o casamento oficial passa a ser mais e mais solicitado como prova de convívio matrimonial (PAPALI, 2009, p. 212).

Eram comuns as penas de casamento compulsório feitos pela justiça por causa de defloramentos, como mostram os processos crimes da época. O homem passa a ter responsabilidade pela família, ele precisa trabalhar para manter a família.

O negro que passou de bom escravo para mau cidadão não tinha condições para manter uma família, pois a ele eram negados empregos. Estavam, porém, submetidos às mesmas pressões da sociedade, e não raro matavam mulher e filhos, porque representaria a perda de pesadas obrigações que ele não era capaz de aguentar (MEIHY, 1981). Vale destacar, que no caso das mulheres negras, que compunham a maioria do grupo de mulheres pobres, ocorreu a perda dos filhos para senhores brancos.

Na cidade de Taubaté, foi possível verificar que em 1888, ano da Abolição, deu-se uma verdadeira disputa em torno da tutela sobre o filho da ex-escrava. Tais jovens, com o endosso legal, eram tutelados como filhos de mulheres solteiras miseráveis, portanto necessitados de amparo. No entanto, verificou-se também que não obstante o discurso contido em tais tutelas, o qual preconizava a educação que deveria ser endereçada a esses desamparados, tais crianças e jovens foram, em sua maioria, encaminhados à lavoura e ao serviço doméstico (PAPALI, 2009, p. 212-213).

Englobando negros e brancos, ambos pobres, era comum ocorrer das

mulheres baterem nos maridos que chegavam bêbados em casa. A honra da mulher estava submetida à honra masculina, pois para estas mulheres foram colocados dois caminhos: o do casamento ou o do prostíbulo. A sociedade industrial abriu novas possibilidades para as mulheres, mas não acabou com esta situação. E com a moral urbana burguesa, as prostitutas passaram a ser culpadas pelos erros dos homens casados. A família que surgiu era marcada pelo artificialismo, devido à organização da própria sociedade, pois a família urbana era também uma imposição de Igreja e Estado (MEIHY, 1981).

Com relação às migrações para Taubaté, principalmente de italianos, elas devem ser encaradas de maneira diferente das de outras regiões, pois aqui os imigrantes tiveram a tendência de se isolar. A adaptação de uma sociedade pobre a uma economia capitalista internacional gerou o colonato.

Algumas vezes, no entanto, esses imigrantes buscavam os novos empregos, como nas poucas fábricas que surgiram neste momento no interior do estado – como a CTI, em Taubaté – mas também em empregos que eram frutos da vida urbana moderna, como porteiros em repartições públicas, garçom em restaurantes, lanterninha em teatro ou cinema (ROMERO, 2006).

Maria Cristina Martinez Soto (2000) aponta para a mudança na maneira como a caridade passou a ser praticada na cidade que se industrializava, pois dentro do contexto liberal não se poderia, através da caridade, prejudicar a necessidade de se trabalhar para sobreviver:

A caridade mal entendida havia se tornado o principal empecilho ao propósito de inculcar uma disciplina nos trabalhadores e propiciava que pessoas fisicamente adequadas se subtraíssem ao mundo do trabalho. No fundo, tratava-se de aplicar a velha distinção da Europa Moderna entre o mendigo e o pobre útil, o que implicava uma mudança de mentalidade: não bastava exercer a caridade, esta haveria de ser aplicada de forma correta. O pobre deveria receber trabalho e não uma esmola que nessas condições era aviltante (SOTO, 2000, p. 212).

Assim, como vimos acima, a supervalorização do trabalho na sociedade capitalista liberal acabou por culpabilizar os indivíduos pelo seu estado de pobreza. As políticas sociais não deveriam partir do Estado, mas sim da iniciativa privada, como uma forma de caridade.

Esse quadro de pobreza regional e de mudança da prática na caridade estava inserido em um cenário de consolidação do capitalismo mundial, com o desenvolvimento do imperialismo das grandes potências europeias.

(...) Foi no marco do modo de produção capitalista que as relações sociais assentadas no mutualismo dos grupos sociais sofreram uma erosão em suas bases constitutivas. Pois, enquanto sistema gerador de desigualdade como princípio fundante, o antagonismo de interesses entre trabalho e capital estabeleceu novas relações de produção na base infra-estrutural societária como também na produção e reprodução da base política-ideológica, constituída pelo Estado, pelo direito e pelas formas de consciência social (ESCORSIN, 2008, p. 1).

Assim, o estudo da forma como foi retratada a pobreza pelos registros históricos abre possibilidade para se estudar “aqueles indivíduos que se veem como “pobres” e, simultaneamente, acabam aderindo às representações da cultura capitalista, baseiam suas carências nos valores de “trabalho” e “honestidade” e que expressam sua indignação contra as falas públicas que radicam *na pobreza*, a criminalidade” (NUNES, 1990, p. 5).

## **2.10. Instituições Sociais de Taubaté**

Conforme Viscardi, a partir do momento em que se percebeu que as causas da pobreza eram resultantes do contexto econômico e social e que a caridade privada era insuficiente para resolvê-las, estabeleceu-se um consenso em torno da obrigação do Estado como provedor de assistência efetiva. Tal postura revelava uma mudança de mentalidade em relação ao problema (VISCARDI, 2011). Em Taubaté, como instituições que prestavam serviços

assistenciais à população taubateana, destacam-se, no período estudado, o Hospital de Santa Izabel e o Asilo de Mendigos. Ambas as instituições eram mantidas por particulares, embora por vezes recebessem auxílios públicos, principalmente após 1930.

O asilo de mendigos de Taubaté foi criado com o objetivo de retirar os “pedintes que perambulavam pelas ruas, abrigá-los e mantê-los no caso de que não tivessem famílias” (MELLO JR., 1978, p. 13). Essa associação tinha como objetivo a ação assistencial e atendia as pessoas que pediam esmolas nas ruas e também os paralíticos, idosos e doentes mentais.

O problema da mendicância na cidade parecia saltar aos olhos da população taubateana no fim do século XIX, conforme publicado no Jornal de Taubaté. Na primeira página, um texto falava do amadurecimento da ideia de um asilo para os mendigos da cidade: “Foi aventada, não sabemos por quem, a ideia da fundação de um asilo de mendigos em Taubaté; a ideia, entretanto, parece ir tomando incremento e é de presumir que se transforme em realidade” (**Jornal de Taubaté**, 12/04/1899).

Provavelmente, as transformações ocorridas no campo, referentes à abolição e às crises na produção de café, influenciaram no êxodo de pessoas da zona rural para a cidade.

A população citadina recebeu ligeiro aumento com a vinda de ex-escravos, ansiosos por conhecerem as novas condições que lhe oferecia a Lei Áurea, contribuindo, assim, para o acréscimo dos desocupados e conseqüentemente para o maior número dos pedintes (MELLO JR., 1978, p. 16).

A miséria de grande parte da população da região urbana era evidente na transição do século XIX para o século XX, principalmente quando observa-se os “múltiplos órfãos pobres alocados em casas de ricos para o serviço doméstico, na exploração do trabalho infantil, nas regulares denúncias da proliferação de pobres vagando pelas ruas de Taubaté (SOTO, 2000, p. 191).

Além disso, pode-se observar que a preocupação de se fazer um asilo

para pobres era antiga, remontando o fim do século XIX, já que a primeira ideia de se fazer um asilo para mendigos ocorre em 1896 com Matias Guimarães e sua promoção de um espetáculo para arrecadar fundos para a criação de um asilo para mendigos, seis anos antes de Fernando de Mattos reunir simpatizantes para efetivar a formação do asilo.

Vale lembrar que era “imperioso o expurgo dos falsos mendigos, dos vadios, dos improdutivos que ociosamente vegetavam pelas esquinas” (MELLO JR., 1978, p. 17).

Pode-se observar que a criação do Asilo de Mendigos enquadra-se em uma lógica da caridade meritória, desenvolvida no seio da ideologia liberal; era preciso selecionar os pobres merecedores da assistência que poderiam ser explorados como força de trabalho.

Em outras palavras, não se reconhecia o problema estrutural do desemprego na sociedade capitalista liberal, pois, na prática, se culpava ainda os pobres pela sua pobreza. A caridade indiscriminada seria duplamente “contraproducente: arrebatava braços ao mercado de trabalho e gerava criminosos” (SOTO, 2000, p. 212).

Essa postura de selecionar os pobres merecedores de ajuda ficava clara na postura das autoridades policiais de selecionarem os mendigos dignos de receberem esmola.

Os mendigos da cidade de Taubaté, antes de serem encaminhados para o asilo, foram “agraciados” com uma placa que os legitimava como mendigos taubateanos, dignos de receberem esmolas, não sendo confundidos com mendigos de outras praças.

A plaqueta de metal, de forma elipsóide, com aproximadamente 4 e 5cm entre os eixos, continha a inscrição: - 'Delegacia de Polícia de Taubaté – Mendigo' e o número sob o qual o mendicante figurava no registro policial” (MELLO JR., 1978, p. 20).

A criação efetiva do Asilo de Mendigos ocorreu no início do século XX, “cuja Sociedade Protetora, composta de 25 sócios (entre eles comerciantes,

fazendeiros, jornalistas, eclesiásticos, vereadores e delegado), foi fundada em 1902” (SOTO, 2000, p. 213). O asilo funcionava a partir de doações irregulares, vivendo, a maior parte do tempo, com a falta de recursos.

A revitalização do asilo ocorreu com a ascensão de Félix Guisard à presidência da Sociedade Protetora. Ele foi o presidente da diretoria do Asilo de Mendigos de Taubaté, de 1923 a 1942 e, conforme Mello Jr., durante esse período, a instituição se manteve com “renda da mensalidade dos sócios, eventuais donativos, a subvenção do Estado e acima de tudo a benemerência do Presidente” (MELLO JR. 1978, p. 102).

Vale destacar que a lógica da criação de asilos obedece a ideia de que “dessa forma se limpiam as ruas e se isolaria a miséria em reduto fechado” (SOTO, p. 213).

Outra instituição muito importante na prestação de serviços assistenciais em Taubaté foi o Hospital de Santa Izabel que tinha a função pública de atender os pobres e para isso recebia auxílios da Câmara, mas era controlado de maneira privada.

Fundado em 1864 pela Ordem Terceira para tratar dos irmãos pobres, por problemas financeiros teve de abrir suas portas para toda a população carente em troca do auxílio da Câmara. Desde sua fundação, lutou com um problema crônico de fundos. A solução foi o novo acordo entre a iniciativa privada e subvenção pública: tornando o hospital em uma Santa Casa, gerida pela irmandade de Misericórdia – fundada em 1876 por iniciativa do vigário José P. Silva Barros -, passaram a receber recursos do Estado. Depois de fechar durante dois anos, período aproveitado pelos médicos para abrir clínicas privadas, foi reaberto em 1876 com apenas 72 irmãos e com o mesmo problema de escassez de recursos (SOTO, 2000, p. 203).

O hospital começou a funcionar nos fins do ano de 1864 ou início de 1865, sob a denominação de Hospital Venerável da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência da cidade de Taubaté, sendo posteriormente fechado:

Possivelmente no decorrer de 1874 ou talvez no início de 1875, o fato é consumado. Melancolicamente cerram-se as portas do velho Hospital do Largo da Misericórdia, também conhecido como Largo do Convento, depois de cerca de um decênio de ininterrupto

funcionamento (MELLO JR. 1976, p. 80).

O hospital fora reaberto no ano de 1876, após a criação da Irmandade de Misericórdia de Taubaté, que assume sua administração: “instalada em março de 1876 a Irmandade de Misericórdia de Taubaté que tomaria sob seu patrocínio a manutenção do Hospital de Santa Isabel” (MELLO JR. 1976, p. 80).

Cabe destacar que o hospital funcionava com subsídios do Estado, mas, ainda assim, dependia em muito das doações de cidadãos beneméritos, ressaltando que o hospital atendia aos interesses dos fazendeiros, que precisavam cuidar de sua mão de obra, que assumiam como de sua responsabilidade, com isso, ocorre a existência de uma instituição gerida privadamente, mas que exercia uma função pública.

Conforme Soto (2000, p. 204) “Nesse contexto, ele manteve uma ambígua condição de serviço público financiado e gerenciado privadamente, de centro assistencial”.

Devido à constante falta de recursos do hospital, segundo os estudos na área, precisava-se promover uma triagem dos pobres merecedores dos cuidados do hospital, sendo que a seleção cabia à polícia.

Seria confiada ao destacamento policial a missão até certo ponto equivalente a hoje desempenhada pelos assistentes sociais que, em nosso meio, prestam colaboração ao Hospital Santa Isabel na internação gratuita dos realmente desamparados. Em todos os tempos existiram os malandros, os vadios, os espertalhões e Taubaté, nessa época, não poderia ser exceção (MELLO JR., 1978, p. 20).

O fato de ser um hospital gratuito atraía pessoas de outras regiões, “a falta de recursos foi o pretexto alegado para se restringir o tratamento à população do município” (SOTO, 2000, p. 204).

Havia também a Associação de São Vicente, fundada em Taubaté em 1885, “cujos irmãos visitavam residências de doentes levando comida, roupa e auxílio médico” (SOTO, 2000, p. 205). Com o tempo além das instituições religiosas, surgiram serviços assistenciais prestados pelos empresários aos seus funcionários.

### **3. Método**

#### **3.1. Tipo de Pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, a partir de uma abordagem exploratória (SILVA, 2005), que buscou explicitar as representações sociais da mídia taubateana com relação à questão social, relativas à pobreza e a caridade da população taubateana, em dois momentos da história social e política do Brasil, a passagem do século XIX para o século XX com os primeiros anos da Era Vargas. Tal estudo foi realizado através de fontes bibliográficas e documentais, que serão analisadas de maneira dialética com enfoque qualitativo.

#### **3.2. *Corpus* Documental**

O *corpus* documental estudado foi composto pelos exemplares do “Jornal de Taubaté”, que se encontram no Arquivo Municipal de Taubaté. O referido jornal surgiu em 1º de janeiro de 1889, substituindo o “Diário de Taubaté”, tinha uma tiragem significativa de 2000 exemplares, sendo que sua publicação era trissemanal. Tratava-se de um jornal independente até o ano de 1901, quando tornou-se um órgão do Partido Republicano Municipal. O jornal encerrou suas atividades definitivamente em 1910, após várias oscilações em sua publicação (MELLO JR., 2011).

Em janeiro do ano de 1934, o Jornal de Taubaté volta a ser publicado bissetimanalmente, sendo que renasce como um órgão independente. Até tornar-se órgão do Partido Constitucionalista, em outubro do mesmo ano, contou, até seu fechamento em 1937, com a participação de intelectuais da cidade como Evandro Campos, Gentil de Camargo, Cesídio Ambrogi, Bernardino Querido e José Ezequiel de Souza (MELLO JR., 2011).



Durante a pesquisa, foram fichados 68 textos jornalísticos sobre as temáticas pesquisadas, sendo que 42 do primeiro semestre do ano de 1899 e 26 do primeiro semestre do ano de 1935, sendo que ocorreram supressões de alguns exemplares por não constarem no acervo do Arquivo Histórico de Taubaté. Ocorreu também a falta de alguns jornais por não apresentarem textos referentes à temática pesquisada, num total de quinze do ano de 1899 e um de 1935.

### **3.3. Procedimento de Análise de Dados**

A análise das representações sociais sobre a pobreza e caridade em Taubaté durante a Primeira República e durante a fase constitucional da Era Vargas ocorreu através dos textos jornalísticos de um trissemanário do primeiro semestre do ano de 1899 e de um bissemanário do primeiro semestre do ano de 1935, intitulados “Jornal de Taubaté”.

A técnica utilizada para a leitura inicial dos textos jornalísticos foi a análise de conteúdo formulada por Laurence Bardin (1979), que tem por objetivo sistematizar e explicar o conteúdo da mensagem e seus significados.

Nesse processo, faz-se necessário considerar a totalidade de um “texto”, passando-o pelo crivo da classificação ou do recenseamento, procurando identificar as frequências ou ausências de itens, ou seja, categorizar para introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente (OLIVEIRA; ENS; ANDRADE; MUSSIS, 2003, p. 4).

Na análise de conteúdo "o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem" (CAREGNATO; MUTTI, 2006 p. 682), nessa perspectiva a abordagem qualitativa:

É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais, podendo funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar à frequências suficientemente elevadas, para os cálculos se tornem possíveis (BARDIN, 1979, p. 115).

As unidades de registro para a análise de conteúdo qualitativa desta pesquisa serão temáticas, pois os temas estão na origem “daquilo ao qual nos referimos (...) como conhecimento aceito ou mesmo como ideias primárias. São essas ideias primárias que vêm instruir e motivar regimes sociais de discurso” (MOSCOVICI, 2011, p. 223).

A análise temática permite que textos jornalísticos, como os usados na pesquisa, sejam recortados de acordo com o sentido que tomam em determinados contextos sociais e históricos.

O tema, enquanto unidade de registro corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas (BARDIN, 1979, p. 106).

A metodologia usada inspira-se na abordagem que Ilana Ilea S. Werneck (2005) usou em sua pesquisa de mestrado ao trabalhar com as representações sociais de jovens nas capas do jornal “O Globo”.

Em sua pesquisa, a leitura do jornal teve como “como objetivo inicial selecionar todas as matérias que trouxessem o tema juventude para suas páginas. Depois de recortadas, as matérias eram depositadas em diferentes sacos plásticos” (WERNECK, 2005, p. 3), a partir desses sacos as reportagens eram divididas em temas previamente definidos ou que surgiram durante a pesquisa.

Desta maneira, o método empregado na pesquisa foi o fichamento e a catalogação dos assuntos presentes nas fontes documentais, textos jornalísticos do “Jornal de Taubaté, seguindo a “regra da exaustividade” e da “não seletividade”

(BARDIN, 1979), ou seja, todos exemplares do “Jornal de Taubaté” do período delimitado na pesquisa (primeiro semestre dos anos de 1889 e 1935) foram estudados, mesmo os que por ventura não apresentem textos pertinentes ao tema aparecem nos fichamentos com a designação “nada consta sobre a pesquisa”.

Assim, inicialmente, os dois principais temas a partir dos quais foram articuladas as representações sociais foram a “pobreza” e “caridade”. Pois “o tema é, assim, a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, p. 105).

Desta forma, os textos jornalísticos foram selecionados a partir da relevância para a compreensão dos temas mencionados, sendo “recortados em ideias constituintes em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis” (BARDIN, 1979, p.105).

Contudo, durante a pesquisa surgiram novos eixos temáticos, pertinentes à compreensão dos temas inicialmente propostos no trabalho, os temas que serviram para agrupar as palavras-chave do ano de 1899 foram: 'Caridade', 'Pobreza', 'Associações de Trabalhadores' e 'Criminalidade'. Já os temas usados para o ano de 1935 foram: 'Caridade', 'Pobreza' e 'Associações de Trabalhadores'.

Como escreveu Bardin (1979), o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc.

Assim, a partir dos temas estabelecidos foram desenvolvidas tabelas sobre as palavras-chave que aparecem nas reportagens, que serviram de inferência para qualificá-las dentro do eixo temático.

Essas palavras-chave estabelecem relação com o conceito de *ancoragem* (MOSCOVICI, 2011):

O processo de ancoragem envolve duas ligações impossíveis de serem desassociadas, a classificação e a nomeação, ou seja, por mais ciente que estamos da existência de um determinado objeto, se ele não estiver classificado e nomeado em nossas mentes, o mesmo é praticamente inexpressivo no nosso contexto (GRECA, 2009, p. 72).

Para esta pesquisa, os temas estão ancorados nas palavras-chave de cada texto jornalístico que classificam os conceitos em imagens pertinentes à realidade do município.

Entretanto o processo de *objectivação* relaciona-se de maneira inseparável com o de *ancoragem*, pois as palavras-chave além de classificarem e nomearem, também materializam conceitos, ou seja, permitem que elementos abstratos sejam transpostos em imagens concretas, que fazem parte do mundo familiar dos leitores do jornal.

A nossa hipótese é a de que os sistemas de comunicação, enquanto modalidades de relação social, orientam a forma através da qual o novo se torna familiar. Indo mais longe, o que propomos é uma forma de articular o processo de objectivação e o processo de ancoragem: enquanto âncoras que orientam a constituição de representações, os sistemas de comunicação geram também diferentes modalidades de objectivação de uma ideia, de um conceito, de um fenômeno (ORDAZ; VALA, 1997, p. 849).

A análise das palavras-chave de cada eixo temático permitiu agrupá-las em subtemas, isso impôs a investigação do que havia em comum entre as palavras-chave de cada tema, o que permitiu o reagrupamento a partir dos elementos comuns existentes entre elas (BARDIN, 1979).

A modalidade de comunicação estudada encaixa-se na definição de difusão proposta por Moscovici, a de difusão: típica da imprensa de grande circulação, caracterizada por uma ausência de diferenciação entre a fonte e os receptores de comunicação e cujo principal interesse comum sobre um dado assunto como adaptar-se ao interesse dos seus leitores. (LEITÃO; SANTOS, 2007, p. 9).

Para fichar os jornais taubateanos foi usada uma ficha padrão para o registro das ocorrências ou ausência dos temas estudados nos jornais e, também, para o registro dos textos jornalísticos que se referiam aos temas estabelecidos e os que se mostraram pertinentes à pesquisa.

A organização dos dados obtidos realizou-se através do uso de softwares, uma vez que “as planilhas eletrônicas se mostram muito úteis para o processo de análise, pois nos permitem criar gráficos e organizar tabelas a partir dos campos que nos interessarem” (WERNECK, 2005, p. 3). Além da planilha do BrOffice 3.3 também foi utilizado o banco de dados do BrOffice 3.3, esses softwares são livres e cumprem com o almejado na pesquisa, sem acarretar gastos com obtenção de licenças.

A análise de conteúdo qualitativa temática foi complementada pela análise do discurso dos textos jornalísticos mais significativos para a pesquisa, pois esse tipo de análise “trabalha com o sentido, sendo o discurso heterogêneo marcado pela história e ideologia” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 681).

A análise de discurso relaciona-se bem com a teoria das representações sociais, pois o discurso é contextualizado em um plano maior, que é ao mesmo tempo social e histórico.

Neste contexto o sujeito não é individual, é assujeitado ao coletivo, ou seja, esse assujeitamento ocorre no nível inconsciente, quando o sujeito se filia-se ou interioriza o conhecimento da construção coletiva, sendo porta-voz daquele discurso e representante daquele sentido (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 681).

É evidente que toda interpretação é passível de ser considerada parcial, entretanto, isso não diminui sua cientificidade, pois tal interpretação é estabelecida a partir de um referencial teórico.

Na interpretação é importante lembrar que o analista é um intérprete,

que faz uma leitura também discursiva influenciada pelo seu afeto, sua posição, suas crenças, suas experiências e vivências; portanto, a interpretação nunca será absoluta e única, pois também produzirá seu sentido (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682).

Ao analisar tanto o conteúdo como o discurso torna-se possível captar as representações sociais em seu contexto sócio-histórico, demonstrando de que maneira a ideologia e representação se articularam no contexto estudado.

## **4. Resultados**

Os dados obtidos possibilitaram a identificação das representações sociais sobre os temas centrais da caridade e da pobreza, além de possibilitar o aparecimento dos temas da criminalidade, em 1889, e das associações de trabalhadores, em 1899 e 1935, ambos importantes para a compreensão da questão social em Taubaté.

### **4.1. Caracterização da Amostra**

Foram encontrados, no total, 46 exemplares do Jornal de Taubaté referentes ao primeiro semestre do ano de 1899, dos quais foi possível extrair 43 textos jornalísticos de 32 exemplares, pois 14 exemplares não possuíam nenhum texto referente aos temas da pesquisa.

Com relação ao ano de 1935, foram encontrados no total 16 exemplares, dos quais foi possível extrair 27 textos jornalísticos de 15 exemplares referentes à pesquisa, sendo que somente 1 exemplar não trouxe informações significativas.

Esses textos foram analisados e as palavras-chave qualificadas em temas, e a partir de sua frequência agrupadas em subtemas pertinentes à pesquisa.

#### **4.1.1. Período: Janeiro à Julho de 1899**

As tabelas abaixo estabelecem o número de ocorrências das palavras-chave relacionadas a cada tema, sendo que as mesmas possibilitaram

agrupamentos em subtemas:

### Tema: Caridade - 1899

Nº	Palavra-chave	Nº	Palavra-chave
1	Agradecimento	9	Hospital de Santa Izabel
1	Almas Caridosas	1	Sociedade São Vicente de Paula
2	Enfermos	2	Filantropia
1	Indigentes	2	Doação
4	Hospital de Misericórdia	1	Ócio
8	Caridade	2	Fome
3	Pobres	1	Leilão
1	Cristão	1	Teatro São João
1	Festa	1	Mulher
1	Beneficência	1	Piedade

Quadro 1: palavras-chave do tema caridade 1889.  
Fonte: O autor (2012).

### Tema: Pobreza - 1899

Nº	Palavra-chave	Nº	Palavra-chave
1	Mendigo	1	Vagabundo
1	Asilo	1	Meninos
1	Lavrador	1	Pobre

Quadro 2: palavras-chave do tema pobreza 1889.  
Fonte: O autor (2012).

### Tema: Criminalidade - 1899

Nº	Palavra-chave	Nº	Palavra-chave
1	Feitiçaria	2	Assalto
1	Tremembé	1	Briga



2	Gatunagem	1	Desaparecimento
2	Roubo	2	Rapto
7	Polícia	1	Criminalidade
1	Alcoolismo		

Quadro 3: palavras-chave do tema criminalidade 1899.

Fonte: O autor (2012).

### **Tema: Associações Operárias - 1899**

Nº	Palavra-chave
1	Centro dos Operários Cathólicos

Quadro 4: palavras-chave do tema associações de trabalhadores 1899.

Fonte: O autor (2012).

#### **4.1.2. Período: Janeiro à Julho de 1935**

O mesmo procedimento de relacionar as palavras-chave aos temas e de agrupar em subtemas foi estabelecido com os dados do ano de 1935 para facilitar a visualização e comparação com o ano de 1899. Contudo, não apareceram textos focando no tema da “Criminalidade”, que foi suprimido.

Nº	Palavra-chave	Nº	Palavra-chave
2	Asilo de Mendigos	1	Filantropia
4	Caridade	1	Exposição
1	Donativos	1	Governo federal
1	Escola Preparatória para cegos	4	Hospital Santa Izabel
1	Sociedade Beneficente	4	Liga de defesa social de Taubaté
1	Esmola	1	Orfanato Santa Verônica
1	Prefeitura de Taubaté	1	Mendigos
1	Doentes	1	Pobres

Quadro 5: palavras-chave do tema caridade 1935.

Fonte: O autor (2012).

### Tema: Associações operárias - 1935

Nº	Palavra-chave	Nº	Palavra-chave
6	Sociedade União Operária de Mútuo Socorro	2	Palestra
4	Teatro	1	Conferência

Quadro 6: palavras-chave do tema associações de trabalhadores 1935.

Fonte: O autor (2012).

### Tema: Pobreza - 1935

Nº	Palavra-chave
1	Operários

Quadro 7: palavras-chave do tema pobreza 1935.

Fonte: O autor (2012).

## 4.2. Análise dos dados

Antes da análise dos temas da pesquisa é interessante identificar a origem social dos jornalistas, pois são os eles que recebem mensagens, a acondicionam e a emitem, já que “todo órgão de imprensa é, simultaneamente, receptor de mensagens e emissor de mensagens” (KIENTZ, 1973, p. 77).

Dessa forma, os jornalistas são produtores de representações, que se tornam sociais através de sua difusão, sendo que a criação e difusão de representações passam por “processos de influência social” (CABECINHAS, 2004, p. 126).

Embora a teoria de Moscovici (2011) perceba a ideologia como algo mais estático diferente do dinamismo das representações sociais, pode-se descobrir de maneira “implícita numa representação social, modos e estratégias de criação ou reprodução de relações assimétricas” (GUARESCHI, 2000, p. 44).

As relações assimétricas dentro de uma sociedade podem ser

naturalizadas para perpetuar o *status quo*, tarefa facilitada quando se detém um veículo de comunicação, pois é possível notar que “este tipo de comunicação é, em grande parte, difundida em sentido único. As mensagens são produzidas por um grupo de indivíduos e transmitidas para outro grupo” (GRECA, 2009, p. 30).

As pessoas que atuavam no Jornal de Taubaté, em 1899, podem ser enquadrados como membros da intelectualidade taubateana, conforme a descrição fornecida por Antônio Mello Jr.:

No meado de setembro desse ano José Benedito M. do Amaral associou-se a Vitorino Carvalho fundando a razão social Amaral & Carvalho, passando, assim, a ter seu nome no cabeçalho na condição de editor-gerente. Paralelamente o corpo de colaboradores foi acrescido com a participação dos srs. Cursino de Moura, médico; Dr. Câmara Leal, advogado; Bernardino Querido, funcionário público; Honório Jovino, literato; Albano Abreu, normalista; Benedito C. Conceição, professor público; Braz Curtu, comerciante; Plínio Rivera, literato e outros (MELLO JR. 2011, p. 144).

Quanto ao papel social desses jornalistas, temos um importante relato no “Almanach Ilustrado do Diário de Taubaté para 1899”, publicação do Jornal de Taubaté, já que o mesmo surgira em substituição ao Diário de Taubaté, tendo como redator Vitorino Carvalho, professor pela Escola Normal do Porto:

O jornalista tem na sociedade uma influência muito mais profunda que a do mestre-escola e responsabilidades muito mais graves. É o jornal que refere que explica ao povo os diferentes fenômenos da sua vida política, da sua vida social, da sua vida econômica. É o jornal que faz a crítica das instituições e dos costumes. É o jornal que estabelece o critério por que têm de ser julgados fatos da vida civil e da vida moral. É o jornal que fixa para a multidão o ponto de vista nas altas questões da honra, da dignidade e do dever (*Almanach Ilustrado do Diário de Taubaté para 1899*, op cit, SOTO 2000, p. 221)

A partir desse relato, constata-se que os jornalistas, desempenham a função de intelectuais orgânicos, “a organicidade vem do comprometimento, da participação, na formulação de ideia que ajudem na ação política, seja ela

hegemônica ou contra hegemônica” (RESENDE, 2006, p. 6).

Nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo e de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função (GRAMSCI, 1982, p. 3).

O mais interessante notar é a consciência que o jornalista possui sobre sua função na sociedade, o que reforça a ideia da difusão de uma ideologia através das representações sociais, pois essas representações influenciariam as ações do cotidiano, mas “ao entrarem no campo político esse caráter performativo assume o sentido althusseriano (repercussão na ação e no posicionamento dos sujeitos na organização social) (XAVIER, 2002, p. 40).

#### **4.2.1. As Representações Sociais da Caridade**

O tema da caridade foi o que mais esteve frequente nos textos do Jornal de Taubaté durante o primeiro semestre dos anos de 1899 e 1935, o tema da pobreza não foi frequente em nenhum dos anos mencionados, já as abordagens sobre a criminalidade estiveram presentes em 1899 e não apareceram em 1935, já as associações operárias que tiveram pouca relevância em 1899, aumentaram sua participação no noticiário em 1935.

A seguir pode-se observar no gráfico a frequência dos temas, que representados estatisticamente facilitam a compreensão dos respectivos núcleos de sentido das representações sociais.

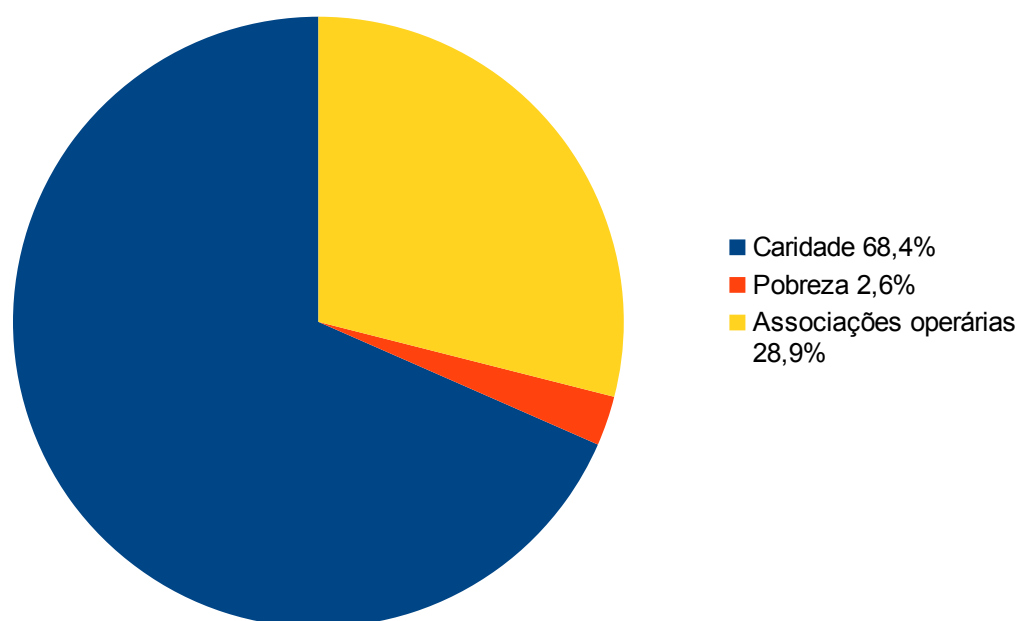


Figura 1 – Frequência de Temas: 1899  
Fonte: O autor (2012)

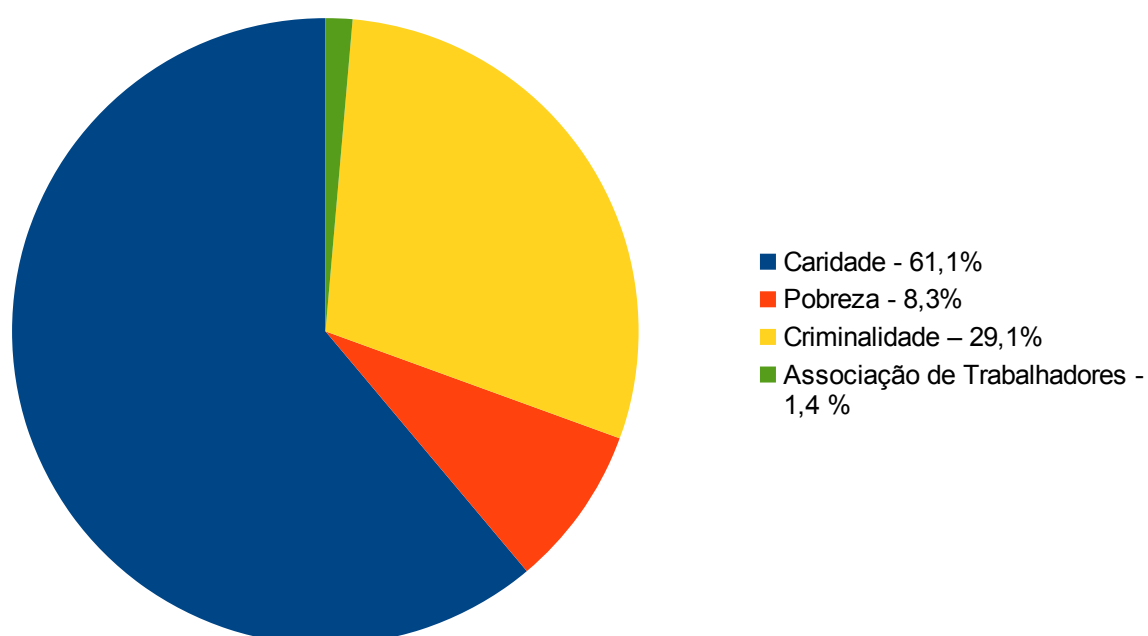


Figura 2 – Frequência de Temas: 1935  
Fonte: O autor (2012)

A necessidade da caridade reafirma os dados bibliográficos, que apontam para um momento de crise do modelo agrário, baseado na exportação de café (MEIHY, 1981) que expulsou muitas pessoas do campo para a cidade, que não foram absorvidas pelas indústrias instaladas, tanto é que ocorreu, entre os anos de 1872 a 1920, um crescimento da mão de obra e uma diminuição da população economicamente ativa (SOTO, 2000), o que gerou uma massa de desempregados, que dependiam da caridade da classe média e da elite, pois no contexto da época inexistiam políticas públicas para lidar com questões sociais referentes à pobreza da população, causadas pela própria estrutura do capitalismo (BERHING; BOSCHETT, 2006).

Também é importante ressaltar que durante toda a Primeira República os serviços assistenciais foram fortemente influenciados e desenvolvidos por ordens da Igreja Católica, isso acabou deixando uma marca indelével nos serviços assistenciais públicos, sendo que a profissão de assistente social começou com mulheres ligadas à Igreja Católica (LOBO, 2012, p. 4).

Para uma análise mais detalhada dos dados sobre o tema da caridade, os quadros das palavras-chave (quadros 1 e 5) desse tema foram divididos em subtemas que facilitaram o reconhecimento dos núcleos de sentido das representações do próprio tema da caridade, pois “fazer uma análise temática, consiste em descobrir os <núcleos de sentido> que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, p. 105).

Os subtemas que serviram de base para agrupar as palavras-chave do tema caridade do ano de 1899 foram:

- **Instituições Assistenciais** – Hospital Santa Izabel. Hospital de Misericórdia. Sociedade São Vicente de Paula.

- **Grupos Assistidos** – Indigentes. Enfermos. Pobres.
- **Práticas e Virtudes Assistenciais** – Caridade. Almas Caridosas. Beneficência. Festa. Filantropia. Doação Leilão. Piedade. Cristão.
- **Problemas Sociais** – Fome. Ócio.
- **Outros** – Agradecimento. Mulher. Teatro São João.

Organizando e quantificando a frequência das palavras-chave de cada subtema, têm-se o seguinte gráfico para o ano de 1899:

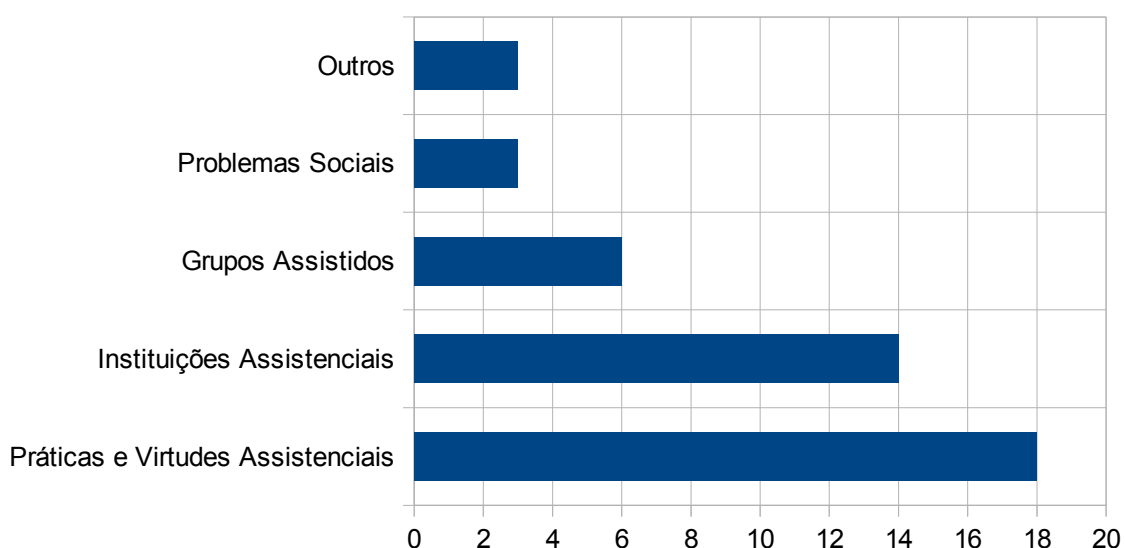


Figura 3: Subtemas – Caridade 1899.  
Fonte: O autor (2012)

Adotando o mesmo procedimento de agrupar as palavras-chave do tema caridade, obedecendo as especificidades do ano de 1935, têm-se os seguintes subtemas:

- **Instituições Assistenciais** – Asilo de Mendigos. Escola Preparatória Para Cegos. Sociedade Beneficente. Hospital Santa Izabel. Liga de Defesa Social de

Taubaté. Orfanato Santa Verônica.

- **Grupos Assistidos** – Pobres. Mendigos. Doentes.
- **Práticas e Virtudes Assistenciais**– Caridade. Beneficência. Filantropia. Donativos. Esmola. Exposições.
- **Assistência Pública** – Prefeitura de Taubaté. Governo Federal.

A frequência dos subtemas acima pode ser representada graficamente da seguinte forma:

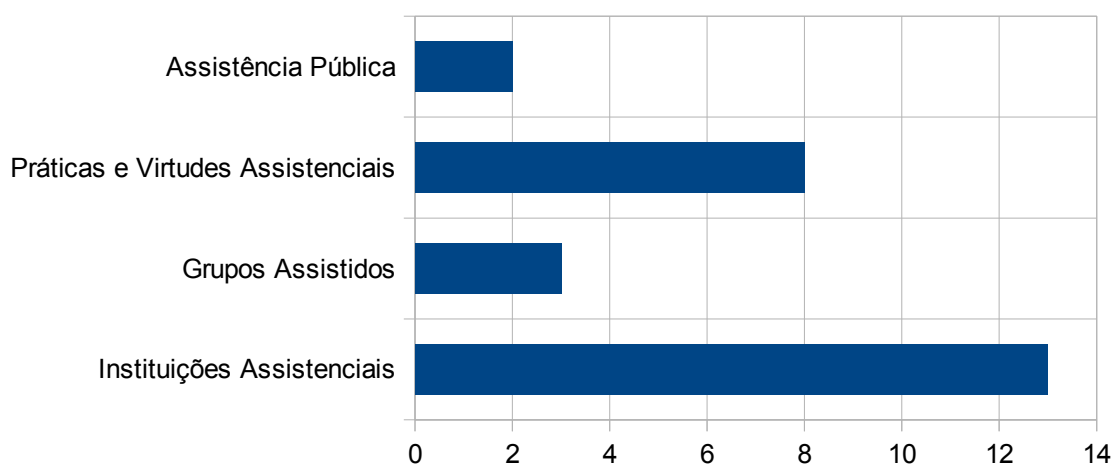


Figura 4: Subtemas – Caridade 1935.  
Fonte: O autor (2012).

As práticas e virtudes assistenciais ocupam quase sempre algum lugar nos textos do “Jornal de Taubaté”, seja em 1889 ou em 1935, as pessoas que doavam para as instituições de assistenciais são muito bem retratadas. Como aparece no seguinte trecho sobre as doações prestadas ao Hospital da Irmandade de Misericórdia (Hospital de Santa Izabel):

Bem hajam as almas caridosas, graças ao auxílio das quaes o hospital de Misericórdia de Taubaté continua a agasalhar os enfermos



indigentes, oferecendo-lhes lenitivos para os seus males e conforto para os seus sofrimentos (**Jornal de Taubaté**, 06/jan/1899).

Muitas vezes o jornal apelava ao sentimento cristão de generosidade do povo taubateano para promover eventos beneficentes em prol de instituições filantrópicas que cuidam dos “necessitados”, como por exemplo a promoção de um concerto para benefício ao Hospital Santa Izabel, publicada na seção de noticiário:

É de se esperar que a generosa sociedade taubateana aproveitará o ensejo que lhe proporciona a exma. Sra. d. Escolástica Vieira para recreando-se, fazer uma esmola a quem della tanto necessita (**Jornal de Taubaté**, 04 /jan/1899).

A mesma tônica de exaltar as virtudes da caridade é encontrada nos textos jornalísticos do ano de 1935, como a promoção de um espetáculo para levantar fundos para a 'Liga de Defesa Social':

Esse mui apreciado espetáculo foi patrocinado pelas exma sra. d. Aluisia de Castro Napoles e senhorita Alice de Oliveira Costa, que se desobrigaram galhardamente da incumbência a que se propuzeram, para beneficiar a Liga de Defesa Social de Taubaté (**Jornal de Taubaté**, 16/jun/1935).

Não foi constatado nenhum texto jornalístico no qual se incentivasse a ajuda direta aos pobres, sempre as doações ou práticas filantrópicas tinham de ser em benefício de alguma instituição, sendo que a instituição de maior destaque em 1899 e em 1935 foi o Hospital de Santa Izabel, controlado pela Irmandade de Misericórdia (conforme pode ser observado no quadro 1 e 5).

Soto (2000) menciona que a própria criação do hospital serviu para os latifundiários da região, que dessa forma se livravam da incumbência com a saúde de seus funcionários.

Contudo cabe destacar que o hospital sofria de problemas crônicos de falta de recursos, pois recebia pessoas de Taubaté e de outras cidades próximas, ou seja, a demanda de pessoas era muito maior do que a capacidade de atendimento do hospital (MELLO JR. 1976).

Nesse contexto histórico, a maneira como o jornal representava positivamente a caridade e as doações ao hospital e a realidade local está plenamente coerente, os textos jornalísticos representam as pessoas que doam de maneira positiva, relacionando-as aos valores cristãos, para tentar resolver o problema de fundos do hospital, entretanto o problema parece não ter se resolvido, talvez isso corrobore com a ideia de uma elite e classe média empobrecidas (MEIHY, 1981).

Pode-se constatar que a caridade aparece relacionada fortemente com a palavra esmola, ou seja, de doação aos que dependem da solidariedade dos mais abastados. Esse enfoque é condizente com o pensamento religioso cristão, que fica evidenciado em outro texto do referido jornal:

(...) É de se esperar que a generosa sociedade taubateana aproveitará o ensejo que lhe proporciona a exma sra. d. Escolástica Vieira para recreando-se, fazer uma esmola a quem della tanto necessita (**Jornal de Taubaté**, 04/jan/1899).

Os que dependiam das esmolas alheias, os grupos assistidos pelas instituições de caridade, tanto em 1899 quanto em 1935 foram representados menos frequentemente do que as “instituições sociais” e as “práticas e virtudes assistenciais” (conforme as figuras 3 e 4).

Analisando detalhadamente o subtema “grupos assistidos”, podemos observar que as palavras-chave designadas referem-se aos que necessitavam de ajuda como pobres, enfermos, doentes e mendigos.

Como a questão da pobreza não era vista como um problema estrutural (BERHING; BOSCHETTI, 2006), os pobres merecedores de ajuda deveriam ser os

incapacitados, daí a coerência em representar os grupos assistidos como grupos de pessoas doentes e enfermas.

Conforme Kowarick (1987), a grande preocupação capitalista é a caridade não propagar o ócio e a vagabundagem, ideologia representada por um pensamento do padre Senna Freitas publicado pelo Jornal de Taubaté: "A caridade consiste não menos em saber recusar que em saber dar: ella deve matar a fome, vestir a nudez, mas não propagar o ócio andrajoso" (**Jornal de Taubaté**, 23/abr/1899).

O pensamento não representa algo inédito, somente reforça a ideologia liberal, pois "essa visão moral da pobreza não é nova e, desde o século XIX, as instituições caritativas dividiam os pobres em "meritórios" e os "não meritórios" (IVO, 2010, p. 24).

Entretanto, tanto os pobres merecedores de ajuda por suas limitações, quanto os pobres tidos como aproveitadores, por estarem fisicamente aptos ao trabalho, eram representados como uma praga que infestava a cidade e deveria ser eliminada, tanto que o jornal pretende:

Chamar a atenção dos leitores para a legião de pedintes que infestam a nossa cidade, aos sábados principalmente, uns impossibilitados de trabalhar por incapacidade física, outros viciados e preguiçosos; muitos necessitados e alguns ambiciosos exploradores da caridade pública (**Jornal de Taubaté**, 12/abr/1899).

O texto acima refere-se à ideia de criação de um asilo para mendigos, um local para onde seriam encaminhados os pobres merecedores da caridade alheia e para onde seriam destinadas as doações dos taubateanos (MELLO JR. 1978), no entanto, para os pobres que fossem considerados aproveitadores o caminho seria a prisão, conforme o próprio jornal conclui:

Para se avaliar, sob o ponto de vista moral, a vantagem dos Asylos,

bastará dizermos que só depois de sua existência poderá ser profícua a efetiva intervenção policial no sentido de reprimir abusos e intrugices de falsos mendigos (**Jornal de Taubaté**, 12/abr/1899).

A solução encontrada para o problema é o enclausuramento de uma classe social que não é bem-vinda no ambiente urbano, ou seja, o pobre é percebido como criminoso, principalmente se for detido por “vagabundagem”, já que esses casos eram comuns em Taubaté na transição do século XIX para o século XX (MEIHY, 1981).

Nesse contexto a prisão dos pobres tidos como aproveitadores é usada para estigmatizar uma classe social de pessoas marginalizadas pela própria dinâmica do sistema capitalista (FOCAULT, 2008).

Na década de 1870, a figura do jovem rico desocupado desligou-se totalmente da representação do vadio e reforçou-se o trio pobre/vadio/criminoso: a miséria levaria a degradação, corrupção do indivíduo, que desta forma escolheria o caminho do vício e do crime. A solução para os três elementos seria o trabalho. Por essa via, a vadiagem se destaca do resto das contravenções (SOTO, 2000, p. 505).

Parece que o que incomodava os redatores do *Jornal de Taubaté* não era a pobreza, mas sim os pobres, que 'sujavam' a paisagem urbana, tal a revolta com relação a presença de meninos pobres nos arredores da estação de trem da cidade, que poderiam passar uma imagem ruim da cidade para os que nela chegassem (**Jornal de Taubaté**, 02/jun/1899).

As instituições assistenciais foram amplamente representadas no *Jornal de Taubaté*, tanto no ano de 1899 (conforme figura 3) e no ano de 1935 (conforme figura 4), Instituições assistenciais, diferenciando-se pelas instituições representadas.

No ano de 1899 o Hospital de Santa Izabel ou Hospital de Misericórdia foram amplamente representados (conforme o quadro 1), além do hospital

somente a Sociedade São Vicente de Paulo foi representada (**Jornal de Taubaté**, 04/abr/1899), porém, em 1935 além do Hospital de Santa Izabel também se destacou a Liga de Defesa Social (conforme quadro 5).

O Hospital de Santa Izabel dependia constantemente de doações de famílias abastadas para se manter (MELLO JR., 1976), por cumprir um importante papel ao se incumbir da saúde das pessoas gratuitamente e desafogar as obrigações dos fazendeiros para com seus operários (SOTO, 2000) era sempre muito bem representado nos textos dos jornais, que não economizava nos elogios aos beneméritos doadores:

O melhoramento que hoje se inaugura no Hospital de Santa Izabel, devido aos ingentes esforços de sua dedicada meza regedora dá-nos prova inconcussa do progresso que, graças à boa vontade e philantropia de nosso povo, se vae introduzindo naquella casa de caridade, tornando-a dia a dia mais apta ao cabal desempenho da alta missão de caridade que lhe é inhenrente, proporcionando-lhe o receber em seu seio maior número de pobres doentes , que sem o agasalho e os cuidados ali prodiga e caridosamente distribuidos, morreriam à mingua e ao desamparo pelas ruas ou em miseráveis enxergis. Abençoados aquelles que não esquecem que os pobres são irmãos dos ricos, que os infelizes são irmãos dos venturosos, e tem para uns o bálsamo da esmola e do agasalho, e para outros palavras consoladoras e actos de verdadeira philantropia (**Jornal de Taubaté**, 18/jun/1899).

A mendicância e a pobreza cresceram paralelamente ao desenvolvimento industrial da cidade durante as primeiras décadas do século XX (SOTO, 2000), isso fez com que surgissem instituições que arcassem com os problemas decorrentes dessa situação. Essa talvez seja a causa das representações do Hospital de Santa Izabel terem diminuído do ano de 1889 para o ano de 1935, embora continuasse frequente nas publicações, pois teve que dividir espaço com outras instituições como é o caso do “Asilo de Mendigos” (**Jornal de Taubaté**, 06/jun/1935), da “Escola Preparatória Para Cegos” (**Jornal de Taubaté**, 26/mai/1935), da “Sociedade Beneficente” (**Jornal de Taubaté**, 21/mar/1935), da “Liga de Defesa Social de Taubaté” (**Jornal de Taubaté**,

10/mar/1935), do “Orfanato Santa Verônica” (**Jornal de Taubaté**, 06/jan/1935).

Todas essas instituições dependiam de doações feitas pelas pessoas, sofrendo sempre de escassez de recursos, dentre as preocupações que afligiam os taubateanos durante as primeiras décadas do século XX está o aumento da mendicância, que resultou na criação do “Asilo de Mendigos” e na criação da “Liga de Defesa Social de Taubaté”, o primeiro era parte integrante do sistema assistencial, chegando a receber ajuda do Hospital Santa Izabel, que enviava fórmulas médicas periodicamente ao asilo, conforme publicação do jornal:

Foram aviadas na pharmacia do hospital de St<sup>a</sup> Isabel, durante o mez de maio, 1337 formulas, sendo: Para doentes internos. 1068; Asylo de Mendigos, 27; pobres a domicilio, 90; Cadeia, 1; sala de operações e curativos, 151 (**Jornal de Taubaté**, 06/jun/1935).

A segunda instituição também tinha um objetivo bem específico com relação à mendicância:

Liga de defesa social de Taubaté, que tem como objetivo tirar os mendigos das ruas da cidade (...) Supprir do necessário para a vida, os verdadeiros indigentes domiciliados em Taubaté, e assim, eliminar a causa da mendicidade nas ruas (**Jornal de Taubaté**, 10/mar/1935).

Ao se mencionar os “verdadeiros indigentes” reforça-se a falta de visão de uma pobreza estrutural e a preocupação em ajudar as pessoas que estariam fisicamente aptas ao trabalho, mesmo que não houvesse trabalho para todos.

A ano de 1935 é interessante pois está inserido em um contexto histórico que marca o começo do pensamento de que a pobreza deveria ser assunto de Estado, por se tratar de um problema estrutural do próprio sistema (VISCARDI, 2011), contudo, enquanto o dinheiro público não era o suficiente, as

instituições continuavam a depender de doações filantrópicas, e essas contribuições não eram suficientes e o apelo à filantropia deixa de se valer somente da valorização das virtudes cristãs e se torna uma cobrança mais direta:

Nem todos, para não dizer mais de 95% da população que pode dispender de uma parcela mínima de 2\$000 por mez, nem todos, diziamos, se dignaram ainda a auxiliar, de modo suave, racional e eficiente, a pobreza desamparada deste lugar, inscreveram-se como sócios contribuintes ou beneméritos da referida liga (**Jornal de Taubaté**, 10/mar/1935)

As virtudes cristãs tão valorizadas e representadas positivamente no ano de 1899 cedem espaço, mas sem desaparecer, para argumentos mais diretos e práticos, evocando a imagem da pobreza diante dos olhos das pessoas, ou seja, indiretamente o pobre é o indesejável que se quer ver longe, ainda que fosse necessário pagar para isso, não para que o pobre se emancipe de sua condição de miséria, mas sim para se afastar dos 'sensíveis olhos' da classe média taubatena. O texto jornalístico alerta que se as doações não ocorressem a Liga de Defesa Social:

(...) Será forçada a desmoronar-se, deixando a mendicância irromper de todos os cantos a campear liberrina e andrajosa pelas ruas e praças da cidade, embargando, em chusma, o passo do caminhante, batendo insistente e diuturnamente a todas as portas, a implorar com voz lugubre: 'uma esmola pelo amôr de Deus! (**Jornal de Taubaté**, 10/mar/1935)

A representação alarmista uma cidade repleta de pessoas tinha um objetivo bem definido, os jornalistas percebiam que os padrões antigos foram rompidos e era preciso de um novo modelo para romper com o caos, representado pela 'infestação de pobres' nas ruas da cidade.

A imprensa local desses anos tinha um tom alarmista. Consciente de

que era uma época vital em que todas as colocações teóricas deviam ser revistas, constatava que a ordem tinha sido quebrada em vários pontos e se impunha uma rápida recomposição. A crise tinha introduzido uma certa premência em tudo. Na cidade, a sensação de desordem foi simbolizada na imagem de ruas infestadas de indivíduos que representavam uma incógnita para as autoridades e uma ameaça para os homens de bem. O empenho classificador esbarrava obstinadamente nestas hordas que se apoderaram dos espaços públicos, e além de embaçar a imagem da cidade tornaram esta um verdadeiro caldeirão, onde se tramavam planos sinistramente criminosos. As acusações pareciam desenterrar todos os fantasmas que rondaram os taubateanos nos tempos da escravidão; em uma linguagem atestada de imagens semelhantes às criadas contra escravos e libertos, alegava-se que essas massas de arruaceiros faziam barulhos excessivos, reuniam-se em lugares suspeitos com obscuras intenções divertiam-se de maneira escandalosa e amoral. Resumindo vadio tornou-se sinônimo de desordeiro, conceito convenientemente impreciso, que designava todos os que estavam fora da ordem ou de forma consciente a alteravam. Era portanto, associado à uma sensação de insegurança urbana que o conceito de vagabundo fincava raízes em Taubaté (SÓTO, 2000, p. 508).

A imprensa cumpriu em Taubaté o papel de difundir as teorias liberais sobre a vagabundagem vigentes na Europa para o âmbito do cotidiano taubateano, adaptando os conceitos e tentando torná-los parte do senso comum local, onde a pobreza também passou a representar passou a sujeira urbana, que significava doença, que significava degradação, que significava imoralidade, tendo sempre presente o medo da subversão (PATTO, 1999). A imprensa prestou-se de maneira consciente à criação de representações sociais favoráveis à ideologia liberal, entretanto:

Isso não subverterá a autonomia das representações em relação tanto à consciência do indivíduo, ou à do grupo. Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repetem e dão oportunidades ao nascimento de novas representações (MOSCOVICI, 2011, p. 41).

Algumas formas criadas para tratar a questão da mendicância em



Taubaté não convergem totalmente para ideologia Liberal, por exemplo, Mello Jr. (1978) menciona a prática de a polícia cadastrar os pedintes taubateanos e lhes dar uma placa metálica oficializando-os como mendigos da cidade que podiam pedir esmolas, esse procedimento foi adotado para evitar que a população de Taubaté desse esmolas para mendigos de outras cidades.

De qualquer forma os problemas sociais geraram uma crescente formação de instituições assistenciais privadas, que compensavam a inexistência de políticas sócias públicas. “Tais soluções reforçavam a situação socioeconômica e contribuían para manter um trabalhador pouco exigente em matéria de direitos e grato aos seus patrões e aos seus administradores” (SOTO, 2000, p. 215).

A criação do “Orphanato Sta. Verônica” e da “Escola Preparatória para Cegos”, buscava adequar os jovens ao mundo do trabalho através da educação, mas mantinham as características das outras instituições assistenciais, pois dependiam de contribuições constantes para se manter.

A sede provisoria da Escola Preparatoria para Cegos “Regente Feijó” está instalada em caracter provisorio no predio n. 3 da Praça Dr. Monteiro. Os seus estatutos já foram publicados pelo “Diario Official” de 10 de maio corrente. Chamamos a atenção dos taubateanos para esta instituição no sentido de serem os cegos ali abrigados socorridos com donativos, em qualquer espécie, que poderão ser endereçados ao sr. Amaro Negrini ou á ilustre secretaria, d. Dolores Barseto Coelho, á rua 15 de Novembro, 82 (**Jornal de Taubaté**, 26/jun/1935).

A ajuda pública tardou a acontecer, e primeiramente se deu na forma de verbas destinadas às instituições assistenciais privadas, mas as doações particulares ainda eram extremamente necessárias para essas instituições.

O orçamento da Prefeitura de Taubaté de 1935 incluía vários gastos assistenciais através de verbas para as seguintes instituições:

- a) - Assistência Pública
- 1 - Assistência aos mendigos - 24:000\$

- 2- Orphanato Sta. Verônica - 6:000\$
- 3 - Hospital Sta. Izabel:
  - a) - Para pavilhões de maternidade - 4:000\$
  - b) - Para demais pavilhões - 14:000\$
- 4 - Asylo de Mendigos - 3600\$
- 5 - Casas Pias de são vicente de Paula - 1:000\$
- 6 - Patronato de Santo Antônio - 750\$
- 7 - Contribuição do Município para assistência médica dentária, pharmaceutica e juridica aos operários – 10:400\$ (**Jornal de Taubaté**, 17/01/1935).

O “Hospital de Santa Izabel” e o “Orphanato Sta. Verônica” além de receberem os incentivos da Prefeitura de Taubaté também foram beneficiados pela lei de subvenções do Governo Federal:

Foi sancionada pelo governo Federal a lei das subvenções às instituições de caridade do paiz, sendo contemplados com a importância de rs. 5:000\$000 cada um,o Orphanato de Santa Verônica e hospital de Sta. Izabel desta cidade (**Jornal de Taubaté**, 06/01/1935).

Esses benefícios públicos aos setores assistenciais privados ocorrem principalmente porque a pobreza se alastrava nas cidades e a filantropia não impedia seu alastramento, então “o Estado se vê na contingência de admitir sua responsabilidade social para com os mais pobres, o que não estava na agenda liberal que cominava o pensamento até então” (MESTRINER, 2001, p. 68).

Dentre os problemas decorrentes da pobreza a fome é representada como o principal, que deveria ser combatida através da caridade (**Jornal de Taubaté**, 08/jan/1899) (**Jornal de Taubaté**, 23/abr/1899), entretanto sem nunca contribuir para o ócio.

O texto jornalístico que melhor sintetiza a representação de como a caridade deveria ser praticada e a forma como os pobres deveriam se comportar diante dos problemas decorrentes da pobreza, está no Discurso do procurador M. Amorim, em 05/01/1899, em homenagem ao concerto beneficiante em ajuda ao

Hospital Santa Izabel:

A caridade que se resume no amor ao próximo, que se identifica com a fraqueza para lhe dar força, com a dor para lhe dar alívio, com a fome para lhe dar alimento, com a nudez para lhe dar roupa, com o pobre e enfermo necessitado para socorrei-vos. (...) Muito bem disse Laccoire: a doutrina católica quando baixou no mundo não disse com Spartacus: levantae-vos, amae-vos, reivindicae vossos direitos, disse com mansidão e simplicidade: amae-vos uns aos outros (**Jornal de Taubaté**, 08/jan/1899).

Os ricos embuídos do espírito cristão deveriam ajudar os pobres, que em troca não se organizariam para reenvindicar seus direitos tal qual o escravo que ousou desafiar o Império Romano.

#### **4.2.2. As Representações Sociais da Pobreza**

O tema da pobreza foi o que menos apareceu diretamente durante a pesquisa nos jornais (figura 6 e 7), isso ocorreu principalmente em decorrência do critério adotado durante a leitura e fichamento dos textos jornalísticos, pois se buscava a pobreza retratada de maneira direta, como um problema central da dinâmica econômica e social da cidade.

As palavras-chave de cada texto jornalístico do ano de 1989 foram agrupadas em dois subgrupos, os atingidos pela pobreza, ou seja, os pobres, e as instituições assistenciais para atuar no problema da pobreza:

- **Instituições Assistenciais** – Asilo.
- **Pobres** – Meninos. Vagabundos. Lavrador. Mendigo. Pobre.

Esses dois subgrupos das palavras-chave do tema pobreza tiveram sua frequência representada graficamente:

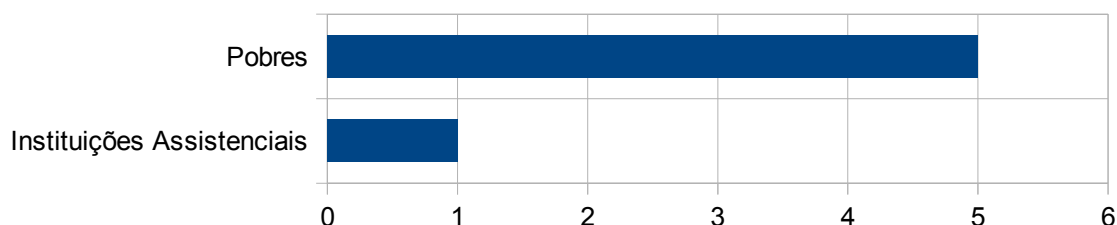


Figura 5: Subtemas – Pobreza 1899.  
Fonte: O autor (2012).

Com relação aos subtemas do tema pobreza do ano de 1935, não foi possível criar grupos, pois somente foi encontrada uma palavra-chave desse tema, embora o texto jornalístico 'Inquérito às condições de vida do operariado brasileiro' (**Jornal de Taubaté**, 16/jun/1935) seja importante para uma análise cuidadosa, já que aborda de maneira consistente a questão da pobreza dos operários durante o período estudado.

Os poucos textos diretos sobre a pobreza, não representa à ausência de pobres, pois o que pode ser observado foi que a pobreza apareceu indiretamente através dos constantes incentivos à caridade, com recorrentes elogios aos que davam “esmolas” aos pobres (através de doações às instituições assistenciais).

Um dos textos que destaca a questão da pobreza na cidade, fala sobre a necessidade da criação de um asilo para os mendigos, já que a pobreza alastrava-se pelo município:

Foi aventada, não sabemos por quem, a idéia da fundação de um asilo de mendigos em Taubaté; a ideia entretanto parece ir tomando incremento e é de presumir que se transforme em realidade, tendo em vista o espírito altruísta dos taubateanos quando se trata de assunto de tal magnitude.(...). Bastar-nos-a chamar a atenção dos leitores

para a legião de pedintes que infestam a nossa cidade, aos sábados principalmente, uns impossibilitados de trabalhar por incapacidade física, outros viciados e preguiçosos; muitos necessitados e alguns ambiciosos exploradores da caridade pública. (...). Para se avaliar, sob o ponto de vista moral, a vantagem dos Asylos, bastará dizermos que só depois de sua existência poderá ser profícua a efetiva intervenção policial no sentido de reprimir abusos e intrugices de falsos mendigos (**Jornal de Taubaté**, 12/abr/1899).

O texto representa os pobres de maneira estigmatizante, são adjetivados como incapacitados fisicamente, viciados e preguiçosos, além de transmitir a ideia de que a construção de um asilo poderia facilitar a atuação da polícia para reprimir os 'falsos pobres' que exploravam a caridade alheia, essa maneira de representar está estreitamente ligada à ideologia liberal, além de justificar a repressão policial contra os pobres.

O eficientíssimo artifício ideológico domesticador que se articulou nesse período, em íntima relação com o discurso científico, foi a disseminação pelo corpo social de uma imagem negativa dos pobres, vírus poderoso que naturalizava a condição social de uma classe aos olhos de todos e justificava a exploração econômica, a rudeza do aparato repressivo e o exercício oligárquico do poder (PATTO, 1999, p. 183).

A representação social da pobreza difundida pelo *Jornal de Taubaté* pode ser observada claramente através do texto sobre a criação do asilo de mendigos (**Jornal de Taubaté**, 12/abr/1899), pois de acordo com Moscovici (2011) a representação social é criada como uma forma do senso comum incorporar conceitos advindos da ciência.

Outro texto jornalístico reforça a representação estigmatizante da pobreza, têm-se a visão de que a presença de crianças pobres 'suja' o ambiente urbano, conforme a visão do jornalista sobre os meninos pobres que ficavam na estação vendo o trem chegar à cidade:

Chamamos a atenção da digna autoridade para o facto pouco edificante da aglomeração extraordinária de meninos vagabundos na gare desta cidade à hora da passagem dos trens (...) esse facto tem inúmeros inconvenientes, entre os quaes destaco o do risco de algum incidente e sobretudo, a péssima impressão que da nossa cidade levarão os viajantes que observarem semelhante abundância de mandriões. Dir-se-á que aqui não há nem escolas nem pais que sujeitem os filhos (**Jornal de Taubaté**, 02/jun/1899).

A preocupação maior demonstrada pelo jornalista não tem haver com a resolução dos problemas que geram a incômoda visão da pobreza, mas sim com a impressão que tal imagem pode transmitir para os visitantes da cidade, aqui vemos a importância dada para a aparência.

Relacionando os dados obtidos com a bibliografia estudada ocorre que a não representação da pobreza como um problema estrutural está de acordo com a ideologia liberal, que tende a naturalizar a existência dos pobres, que são considerados inaptos e desajustados e não vítimas de um sistema que tem em sua natureza a exclusão (BERHING; BOSCHETTI, 2006).

No ano de 1899, têm-se um texto jornalístico, que mostrava os sofrimentos do lavrador, que padecia de proteção do governo e de incentivos bancários para manter sua produção.

O lavrador é o rei da natureza mas, escravo também da sociedade (...) ó pobre obreiro de Deus (...) Virão dias melhores, que matarão a uzura e criação em troca bancos agrícolas para te libertar de tua cruel escravidão (**Jornal de Taubaté**, 12/mar/1899 ).

No respectivo texto o lavrador é representado como um homem digno e religioso, que faz um trabalho merecedor de reconhecimento, por isso passível de ser ajudado pelos bancos, através da concessão de créditos, o que não estava ocorrendo no início do século XX.

A princípio, os lavradores, em geral, e o pequeno produtor, em particular perderam a guerra: as atividades relacionadas com o setor

agrícola foram se tornando tributáveis ao longo das primeiras décadas deste século (SOTO, 2000, p. 154)

Relacionando o texto com sua época, encontra-se um cenário empobrecimento do campo, principalmente relacionado à crise do setor cafeeiro, em outras palavras, os lavradores taubateanos estavam sentindo os efeitos da transição da economia agrícola para a economia industrial, mas sua campanha através da imprensa local por mudar essa situação surtiu efeitos positivos para os produtores rurais:

O produtor e o comerciante de pequeno porte encamparam uma luta ferrenha para reverter essa situação. A seu favor, contavam com uma organização cada vez melhor, com crescente voz nos meios de comunicação e com a simpatia dos habitantes da cidade, que também identificavam as carestias e os aumentos de preços com as manobras dos grandes produtores ou comerciantes. Esses fatores lhes davam uma certa capacidade de pressão, que se viu premiada com as citadas iniciativas fiscais de proteção e de financiamento por parte da prefeitura ou de bancos locais (SOTO, 2000, p. 155).

No ano de 1935, ocorre uma mudança, o trabalhador rural não é mais o único destaque de padecer de sofrimentos, compartilhando espaço com o trabalhador urbano, o operário, claro que essa mudança é um reflexo da dinâmica da economia nacional, na qual se espelha a cidade, que se industrializou durante as primeiras décadas do século XX (ANDRADE; ABREU, 1996).

Esse texto sobre a pobreza dos operários era um comentário jornalístico a respeito de um inquérito da câmara dos deputados sobre as condições de miséria dos trabalhadores brasileiros do campo e das fábricas:

Eu penso que nenhum paiz necessita mais desse inquerito que nós, pela situação da miseria em que vive o proletariado brasileiro, principalmente aquelle que vive dos trabalhos agricolas. Esse inquérito, caso fôr levado a bom termo, vae nos revelar dados impressionantes da vida do operario nacional, porque é sabido, mais ou menos, a sua situação de miséria, de verdadeiro desconforto em

que vive. Infelizmente muito pouco temos feito em prol do infeliz trabalhador brasileiro que amarga, nos trabalhos da roça e das fabricas, o pão de cada dia. Em parte se justifica, porque não possuímos estatísticos reveladores da penosa situação em que se encontra esse grande propulsor da grandeza economica da nossa terra (**Jornal de Taubaté**, 16/jun/1935).

Novamente pode-se observar que a pobreza que chocava era a das pessoas que trabalhavam para a produção de riquezas, sejam essas riquezas agrícolas ou industriais, mas além desses existiam outros pobres, que nem trabalho tinham, que viviam das 'esmolas' de outras pessoas, mas esse tipo de pobreza não chocava, pois de acordo com a ótica liberal, os que não se encaixassem no mercado capitalista eram culpabilizados por sua falta de capacidade ao trabalho (BERHING; BOSCHETTI, 2006).

Além disso, a naturalização da pobreza e a estigmatização da pobreza pode ser observada através dos termos usados para representar os que recebiam a ajuda de pessoas mais abastadas através de instituições sociais, que eram designados como: mendigos; pobres; doentes; enfermos; indigentes (conforme os quadros 1 e 4). Esses que recebiam ajuda através da caridade alheia, são em geral representados como pessoas adoentadas ou totalmente privadas de meios para sua sobrevivência.

Essa desatenção do jornal com relação à vida social e simbólica dos próprios pobres, optando por estigmatizá-los e não conhecê-los, dificulta qualquer tipo de mudança, pois é a partir das representações elaboradas pelos próprios sujeitos que “se define o horizonte de sua atuação no mundo social e a possibilidade de transposição desta atuação para o plano propriamente político” (SARTI, 1996, p. 18).

Essa maneira de representar a pobreza como um problema individual decorrente de vícios morais ou limitações físicas forneceu a justificativa para a elite taubateana criar um asilo para mendigos em 1902 (MELLO JR., 1978), para confinar os pobres e 'limpar' o ambiente urbano.



#### 4.2.3. A criminalidade no Jornal de Taubaté em 1899

Em pesquisas preliminares foi constatado que do mês de janeiro até julho de 1899, o trissemanário, Jornal de Taubaté, teve praticamente em todas as edições textos ou notas sobre algum tipo de prática de caridade, contudo somente ocasionalmente foram mencionados diretamente os problemas sociais da região, além disso, temas relacionados à criminalidade foram abundantes, o que demonstra a existência de conflitos no meio urbano.

Os textos jornalísticos que abordavam o tema da criminalidade foram fichados e a partir das palavras-chave foram agrupados em três subtemas:

- **Crimes** – Assalto. Roubo. Gatunagem. Rapto. Desaparecimento. Briga. Feitiçaria.
- **Instituição Criminal** – Polícia.
- **Outros** – Tremembé. Criminalidade. Alcoolismo.

A partir da frequência com que as palavras-chave apareceram foi possível estabelecer o seguinte gráfico:

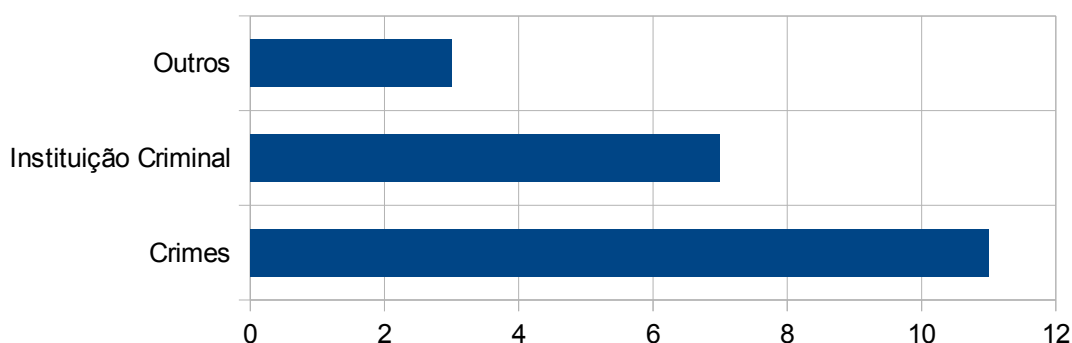


Figura 6: Subtemas – Criminalidade 1899.  
Fonte: O autor (2012).

Pode-se notar que os crimes foram mais frequentemente noticiados, bem como a polícia, como instituição responsável por cuidar da criminalidade, embora o gráfico expresse uma relação óbvia de entre crime e polícia, lendo atentamente os crimes ocorridos pode-se perceber que muitos tinham um caráter social. Conforme afirmativa de Menezes e Papali (2006, p. 1859): “crime, pobreza, discriminação e violência era a vivência cotidiana da realidade taubateana do século XIX”.

Vale lembrar que no período estudado (Primeira República) a questão social sempre foi tratada como “caso de polícia” (CERQUEIRA FILHO, 1982, p. 59, Op. Cit. MESTRINER, 2001, p. 69).

O caso mais revelador de como a pobreza local era a causadora de alguns crimes são os roubos de galinhas, noticiados no 'Jornal de Taubaté' como uma grande afronta à ordem pública: “Não se passa uma noite sequer que a gatunagem se não exercite nesta cidade, assaltando as propriedades, invadindo gallinheiros e retirando dali as aves que encontram” (**Jornal de Taubaté**, 18/mai/1899).

É o típico crime que relaciona-se facilmente com a fome pela qual passava boa parte da população, já que a “instabilidade da vida econômica incorporava-se assim e sobretudo, na luta pela sobrevivência produzindo e exigindo improvisações na obtenção dos réis a mais” (MENEZES; PAPALI, 2006,

p. 1859). Tanto nos casos do roubo de galinhas, como nos casos de rapto, feitiçaria, assaltos e brigas, o indivíduo sempre é culpabilizado pelos crimes, sem nunca se considerar o contexto social, ou seja, é feita uma representação onde o crime tem como causa única a falha individual, sem se atentar as causas sociais.

Essa forma de representar os crimes está de acordo com a visão expressa pelo promotor público da comarca de Taubaté, em um relatório sobre as causas da criminalidade em Taubaté, divulgado pelo próprio Jornal de Taubaté:

As principais causas da criminalidade são: a vingança, o ódio, o amor aos prazeres, o deboche, a condescendência, a preguiça ou a indolência, a ambição desenfreada e o alcoolismo (**Jornal de Taubaté**, 22/jan/1899).

Em nenhuma das causas apresentadas pelo promotor temos a presença de problemas sociais, a esfera social não é observada como um contexto que pode levar os indivíduos aos crimes, não se percebe que “o estado de pobreza absoluta leva o ser humano à busca de sobrevivência por meio dos crimes (MENEZES; PAPALI, 2006, p. 1860).

Questões relacionadas à violência muitas vezes são reflexo da cultura de justiça vinda do campo, onde os coronéis aplicavam de maneira privada, os trabalhadores expulsos do campo e mal acolhidos pela cidade, muitas vezes envolviam-se em brigas com o pensamento de 'fazer justiça com as próprias mãos', pensamento comum entre os que viveram sob a parcialidade da justiça dos coronéis (MEIHY, 1981).

Até os casos de rapto noticiados, em sua maioria, tem haver com a situação social de pobreza no município, embora os textos jornalísticos não representem dessa forma. “Num dos últimos dias da semana passada foi, no bairro Matafome, raptada uma moça por um indivíduo empregado na linha” (**Jornal de Taubaté**, 03/mai/1899).

Na edição seguinte do jornal conclui-se o desfecho do caso: "os

arruladores pombinhos se uniram *per omnia secula*... pelos sagrados laços do matrimônio, motivo pelo qual julgamos conveniente não lhes declinar os nomes" (**Jornal de Taubaté**, 05/mai/1899).

O jornal respeitou a instituição do casamento e protege a união do casal não revelando seus nomes, entretanto não se aborda a causa de um casal recorrer ao rapto para efetivar uma união matrimonial. Compreendendo a dimensão social da problemática dos raptos e casamentos do período é possível notar sua relação com a pobreza:

O casamento pelo rapto da noiva ocorre quando, em razão de um novo casal não poder constituir-se de conformidade com as prescrições tradicionais, os pais não podem cumprir suas obrigações para com os compadres e vizinhos, no bairro rural de que se consideram membros, convidando-os a uma festa, custeando o enxoval e o casamento religioso; e também quando a escolha dos padrinhos pelas opções preferenciais dos costumes esbarram em impedimentos, pois os padrinhos também participam das despesas e se associam ao prestígio que o casamento implica em termos de relacionamentos no bairro ou em outras esferas. Consiste o rapto em um expediente tolerado com a finalidade de contornar as normas e as eventuais sanções, não as violando, quando elas não podem ser cumpridas (GNACCARINI, 1971, p. 78).

Em outras palavras, a questão do rapto seguido de casamento é uma solução encontrada pelas camadas mais pobres de não romper com o tradicionalismo social:

A saída do rapto dá solução ao impasse, uma vez que desobriga os pais da noiva de darem a festa, de fornecerem o enxoval e de arcarem com as despesas de igreja e cartório, pois estes se transferem para a alçada da nova família a que a jovem se agregou (GNACCARINI, 1971, p. 89).

Ao mostrar que os fatores sociais são desconsiderados nas representações dos crimes veiculadas nos textos do *Jornal de Taubaté*, não se

quer afirmar que somente as causas sociais deveriam ser representadas, mas que somente a culpabilização dos indivíduos não representa a realidade de fato, além de gerar a estigmatização de algumas classes sociais, conforme aborda Foucault (2000). Tanto é que no Brasil, “os denominados pobres no final do século XIX eram considerados “classes perigosas”, criminosos por excelência (MENEZES; PAPALI, 2006, p. 1859).

Tanto é que a saída defendida pelo próprio jornal para diminuir a criminalidade é o aumento do efetivo policial, para “que possa garantir a segurança pública, pondo a nossa cidade ao abrigo de bandoleiros” (**Jornal de Taubaté**, 15/01/1899). Quiça as causas sociais fossem consideradas e representadas e as pessoas conseguissem visualizar com nitidez a pobreza de muitos e a prosperidade de poucos.

Análise desse tema com relação ao ano de 1935 do período denominado 'Era Vargas' não foi possível, pois não foram encontrados textos focando o tema da criminalidade, não que a mesma tenha diminuído, pois as pesquisas com processos crimes de Soto (2001) e de Meihy (1981) mostram o contrário, mas o jornal que se tornou na época um órgão do Partido Republicano tinha um enfoque voltado mais para questões políticas.

#### **4.2.4. Associações Operárias**

As associações operárias relacionam-se com questões sociais vinculadas à assistência, pois nos casos encontrados em Taubaté, a existência dessas associações aparece ligada à prestação de assistência principalmente com relação à saúde.

Somente foi encontrado um texto jornalístico sobre o tema de associações operárias no ano de 1899, travava-se de um aviso sobre as atividade do 'Centro dos Operários Cathólicos': "Do dia 6 deste mez em diante dispõem dos

socorros aos associados que della precisarem" (**Jornal de Taubaté**, 05/mai/1899).

O ano de 1935 foi mais generoso com relação aos textos jornalísticos sobre o tema (conforme apontado no quadro 6), permitindo agrupar as palavras-chave de cada texto em subtemas:

- **Instituição Operária** – Sociedade União Operária de Mútuo Socorro
- **Atividades Culturais** – Teatro, conferência e palestra.

Esses temas permitiram a criação de um gráfico a partir da frequência com as apareceram:



Figura 7: Subtemas – Associações Operárias.  
Fonte: O autor (2012).

Pode-se notar que a associação operária denominada Sociedade União Operária de Mútuo Socorro foi instituição representada no Jornal de Taubaté e que suas atividades tinham caráter cultural e recreativo.

A 'Sociedade União Operária de Mútuo Socorro' tinha como objetivo prestar assistência no campo da saúde aos seus associados, entretanto a forma como foi representada no Jornal de Taubaté, durante o ano de 1935, está relacionada com atividades culturais, como a promoção de peças de teatro:

O Grupo de Amadores Dramaticos filiado á Sociedade União Operaria de Mutuo Socorro realiza hoje, em sua séde á Rua Dr. Rebouças de Carvalho, 2, artistico festival dramatico. Serão levados á scena além de um acto variado, o empolgante drama em 3 actos intitulado 'Dedo de Deus' e a comedia 'Que Amigos' (**Jornal de Taubaté**, 26/mai/1935)

Também eram promovidas palestras e conferências sobre temas variados: “A conferência do próximo mez de Abril será produzida pelo sr. Danelli, e versará sobre o suggestivo thema – Cooperativismo” (**Jornal de Taubaté**, 14/mar/1935).

As condições de vida do operariado não foram mencionadas, bem como os problemas sociais da cidade, ou seja, os informativos ou textos sobre a Sociedade União Operária de Mútuo Socorro tinham como finalidade divulgar as atividades recreativas e culturais da associação.

Tanto o Centro de Operários Cathólicos, quanto a Sociedade união Operária de mútuo Socorro não representaram aqueles movimentos operários europeus que imperam durante o século XIX com o domínio privado nas relações entre capital e trabalho, obrigando a questão social à extrapolar para a esfera pública (IAMAMOTO, 2001).

Essas associações eram a alternativa aos movimentos promovidos por operários para a defesa de seus interesses; eram conciliadores e fundamentados ideologicamente nos pressupostos cristãos (SOTO, 2000, p. 234).

Pode-se concluir que, embora a Sociedade União Operária de Mútuo Socorro tivesse como objetivo principal prestar assistência aos seus associados, sua representação nos textos e informativos do Jornal de Taubaté é a de uma associação cultural.

De qualquer forma, a presença de associações operárias em textos

jornalísticos, mostra o crescimento e fortalecimento do operariado local, que acompanhou a crescente industrialização da cidade durante as primeiras décadas do século XX, com a instalação da Companhia Taubaté Industrial, em 1891, seguida pelas Indústrias Reunidas Vera Cruz, em 1923 (tintas); a Companhia Fabril Juta; em 1927 (Sacaria); a Produtos Alimentares Embaré S. A., em 1930 (doces); a Companhia Predial de Taubaté, em 1932 (construção civil); a Cerâmica Santas Cruz S. A., em 1933 (louças); e a Corozita S. A., em 1935 (Botões). (ANDRADE; ABREU, 1996).

## **5. Considerações Finais**

Usar a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2011) atrelada ao conceito de ideologia possibilitou a análise das imagens criadas para a naturalização de relações assimétricas.

A teoria de Moscovici permitiu visualizar o homem comum como um receptor e produtor de representações, que se inserem no repertório simbólico da sociedade. Contudo, ao colocarmos o papel da mídia como uma produtora de símbolos foi possível identificar de maneira nítida a forma como um grupo tentou naturalizar sua ideologia através de um meio de comunicação de massa.

A força exercida por um meio de comunicação de massa sobre o repertório simbólico de uma sociedade é extremamente atual, principalmente quando observamos casos recentes da história do Brasil.

Estudos atuais sobre a papel da mídia mostram a forma como deliberadamente grandes revistas, jornais e emissoras de televisão tendem a ter uma postura conservadora.



Um estudo elaborado sobre as capas do jornal *O Globo*, em um cenário contemporâneo, mostra semelhanças com as conclusões obtidas com a análise das representações sobre a pobreza do *Jornal de Taubaté* de 1899 e 1935, que apontavam para o banimento da pobreza dos olhares da elite e da classe média e para sua criminalização.

Eliminar, recolher, limpar, prender, multar, derrubar, demolir, expulsar, reprimir, murar, cercar. O *Globo* caracterizou segmentos da pobreza como objetos (e não sujeitos) merecedores de tais soluções (LAIGNIER; FORTES, 2010, p. 76).

O fato dos segmentos pobres nunca aparecerem como sujeitos das reportagens de *O Globo* tem um paralelo interessante com os dados encontrados durante a pesquisa, pois também em nenhum texto do *Jornal de Taubaté* foi abordada a questão da pobreza a partir do ponto de vista dos próprios pobres.

O papel orgânico dos jornalistas dentro da sociedade, destacado durante a pesquisa, continua sendo um tema relevante, pois em muitos casos a grande imprensa acaba por interferir de maneira determinante no destino do país.

Um caso exemplar é o estudo elaborado a partir das capas da revista *Veja*, durante o governo Lula, nas quais as manchetes foram sistematicamente negativas (ALMEIDA, 2008), apesar do bom desempenho do país no campo econômico e social.

Os resultados da pesquisa permitiram observar que a maneira de veicular notícias do referido jornal colaborou para a estigmatização dos pobres, criando representações negativas dos mesmos e naturalizando a questão da pobreza, essa produção marcada pela ideologia liberal serve para:

Fazer com que todas as classes sociais aceitem as condições em que vivem, julgando-as como naturais, normais, corretas, justas, sem pretender transformá-las ou conhecê-la realmente, sem levar em conta que há uma contradição profunda entre as condições reais em que vivemos e as ideias (CHAUÍ, 1997, p. 174).

Analisando os anos de 1899 e 1935, foi possível constatar o caráter paternalista das ações envolvendo a “ajuda aos pobres”, que se manteve nas representações de ambos os anos, isso reforça a ideia de que as representações são mutantes e dinâmicas, mas não “realidades absolutamente flutuantes, que não possuam nenhum aspecto duradouro e permanente” (GUARESCHI, 2000, p. 37-38).

A pesquisa também contribuiu para o resgate histórico de momentos importantes do município de Taubaté, mostrando o papel das representações sociais, criadas pela imprensa, na constituição de instituições de caridade para combater a pobreza urbana, que surgira principalmente após as crises do setor cafeeiro.

Os resultados obtidos durante a pesquisa sobre as representações sociais da pobreza e da caridade abrem possibilidades de mais pesquisas sobre esses temas, como por exemplo a análise das permanências e mudanças do discurso sobre os pobres na sociedade atual.

Por fim, cabe destacar a importância da interdisciplinaridade do trabalho que buscou harmonizar linhas distintas de pesquisa (políticas sociais e representações sociais), bem como os conceitos de Representação Social, Ideologia e Hegemonia.

## Referências

### Livros

AGUIAR, A G. de. **Serviço Social e Filosofia: das origens a Araxá**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1985 .

ALVES, E. B. **Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo: a comunidade alemã sob vigilância do DEOPS (1930-1945)**, São paulo, Humanitas, Fapesp, 2006.

ANDRADE, A. C. A.; ABREU, M. M. História de Taubaté através dos textos In: **Taubateana 17**; Taubaté: Prefeitura Municipal de Taubaté; 1996.

ARENDT, H. **O Sistema Totalitário**; Publicações Dom Quixote; Lisboa: 1978.

BARATA, A.M. Sociabilidade maçônica e indepêndencia do Brasil (1820-1822). In STVAN, I (org.) **Indepedência: História e Historiografia**, São Paulo, Hucitec, 2005.

BARDIN, L., **Análise de Conteúdo**, São Paulo: Edições 70, 1979.

BERHING, E.; BOSCHETTI, I. **Política Social: Fundamentos e História**. São Paulo: Cortez, 2006.

BRESCIANI, M. S. M. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BLAINEY, G. **Uma Breve História do Mundo**, São Paulo: Editora Fundamento, 2009.

BOBBIO, N. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

BLOCH, M. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BURKE, P. **A Revolução da Historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**,

São Paulo, Unesp, 1997.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: José Olympio, 1964.

CAPELATO, M. H. “O Estado Novo: o que trouxe de novo?”, In: FERREIRA, J. e DELGADO, L. de A. N. D. (org.) **O Brasil republicano. O tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes. 1998.

\_\_\_\_\_ “As armadilhas da exclusão”. In: BELFIORE-WANDERLEY, M.; BÓGUS, L.; YAZBEK, M.C. (orgs.). **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 2000.

CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CHAMON, E. M. Q. **As Representações Sociais**. Taubaté, 2005.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil. O longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: CEDEC/Paz e Terra, 1978.

CHAUÍ. M. **Convite à Filosofia**, São Paulo: Ática, 1997.

CHARTIER, R. “O mundo como representação” In: **Estudos Avançados**, vol.5, no.11, São Paulo Jan./Abr.1991.

JANOTTI, L. M. **O coronelismo**, São Paulo, Brasiliense, 1981.

FAORO, R. **Os donos do poder**. Rio de Janeiro, Globo, 2001.

FERREIRA, J. e DELGADO, L. de A. N. D. (org.) **O Brasil republicano. O tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012

FERREIRA, J. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”, in FERREIRA, J. (org.) **O populismo e sua história: debate e crítica**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

- BURKE, P. **A escola dos Annales**. São Paulo: Unesp, 1992.
- FEBVRE, L. **O problema da incredulidade no século XVI. A religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; Tradução de Raquel Ramalhete. 35 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GUARESCHI, P. A. “Representações Sociais e Ideologia” In: **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis : EDUFSC, Edição Especial Temática, p.33-46, 2000.
- GRAMSCI, A. **El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce**. Buenos Aires: Lautaro, 1958.
- \_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1982
- HOBSBAWN, E. J. **A Era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**, 26 ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- KIENTZ, A. **Comunicação de Massa: Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- KOWARICK, L. **Trabalho e Vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil**, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LAPA, J. A. **Os excluídos: contribuição à história da pobreza no Brasil (1850-1930)**. São Paulo, Campinas: Unicamp, 2008.
- LAGO, B. **Comunicação, Educação e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.
- LUSTOSA, I. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)**, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- MELLO JR., A. **Imprensa Taubateana: contribuição à sua história (1861–1984)**,

2011. Disponível em: <http://www.almaquequeurupes.com>.

\_\_\_\_\_. **Asilo de Mendigos**, Taubaté, O Taubateano, 1978.

\_\_\_\_\_. **Hospital de Santa Izabel**, Taubaté, 1976.

MESTRINER, M. L. **O Estado entre a filantropia e a assistência social**, São Paulo, Editora Cortez, 2001.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOORE Jr., B. **As origens sociais da ditadura e da democracia: Senhores e camponeses na construção do mundo moderno**. São Paulo, Martins Fontes, s.d.

PRADO, M. L. C. "A América Latina e as transformações do sistema capitalista mundial (1880-1910)" In: **Revista de História**, no. 2, São Paulo, 1983.

PRADO Jr., C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

RAGO, M. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar, Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAICHELIS, R. **Gestão pública e a questão social na grande cidade**. Lua Nova, São Paulo, 69: 13-48, 2006.

ROMERO, J. L. **América Latina: A cidade e as ideias**, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2006.

ROUANET, S. P. **Imaginário e Dominação**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SCHWARTZMAN, S. **Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo**, São Paulo, Augarium Editora, 2004.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**, 4. ed. rev. Atual., Florianópolis: UFSC, 2005.

SOTO, M. C. M. **Pobreza e conflito em Taubaté: 1860-1963**; São Paulo: Annablume, 2001.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**, 4 ed., Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPOSATI, A. **Vida urbana e gestão da pobreza**, São Paulo, Cortez, 1988.

LEVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**, São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

VAINFAS, R. "Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista" In: Laura de Mello e Souza. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 5, p. 221-274.

### **Dissertações e teses**

FONSECA, R. **A representação social da mídia e da liderança por líderes e potenciais líderes**. Taubaté: Dissertação de Mestrado, UNITAU, 2007.

GRECA, A. **A representação social da mídia e da comunidade do entorno sobre a Petrobrás/REVAP**. Taubaté: Dissertação de Mestrado, UNITAU, 2009.

MEIHY, JOSÉ CARLOS SEBE BOM; **Vale de Lagrimas: História da Pobreza em Taubaté (1889-1945)**; São Paulo: Tese de Livre Docência; Dept° de História/FFLCH/USP; 1981.

MEDEIROS, M. M. **Informação e representações sociais: um estudo exploratório com familiares de portadores de sofrimento mental**. Belo Horizonte: Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

### **Artigos**

BERHING, E. "Política Social contexto da crise do capitalista" In: **Serviço Social: Direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS,

2009, pp. 302-338.

CABECINHAS, R. "Representações Sociais, relações intergrupais e cognição social" In: **Paidéia**, 2004, 14 (28), 125 -137.

CAREGNATO, R.C.A.; MUTTI, R. "Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo" In: **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15 (4): 679-84).

COMEGNO, M. C. "Pobreza e precariedade" In: **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.4, nº2, p.29-31, abr/jun.

ESCORSIM, S. M. "A Filantropia no Brasil: entre a caridade e a política de assistência social. In: **Revista Espaço Acadêmico**, nº86, julho de 2008.

FRANCO, M. L. P. B. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. In: **Cadernos de Pesquisa (online)**. 2004, vol.34.

GNACCARINI, J. C. A. "Organização do trabalho e da família em grupos marginais rurais do Estado de São Paulo", In: **Revista Administração e Empresas**, Rio de Janeiro, 11(1): 75-94, Jan./Mar, 1971.

IVO, A. B. L., "Questão Social e Questão Urbana: Laços Imperfeitos" In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n.58, p.17-33, Jan./Abr. 2010.

IAMAMOTO, M. V. "A Questão Social no Capitalismo" In: **Temporalis**, ano II, nº3, Janeiro a Junho de 2001, Brasília, ABEPSS, Grafile, 2001.

LEITÃO, J. A.; SANTOS, M. S. T. "Imagem jornalística e Desenvolvimento local: as Representações dos sertões na mídia brasileira" In: **Serviço Social em Revista**, Volume 10, Número 1, Jul/Dez 2007, Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina.

LOBO, R. F. "Cidade Viglada: A Repressão Política em Taubaté" In: XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, **INIC 2011**, São José, 2011.

\_\_\_\_\_ "Representações Sociais da Caridade (1899), In: XVI Encontro



Latino Americano de Iniciação Científica e XII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, **INIC 2012**, São José, 2012.

MENEZES, M. J. T. e PAPALI, M. A. C. R. Crime, Pobreza e Cotidiano: Taubaté, Século XIX, In: X Encontro Latino Americano De Iniciação Científica E VI Encontro Latino Americano De Pós-Graduação, **INIC 2006**, São José, 2006.

\_\_\_\_\_ Crime, Pobreza e Cotidiano: Taubaté, Século XIX, In: XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, **INIC 2007**, São José, 2007.

MORIGI, V. J. “Teoria Social e comunicação: Representações sociais, produção de sentido e construção dos imaginários midiáticos”. **Revista Eletrônica E-Compos**. Edição 1. Dezembro de 2004. Disponível na Internet: <http://www.compos.org.br/e-compos> .

NUNES, E. “Carências e Modos de Vida” In: **São Paulo em Perspectiva**, 4(2) -7, abril/junho 1990.

OLIVEIRA; ENS; ANDRADE; MUSSIS. **Metodologia, Política e Filosofia da Educação** v. 4, n. 9, maio/ago. 2003.

ORDAZ, O.; VALA, J. “Objectivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita”, In: **Análise Social**, vol. XXXII (143-144), 1997 (4.º-5.º), 847-87.

PAPALI, M. A. C. R. “A Legislação De 1890, Mães Solteiras Pobres E O Trabalho Infantil” In: Legislação De 1890, Mães Solteiras Pobres e o Trabalho Infantil, **Projeto História**, São Paulo, N.39, p. 209-216, Jul/Dez. 2009.

PATTO, M. H. S. “Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres” In: **Estudos Avançados**, 13 (35), 1999, 167 -198.

PRATES, C. A. “Mensuração da Pobreza: o dedo na ferida” In: **São Paulo em Perspectiva**, 4(2):59-63, abril/junho, 1990.

RAICHELIS, R. “Gestão pública e a questão social na grande cidade” In: **Lua Nova**, São Paulo, 69: 13-48, 2006.

RESENDE, L. G. "Intelectuais orgânicos e contra-hegemonia" In: **Revista Ágora** , n.4:1-17, 2006.

SARTI, C. "A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres" In: **Cadernos de Pesquisa**, nº 97, 90-91, São Paulo, Editora Autores Associados, 1996.

TELLES, V. S. "Pobreza e cidadania: Dilemas do Brasil Contemporâneo" In: **Caderno CRH 19**, Salvador, 1993.

TOLEDO, F. S. "Taubaté como Palco: Vale do Paraíba como Cenário" **G&DR** • v. 4, n. 3 (número especial), p. 118-137, ago/2008, Taubaté.

VALA, J. "Representações Sociais: Para Uma Psicologia Social do Pensamento Social". In: VALA, Jorge e MONTEIRO, Maria Benec dita (Org.). **Psicologia Social**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

VISCARDI, C. M. R. "Estratégias populares de sobrevivência: o mutualismo no Rio de Janeiro republicano" In: **Revista Brasileira de História**, vol. 29 no. 58, São Paulo, 2009, p. 291-315.

\_\_\_\_\_ "Pobreza e assistência no Rio de Janeiro na Primeira República" In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v.18, supl.1, dez. 2011, p.179-197.

WERNECK, I. E.: Quando os jovens viram notícia de jornal? Uma análise das representações sociais na mídia In: **Revista Iberoamericana de Educación**, nº 36/12, 2005.

XAVIER, R. "Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis?" In: **Psicologia e Sociedade**; 14 (2): 18-47; jul./dez.2002

## ANEXO I – Jornal de Taubaté

<b>ID</b>	1
<b>Data</b>	04/01/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	940
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarístico</b>	Grande Concerto
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Esmola. Hospital Sta Izabel.
<b>Resumo</b>	Convite para concerto beneficente em prol do hospital Santa Izabel.
<b>Trecho</b>	"é de se esperar que a generosa sociedade taubateana
<b>Significativo</b>	aproveitará o ensejo que lhe proporciona a exma sra. d. Escolástica Vieira para recreando-se, fazer uma esmola a quem della tanto necessita".

<b>ID</b>	2
<b>Data</b>	06/01/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	941
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarístico</b>	Hospital de Misericórdia
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Almas Caridosas. Enfermos Indigentes. Hospital da Misericórdia
<b>Resumo</b>	Texto de elogio à doação de Antônio Gomes Souza Pena e C <sup>a</sup> .
<b>Trecho</b>	"Bem hajam as almas caridosas, graças ao auxílio das quaes
<b>Significativo</b>	o hospital da Misericórdia de Taubaté continua a agasalharos enfermos indigentes, oferecendo-lhes lenitivos para seus males e conforto para os seus soffrimentos".

<b>ID</b>	3
<b>Data</b>	08/01/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	942
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarístico</b>	Discurso

<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Pobre. Enfermo. Caridade. Fome. Hospital Sta. Izabel.
<b>Resumo</b>	Discurso do procurador M. Amorim em 05/01/1899 antes do concerto em ajuda ao hospital Santa Izabel.
<b>Trecho</b>	"A caridade que se resume no amor ao próximo, que se identifica com a fraqueza para lhe dar força, com a dor para lhe dar alívio, com a fome para lhe dar alimento, com a nudez para lhe dar roupa, com o pobre e enfermo necessitado para socorrei-vos. (...) Muito bem disse Laccoire: a doutrina católica quando baixou no mundo não disse com Spartacus: levantae-vos, amae-vos, reivindicae vossos direitos, disse com mansidão e simplicidade: amae-vos uns aos outros (...)"
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	4
<b>Data</b>	15/01/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	945
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Corpo Policial do Interior
<b>Temas</b>	Criminalidade.
<b>Palavras Chaves</b>	Segurança Pública.
<b>Resumo</b>	Reclama da política de economia do governo do Estado, que estaria deixando a cidade sem o contingente necessário para combater a criminalidade.
<b>Trecho</b>	"(...) que possa garantir a segurança pública, pondo a nossa cidade ao abrigo de bandoleiros".
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	5
<b>Data</b>	15/01/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	945
<b>Seção</b>	Secção Livre
<b>Texto Jonarlístico</b>	Agradecimento
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Agradecimento.
<b>Resumo</b>	O corpo responsável pelo hospital Santa Izabel agradece a senhora Escolástica Vieira pela realização do concerto em

**Trecho**  
**Significativo**

prol do hospital.  
 "Que Deus derrame suas bênçãos sobre tão nobres e grandiosos corações, são os votos ardentes e sinceros que fazemos".

**ID** 6  
**Data** 22/01/1899  
**Ano** V  
**Número** 948  
**Seção** Noticiarista  
**Texto Jonarlístico** Relatório  
**Temas** Criminalidade.  
**Palavras Chaves** Criminalidade. Alcoolismo.  
**Resumo** Trecho do relatório do promotor público da comarca de Taubaté para o secretário sobre as causas da criminalidade na cidade, que corresponde ao item 18 do relatório. O promotor destaca o alcoolismo como principal causa dos crimes no município e afirma não parecer correto atrelar crimes as raças.

**Trecho**  
**Significativo**

"as principais causas da criminalidade são: a vingança, o ódio, o amor aos prazeres, o deboche, a condescendência, a preguiça ou a indolência, a ambição desenfreada e o alcoolismo".

**ID** 7  
**Data** 22/01/99  
**Ano** V  
**Número** 948  
**Seção** Secção Livre  
**Texto Jonarlístico** Hospital Sta. Izabel  
**Temas** Saúde.  
**Palavras Chaves** Hospital Sta. Izabel  
**Resumo** Devido às condições precárias de higiene da ala feminina, o

hospital não estará recebendo mulheres.  
**Trecho**  
**Significativo**

"Achando-se em más condições hygienicas a ala de enfermarias das mulheres e ser necessário reparal-a convenientemente , resolveu a Meza diretora suspender as entradas de doentes desse sexo, por falta de acomodações

até a conclusão das obras a fazer-se".

<b>ID</b>	8
<b>Data</b>	25/01/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	949
<b>Seção</b>	Secção Livre
<b>Texto Jonarlístico</b>	Hospital Sta. Izabel
<b>Temas</b>	Saúde.
<b>Palavras Chaves</b>	Hospital Sta. Izabel
<b>Resumo</b>	O hospital sta. Izabel somente voltará a receber mulheress quando os problemas de higiene da ala feminina estiverem resolvidos.
<b>Trecho</b>	"Achando-se em más condições hygienicas a ala de enfermarias das mulheres e ser necessário reparal-a convenientemente , resolveu a Meza diretora suspender as entradas de doentes desse sexo, por falta de acomodações até a conclusão das obras a fazer-se".
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	9
<b>Data</b>	29/01/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	951
<b>Seção</b>	
<b>Texto Jonarlístico</b>	
<b>Temas</b>	
<b>Palavras Chaves</b>	
<b>Resumo</b>	
<b>Trecho</b>	Nada consta nesta edição do jornal sobre temas relacionados com a pesquisa.
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	10
<b>Data</b>	15/02/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	958
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Theatro
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Teatro São João; Hospital da Misericórdia.
<b>Resumo</b>	Realização de espetáculo no teatro São João em prol do

<b>Trecho</b>	hospital da Misericórdia.
<b>Significativo</b>	"O fim altruístico que determina o acto daquelles estimados empresários, impõe,se por tal forma, que nos dispensamos de articular-o em forma de <reclame>".
<b>ID</b>	11
<b>Data</b>	01/03/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	964
<b>Seção</b>	
<b>Texto Jonarlístico</b>	
<b>Temas</b>	
<b>Palavras Chaves</b>	
<b>Resumo</b>	
<b>Trecho</b>	Nada consta nesta edição do jornal sobre temas
<b>Significativo</b>	relacionados com a pesquisa.
<b>ID</b>	12
<b>Data</b>	05/03/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	965
<b>Seção</b>	Jornal de Taubaté
<b>Texto Jonarlístico</b>	4 de Março
<b>Temas</b>	Abolição
<b>Palavras Chaves</b>	Abolição, Liberdades Humanas.
<b>Resumo</b>	Texto valorizando a abolição da escravidão em Taubaté, que ocorreu em 4 de março de 1888, meses antes da abolição nacional.
<b>Trecho</b>	"Foi ontem uma data de gloriosa recordação para o municipio de Taubaté, representada na sua história por um feito que inobrece e dignifica sobre modo os filhos desta cidade, patenteando o seu espírito altamente democrático e propenso aos mais puros ideaes das liberdades humanas".
<b>Significativo</b>	
<b>ID</b>	13
<b>Data</b>	08/03/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	967
<b>Seção</b>	

**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**

**Trecho**

**Significativo**

Nada consta nesta edição do jornal sobre temas relacionados com a pesquisa.

**ID**

**Data**

**Ano**

**Número**

**Seção**

**Texto Jonarlístico**

**Temas**

**Palavras Chaves**

**Resumo**

14

10/03/1899

V

968

**Trecho**

**Significativo**

Nada consta nesta edição do jornal sobre temas relacionados com a pesquisa.

**ID**

**Data**

**Ano**

**Número**

**Seção**

**Texto Jonarlístico**

**Temas**

**Palavras Chaves**

**Resumo**

15

12/03/1899

V

969

Jornade Taubaté

O Lavrador

Pobreza.

Lavrador. Pobre.

Texto de Emilio Castellar sobre a vida difícil do lavrador, que é tido como uma pessoa pouco reconhecida pela sociedade, uma visão romântica de valorização dos lavradores.

**Trecho**

**Significativo**

"O lavrador é o rei da natureza mas, escravo também da sociedade (...) ó pobre obreiro de Deus (...) Virão dias melhores, que matarão a uzura e crearão em troca bancos agrícolas para te libertar de tua cruel escravidão".

**ID**

**Data**

**Ano**

16

15/03/1899

V



<b>Número</b>	970
<b>Seção</b>	
<b>Texto Jonarlístico</b>	
<b>Temas</b>	
<b>Palavras Chaves</b>	
<b>Resumo</b>	
<b>Trecho</b>	Nada consta nesta edição do jornal sobre temas
<b>Significativo</b>	relacionados com a pesquisa.
<b>ID</b>	17
<b>Data</b>	17/03/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	971
<b>Seção</b>	
<b>Texto Jonarlístico</b>	
<b>Temas</b>	
<b>Palavras Chaves</b>	
<b>Resumo</b>	
<b>Trecho</b>	Nada consta nesta edição do jornal sobre temas
<b>Significativo</b>	relacionados com a pesquisa.
<b>ID</b>	18
<b>Data</b>	22/03/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	973
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Conflicto e ferimento
<b>Temas</b>	Criminalidade
<b>Palavras Chaves</b>	Polícia. Briga.
<b>Resumo</b>	Briga entre dois homens no parque dr. Doutor Barbosa.
<b>Trecho</b>	"Depois de viva discussão, passaram os contendores as vias
<b>Significativo</b>	de facto, sahindo o tal João Ricardo, mais conhecido por João Mineiro, gravemente ferido da contenda, em virtude do que, foi recolhido ao hospital da Misericórdia. A polícia engaiolou o vencedor."
<b>ID</b>	19

<b>Data</b>	29/03/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	976
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarístico</b>	Hospital Santa Izabel
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Esmola. Barão da Pedra Negra. Hospital Santa Izabel.
<b>Resumo</b>	Doação do Barão da Pedra Negra de 600\$000 para o Hospital Santa Izabel em comemoração de seu aniversário.
<b>Trecho</b>	"Não é a primeira vez que a ilustre família Gomes Vieira comemóra desta forma o anniversário de seu digno chefe, e melhor commemoração não poderia fazer do que consiste em espalhar pelos necessitados a esmola generosa e boa porque provêm de bons e generosos corações".
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	20
<b>Data</b>	05/04/2012
<b>Ano</b>	v
<b>Número</b>	978
<b>Seção</b>	
<b>Texto Jonarístico</b>	
<b>Temas</b>	
<b>Palavras Chaves</b>	
<b>Resumo</b>	
<b>Trecho</b>	Nada consta nesta edição do jornal sobre temas relacionados com a pesquisa.
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	21
<b>Data</b>	07/04/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	979
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarístico</b>	Pela Caridade
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Caridade. Esmola. Sociedade São Vicente de Paula.
<b>Resumo</b>	Envio de doações de leitoras para a sociedade São Vicente de Paula de Pindamonhangaba, em ocasião de aniversário de falecimento do professor Amancio Ferreira da Silva.
<b>Trecho</b>	"Já fizemos chegar ao destino a esmola de 10\$000 oferecida

**Significativo** pelas caridosas leitoras (...) A gratidão aliada à caridade constitui a mais sublime das virtudes christãs".

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**  
**Texto Jonarístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**

22  
 09/04/1899  
 V  
 980

**Trecho** Nada consta nesta edição do jornal sobre temas  
**Significativo** relacionados com a pesquisa.

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**  
**Texto Jonarístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**

23  
 12/04/1899  
 V  
 981  
 Asylo de Mendigos  
 Pobreza  
 Mendigos. Asilo.  
 Texto sobre a ideia da criação de um asilo para mendigos em Taubaté.

**Trecho** Foi aventada, não sabemos por quem, a idéia da fundação  
**Significativo** de um asilo de mendigos em Taubaté; a ideia entretanto parece ir tomando incremento e é de presumir que se transforme em realidade, tendo em vista o espírito altruísta dos taubateanos quando se trata de assunto de tal magnitude(...). Bastar-nos-a chamar a atenção dos leitores para a legião de pedintes que infestam a nossa cidade, aos sábados principalmente, uns impossibilitados de trabalhar por incapacidade física, outros viciados e preguiçosos; muitos necessitados e alguns ambiciosos exploradores da caridade pública. (...). Para se avaliar, sob o ponto de vista

moral, a vantagem dos Asylos, bastará dizermos que só depois de sua existência poderá ser profícua a efetiva intervenção policial no sentido de reprimir abusos e intrugices de falsos mendigos.

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**  
**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**

24  
14/04/1899  
V  
982

**Trecho**  
**Significativo**

Nada consta nesta edição do jornal sobre temas relacionados com a pesquisa.

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**  
**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**

25  
19/04/1899  
V  
984

**Trecho**  
**Significativo**

No Tremembé  
Criminalidade  
Feitiçaria. Tremembé  
Prisão de praticantes de feitiçaria no bairro dos Guedes em Tremembé.  
"Vimos o bahú-arsenal. Havia nelle uma infinidade de objetos extravagantes, feixes de rosários, escapulários, velas, ossos pedras paus raizes farrapos de diversas cores (...) alguns Santo Antonio de barro e diversos frascos de drogas etc.,etc."

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**  
**Texto Jonarlístico**

26  
21/04/1899  
V  
985  
Secção Livre  
Eleições

**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**  
**Trecho**  
**Significativo**

Caridade  
 Caridade. Justiça. Maçonaria.  
 Chamada para eleições na maçonaria. Destaque para o o  
 título da loja.  
 "Cap.: Caridade e Justiça"

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**  
**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**  
**Trecho**  
**Significativo**

27  
 23/04/1899  
 V  
 986  
 Pensamento  
 Sem título  
 Caridade  
 Caridade. Ócio. Fome.  
 Pensamento publicado do padre Senna Freitas.  
 "A caridade consiste não menos em saber recusar que em  
 saber dar: ella deve matar a fome, vestir a nudez, mas não  
 propagar o ócio andrajoso".

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**  
**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**  
**Trecho**  
**Significativo**

28  
 26/04/1899  
 V  
 987  
 Secção Livre  
 Companhia Taubaté Industrial  
 Trabalho  
 CTI.  
 Balanço financeiro apresentado aos acionistas (dezembro  
 de1988) da CTI, destaque para o número de funcionários,  
 principalmente com o uso de "meninos e rapasinhos".  
 "22 homens, 80 mulheres, 50 rapasinhos e 40 meninos, ao  
 todo 192 operários."

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**

29  
 28/04/1899  
 V  
 988  
 Noticiário

<b>Texto Jonarlístico</b>	Legado aos Pobres
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Caridade. Pobres. Hospital Sta. Izabel.
<b>Resumo</b>	Falecimento de Miguel de Souza Cunha, negociante do Estado de São Paulo. Deixou parte de sua fortuna para instituições de caridade e para sua sobrinha, caso a mesma se casasse.
<b>Trecho</b>	"1:000\$000 aos pobres de Taubaté; 1:000\$000 aos pobres de Santos; 300\$000, à Santa Casa, Hospital Santa Izabel de Taubaté".
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	30
<b>Data</b>	03/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	990
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Assalto
<b>Temas</b>	Criminalidade
<b>Palavras Chaves</b>	Polícia. Assalto.
<b>Resumo</b>	Pequena notícia de crime na cidade.
<b>Trecho</b>	"o sr Félix Bernasconi, sub-delegado de polícia, em serião nas proximidades da Estação, foi inopinadamente agredido por um indivíduo desconhecido"
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	31
<b>Data</b>	03/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	990
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Rapto
<b>Temas</b>	Criminalidade
<b>Palavras Chaves</b>	Polícia. Rapto.
<b>Resumo</b>	Rapto de uma moça, no qual a polícia conseguiu resolver o caso.
<b>Trecho</b>	"Num dos últimos dias da semana passada foi, no bairro Matafome, raptada uma moça por um indivíduo empregado na linha"
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	32
-----------	----

<b>Data</b>	03/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	990
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Homem Desaparecido
<b>Temas</b>	Criminalidade
<b>Palavras Chaves</b>	Polícia. Desaparecimento.
<b>Resumo</b>	Notícia sobre o desaparecimento de um homem.
<b>Trecho</b>	"A polícia prossegue em rigoroso inquerito sobre o
<b>Significativo</b>	desaparecimento de um indivíduo (...) há graves suspeitas de crime."

<b>ID</b>	33
<b>Data</b>	05/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	991
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Assalto à autoridade
<b>Temas</b>	Criminalidade
<b>Palavras Chaves</b>	Polícia. Assalto.
<b>Resumo</b>	Correção de notícia anterior.
<b>Trecho</b>	"foi o sr. Félix Guisard, e não o sr. Félix Bernasconi, como
<b>Significativo</b>	dissemos."

<b>ID</b>	34
<b>Data</b>	05/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	1899
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Rapto
<b>Temas</b>	Criminalidade
<b>Palavras Chaves</b>	Polícia. Rapto.
<b>Resumo</b>	desfecho do rapto citado em edição anterior.
<b>Trecho</b>	"os arruladores pombinhos se uniram per omnia secula...
<b>Significativo</b>	pelos sagrados laços do matrimônio, motivo pelo qual julgamos conveniente não lhes declinar os nomes.

<b>ID</b>	35
<b>Data</b>	05/05/1899

**Ano** V  
**Número** 991  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Homem desaparecido  
**Temas** Criminalidade  
**Palavras Chaves** Polícia. Desaparecimento.  
**Resumo** desfecho da notícia da edição anterior, o homem apareceu.  
  
**Trecho** "o indivíduo cujo paradeiro se ignorava já appareceu"  
**Significativo**

**ID** 36  
**Data** 05/05/1899  
**Ano** V  
**Número** 991  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** S. Cruz do Quilombo  
**Temas** Caridade  
**Palavras Chaves** Festa. Leilão.  
**Resumo** Festa para a arrecadação de fundos para obras da capela.  
  
**Trecho** "realizando-se um leilão de prendas cujo producto é  
**Significativo** destinado à obras da cappela já muito adiantadas."

**ID** 37  
**Data** 07/05/1899  
**Ano** V  
**Número** 992  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Gatuno  
**Temas** Criminalidade  
**Palavras Chaves** Polícia. Gatuno.  
**Resumo** Notícia sobre a prisão de um assaltante.  
  
**Trecho** "Foi preso ante-ontem, pelo activo sr. dr. Delegado de Polícia  
**Significativo** um italiano no qual parece estar reconhecido um refinado  
gatuno."

**ID** 38  
**Data** 07/05/1899  
**Ano** V



**Número** 992  
**Seção** Secção Livre  
**Texto Jonarlístico** Centro dos Operários Catholicos  
**Temas** Associações Operárias  
**Palavras Chaves** Centro dos Operários Cathólicos.  
**Resumo** Aviso que o centro prestará serviços de socorro aos associados.  
**Trecho** "Do dia 6 deste mez em diante dispõem dos socorros aos associados que della precisarem."  
**Significativo**

**ID** 39  
**Data** 10/05/1899  
**Ano** V  
**Número** 993  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Hospital de Sta. Izabel  
**Temas** Caridade  
**Palavras Chaves** Caridade. Esmola. Hospital Sta. Izabel.  
**Resumo** nota sobre as esmolas recebidas pelo hospital..  
**Trecho** "Renderam 55\$120 as esmolas tiradas das bolsas do hospital da Misericórdia pelos dedicados irmãos Coronel dente e thesoureiro José C. Lobato"  
**Significativo**

**ID** 40  
**Data** 12/05/1899  
**Ano** V  
**Número** 995  
**Seção**  
**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**  
**Trecho** Nada consta nesta edição do jornal sobre temas relacionados com a pesquisa.  
**Significativo**

**ID** 41  
**Data** 14/05/1899  
**Ano** V  
**Número** 996

<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Hospital da Misericórdia
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Caridade. Filantropia. Doação.
<b>Resumo</b>	Doação de um filantropo anônimo.
<b>Trecho</b>	"A'quella casa de caridade um philantrópico anoymo fez
<b>Significativo</b>	hontem o donativo de 50\$000. Bem hajam as almas caridosas."
<b>ID</b>	42
<b>Data</b>	16/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	997
<b>Seção</b>	
<b>Texto Jonarlístico</b>	
<b>Temas</b>	
<b>Palavras Chaves</b>	
<b>Resumo</b>	
<b>Trecho</b>	Nada consta nesta edição do jornal sobre temas
<b>Significativo</b>	relacionados com a pesquisa.
<b>ID</b>	43
<b>Data</b>	18/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	998
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Gatunos em Penca
<b>Temas</b>	Criminalidade
<b>Palavras Chaves</b>	Gatunagem. Roubo.
<b>Resumo</b>	Ralato sobre problemas de roubo de galinhas.
<b>Trecho</b>	"Não se passa uma noite sequer que a gatunagem se não
<b>Significativo</b>	exercite nesta cidade, assaltando as propriedades, invadindo gallinheiros e retirando dali as aves que encontram".
<b>ID</b>	44
<b>Data</b>	18/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	998
<b>Seção</b>	Noticiário

<b>Texto Jonarlístico</b>	Hospital da Misericórdia
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Esmola. Hospital Sta. Izabel.
<b>Resumo</b>	nota sobre arrecadação de esmolas.
<b>Trecho</b>	"Renderam 52\$780 as esmolas recolhidas nas bolças dohospital de Santa Izabel pelos irmãos dr. Pedro costa e Pedro Barros, no último domingo, 14 do corrente".
<b>Significativo</b>	
<b>ID</b>	45
<b>Data</b>	18/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	999
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Mais roubo de Gallinhas
<b>Temas</b>	Criminalidade
<b>Palavras Chaves</b>	Roubo.
<b>Resumo</b>	Relato sobre roubo de galinhas.
<b>Trecho</b>	"Na noite de 17 para 18 do corrente o cyndicato ingonito que, sem pagar licença nem empatar capital, negoceia fortemente em gallinhas, nesta cidade fez uma limpeza nas capoeiras do sr. José Borges, que estavam sortidinhas".
<b>Significativo</b>	
<b>ID</b>	46
<b>Data</b>	24/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	1000
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Hospital da Misericórdia
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Esmola. Hospital Sta. Izabel.
<b>Resumo</b>	Relato sobre as esmolas obtidas pelo hospital.
<b>Trecho</b>	"Attingiram a soma de 57\$600 as esmolas colhidas no último domingo, nas bolsas dohospital, pelos srs Octaviano Andrade e dr. João Cursino".
<b>Significativo</b>	
<b>ID</b>	47
<b>Data</b>	26/05/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	1001

**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Hospital da Misericórdia  
**Temas** Caridade  
**Palavras Chaves** Esmola. Hospital da Misericórdia.  
**Resumo** Relato da doação de Antonio Augusto Moreira à entidade.

**Trecho** "a'quella casa de caridade fez hontem o sr. Antonio augusto  
**Significativo** Moreira de Toledo a esmola de 50\$000.  
 Bem hajam os amigos dos pobres".

**ID** 48  
**Data** 28/05/1899  
**Ano** V  
**Número** 1002  
**Seção**  
**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**

**Trecho** Nada consta nesta edição do jornal sobre temas  
**Significativo** relacionados com a pesquisa.

**ID** 49  
**Data** 30/05/1899  
**Ano** V  
**Número** 1003  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Hospital da Misericórdia  
**Temas** Caridade  
**Palavras Chaves** Esmola. Doação. Hospital da Misericórdia.  
**Resumo** Relação de donativos do sr. Tenente José Salustiano de Paula angariados no bairro do Baracéia e do senhor José Antônio marcondes ferreira, além do habitual registro de esmolas obtidas.

**Trecho** "as esmolas tiradas nas bolsas do hospital, no último  
**Significativo** domingo pelos irmãos drs. Mathias Guimarães e Miguel Bernardo Vieira de amorim, renderam 59\$000 reis.

**ID** 50

<b>Data</b>	02/06/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	1004
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Vagabundos
<b>Temas</b>	Pobreza.
<b>Palavras Chaves</b>	Vagabundos. Meninos.
<b>Resumo</b>	Reclamação sobre a aglomeração de meninos na gare da cidade.
<b>Trecho</b>	"Chamamos a atenção da digna autoridade para o facto pouco edificante da aglomeração extraordinária de meninos vagabundos na gare desta cidade à hora da passagem dos trens.
<b>Significativo</b>	esse facto tem inúmeros inconvenientes, entre os quaes destaco o do risco de algum incidente e sobretudo, a péssima impressão que da nossa cidade levarão os viajantes que observarem semelhante abundância de mandriões. Dir-se-á que aqui não há nem escolas nem pais que sujeitem os filhos."
<b>ID</b>	51
<b>Data</b>	07/06/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	1006
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Hospital Santa Izabel
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Esmolas. Hospital Sta. Izabel.
<b>Resumo</b>	Relato sobre a arrecadação de esmolas.
<b>Trecho</b>	"renderam 94\$230 reis as esmolas tiradas domingo último nas bolsas do Hospital Santa Izabel dessa cidade pelos irmãos srs. Alberto monteiro e Augusto Cândido Vieira
<b>Significativo</b>	
<b>ID</b>	53
<b>Data</b>	09/06/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	1008
<b>Seção</b>	

**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**

**Trecho**

**Significativo**

Nada consta nesta edição do jornal sobre temas relacionados com a pesquisa.

**ID**

**Data**

**Ano**

**Número**

**Seção**

**Texto Jonarlístico**

**Temas**

**Palavras Chaves**

**Resumo**

54

16/06/1899

V

1010

**Trecho**

**Significativo**

Nada consta nesta edição do jornal sobre temas relacionados com a pesquisa.

**ID**

**Data**

**Ano**

**Número**

**Seção**

**Texto Jonarlístico**

**Temas**

**Palavras Chaves**

**Resumo**

55

18/06/1899

V

1012

Noticiário

Hospital da Misericórdia

Caridade.

Caridade. Philantropia. Esmola. Pobres.

Fala sobre a vinda da Superiora Geral da Congregação de São José para inauguração do novo pavimento do Hospital Santa Izabel, que destaca-se por serviços assistenciais prestados pelas irmãs da congregação.

**Trecho**

**Significativo**

"O melhoramento que hoje se inaugura no Hospital de Santa Izabel, devido aos ingentes esforços de sua dedicada meza regedora dá-nos prova inconcussa do progresso que, graças à boa vontade e philantropia de nosso povo, se vae introduzindo naquella casa de caridade, tornando-a dia a dia

mais apta ao cabal desempenho da alta missão de caridade que lhe é inhenrente, proporcionando-lhe o receber em seu seio maior número de pobres doentes , que sem o agasalho e os cuidados ali prodiga e caridosamente distribuidos, morreriam à mingua e ao desamparo pelas ruas ou em miseráveis enxergis.

Abençoados aquelles que não esquecem que os pobres são irmãos dos ricos, que os infelizes são irmãos dos venturosos, e tem para uns o bálsamo da esmola e do agasalho, e para outros palavras consoladoras e actos de verdadeira philantropia.

<b>ID</b>	56
<b>Data</b>	21/06/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	1013
<b>Seção</b>	Pensamentos
<b>Texto Jonarlístico</b>	sem título
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Esmola. Cristão.
<b>Resumo</b>	Pensamento de Santo Antônio sobre o bom cristão.
<b>Trecho</b>	"Uma das obras mais perfeitas , em que pode empregar-se o
<b>Significativo</b>	um misericordioso christão é offerecer à Deus com, animo pio, sacrificios, esmolas e orações, pelas almas do Purgatório."

<b>ID</b>	57
<b>Data</b>	28/07/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	1016
<b>Seção</b>	
<b>Texto Jonarlístico</b>	
<b>Temas</b>	Caridade.
<b>Palavras Chaves</b>	Caridade. Esmola. Hospital Sta. Izabel.
<b>Resumo</b>	nota sobre as esmolas recebidas pelo hospital..
<b>Trecho</b>	"As esmolas tiradas domingo 25 do corrente pelos srs. José

<b>Significativo</b>	Ricardo de Mattos e João Gomes Lobato, renderam R\$. 70\$750 para o Hospital Santa Izabel.
<b>ID</b>	1007
<b>Data</b>	09/06/1899
<b>Ano</b>	V
<b>Número</b>	1007
<b>Seção</b>	Pensamentos
<b>Texto Jonarlístico</b>	Sem Título
<b>Temas</b>	Caridade.
<b>Palavras Chaves</b>	Mulher. Piedade. Beneficiência.
<b>Resumo</b>	Pensamento sobre as virtudes da mulher, associando sua imagem à caridade.
<b>Trecho</b>	"As mulheres apagam em nós a ardente sede de sangue e o furor da violência; ellas nutrem nossas almas o amor da honra e a emulação da glória."
<b>Significativo</b>	"As mulheres são mais acessíveis à piedade, mais dispostas à beneficiencia, mais fiéis a seus contractos, mais pacientes no infortúnio"

<b>ID</b>	1
<b>Data</b>	06/01/1935
<b>Ano</b>	I
<b>Número</b>	90
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Subvenções às instituições de caridade de Taubaté
<b>Temas</b>	Caridade.
<b>Palavras Chaves</b>	Governo Federal. Caridade. Hospital Sta. Izabel. Orphanato Santa Verônica.
<b>Resumo</b>	notícia sobre uma sanção de lei federal.
<b>Trecho</b>	"Foi sancionadda pelo governo Federal a lei das subvenções às instituições de caridade do paiz, sendo contemplados com a importância de rs. 5:000\$000 cada um,o Orphanato de Santa Verônica e hospital de Sta. Izabel desta cidade.
<b>Significativo</b>	



<b>ID</b>	2
<b>Data</b>	06/01/1935
<b>Ano</b>	I
<b>Número</b>	90
<b>Seção</b>	Secção Livre
<b>Texto Jonarlístico</b>	Orphanato Santa Verônica
<b>Temas</b>	Caridade.
<b>Palavras Chaves</b>	Caridade. Orphanato Santa Verônica. Exposição.
<b>Resumo</b>	Notícia sobre exposição das alunas do orfanato.
<b>Trecho</b>	"O benemérito estabelecimento de caridade , franqueará ao
<b>Significativo</b>	público hoje, das 8 às 12 e das 13 às 19 horas, a sua bella exposição de trabalho das alumnas".
<b>ID</b>	3
<b>Data</b>	17/01/1935
<b>Ano</b>	I
<b>Número</b>	93
<b>Seção</b>	Última Página
<b>Texto Jonarlístico</b>	Acto n. 84
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Prefeitura de Taubaté.
<b>Resumo</b>	O prefeito de Taubaté orça a receita e as despesas do município para o ano de 1935, no item VII existem os registros dos gastos sociais do município que conta com uma receita total de 840:000\$000.
<b>Trecho</b>	" a) - Assistência Pública
<b>Significativo</b>	1 - Assistência aos mendigos - 24:000\$ 2- Orphanato Sta. Verônica - 6:000\$ 3 - Hospital Sta. Izabel: a) - Para pavilhões de maternidade - 4:000\$ b) - Para demais pavilhões - 14:000\$ 4 - Asylo de Mendigos - 3600\$ 5 - Casas Pias de são vicente de Paula - 1:000\$ 6 - Patronato de Santo Antônio - 750\$ 7 - Contribuição do Município para assistência médica dentária, pharmaceutica e juridica aos operários - 10:400\$"

<b>ID</b>	4
<b>Data</b>	17/02/1935
<b>Ano</b>	I
<b>Número</b>	101
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Hospital Santa Izabel
<b>Temas</b>	Caridade.
<b>Palavras Chaves</b>	Hospital Sta. Izabel.
<b>Resumo</b>	Nota sobre as entradas de enfermos no hospital.
<b>Trecho</b>	"As entradas de enfermos no Hospital de Santa Izabel,
<b>Significativo</b>	durante este mez, serão dadas pelo sr. dr. Urbano Figueira".

<b>ID</b>	5
<b>Data</b>	10/03/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	106
<b>Seção</b>	Primeira Página
<b>Texto Jonarlístico</b>	Liga de Defesa Social de Taubaté – Appello ao povo
<b>Temas</b>	Caridade.
<b>Palavras Chaves</b>	Liga de Defesa Social de Taubaté. Filantropia. Esmola.
<b>Resumo</b>	Mendigo. Pedido de ajuda ao povo taubateano para contribuir com a associação filantrópica.
<b>Trecho</b>	"Liga de defesa social de Taubaté", que tem como objetivo
<b>Significativo</b>	tirar os mendigos das ruas da cidade, parece que a instituição estava passando por necessidades." "Supprir do necessário para a vida, os verdadeiros indigentes domiciliados em Taubaté, e assim, eliminar a causa da mendicidade nas ruas". "Nem todos , para não dizer mais de 95% da população que pode dispender de uma parcela minima de 2\$000 por mez, nem todos, diziamos, se dignaram ainda a auxiliar, de modo suave, racional e efficiente, a pobreza desamparada deste lugar, inscreveram-se como sócios contribuintes ou beneméritos da referida liga". "(...) será forçada a desmoronar-se, deixando a mendicancia

irromper de todos os cantos a campear liberrina e andrajosa pelas ruas e praças da cidade, embargando, em chusma, o passo do caminhante, batendo insistente e diuturnamente a todas as portas, a implorar com voz lugubre: 'uma esmola pelo amôr de Deus!'"

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**  
**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**

6  
 03/03/1935  
 II  
 103  
 nada consta sobre os temas da pesquisa.

**Trecho**  
**Significativo**

**ID**  
**Data**  
**Ano**  
**Número**  
**Seção**  
**Texto Jonarlístico**  
**Temas**  
**Palavras Chaves**  
**Resumo**

7  
 10/03/1935  
 II  
 106  
 Noticiário  
 Hospital de Sta. Izabel  
 Caridade. Saúde.  
 Hospital Sta. Izabel. Asylo de Mendigos.  
 Hospital de Sta. Izabel - Nota sobre o movimento do hospital do mez de fevereiro de 1935. Nota que está deteriorada impedindo a leitura,mas que parece ter havido benefícios aos mendigos.

**Trecho**  
**Significativo**

"Foram aviadas na pharmacia do Hospital de Sta. Izabel, durante o mez de fevereiro 1054 fómulas, sendo: Para doentes internos, 866; Para Asylo de mendigos, 12; Pobres a domicilio, 83: Cadeia (recortado)"..

**ID**  
**Data**  
**Ano**

8  
 10/03/1935  
 II

**Número** 106  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Hospital de Sta. Izabel  
**Temas** Saúde.  
**Palavras Chaves** Hospital Sta. Izabel.  
**Resumo** Nota sobre o médico responsável pela entrada de doentes no hospital.  
**Trecho** "As entradas de enfermos no Hospital de Santa Izabel,  
**Significativo** durante este mez, serão dadas pelo sr. dr. Urbano Figueira".

**ID** 9  
**Data** 14/03/1935  
**Ano** II  
**Número** 107  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Sociedade União Operária de Mútuo Socorro  
**Temas** Associações de Trabalhadores  
**Palavras Chaves** Sociedade União Operária de Mútuo Socorro. Palestra.  
**Resumo** Nota sobre a programação de palestras da Sociedade União Operária de Mútuo Socorro.  
**Trecho** "A conferência do próximo mez de Abril será produzida pelo  
**Significativo** sr. Danelli, e versará sobre o suggestivo thema – Cooperativismo".

**ID** 10  
**Data** 14/03/1935  
**Ano** II  
**Número** 107  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Hospital de Santa Izabel  
**Temas** Saúde.  
**Palavras Chaves** Hospital Sta. Izabel.  
**Resumo** Nota sobre o médico responsável pela entrada de doentes no hospital.  
**Trecho** "As entradas de enfermos no Hospital de Santa Izabel,  
**Significativo** durante este mez, serão dadas pelo sr. dr. Urbano Figueira".

**ID** 11  
**Data** 21/03/1935  
**Ano** II

**Número** 109  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Hospital Santa Izabel  
**Temas** Saúde.  
**Palavras Chaves** Hospital Sta. Izabel.  
**Resumo** Nota sobre o médico responsável pela entrada de doentes no hospital.  
**Trecho** "As entradas de enfermos no Hospital de Santa Izabel,  
**Significativo** durante este mez, serão dadas pelo sr. dr. Urbano Figueira".

**ID** 12  
**Data** 21/03/1935  
**Ano** II  
**Número** 109  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Sociedade Beneficiente  
**Temas** Caridade.  
**Palavras Chaves** Sociedade Beneficiente.  
**Resumo** Rrealização de apresentação dramática em benefício do Sr, José Rocha.  
**Trecho** "O grupo dramatico Ferreira da Silva realiza no próximo  
**Significativo** domingo, no palco scenico da Sociedade Beneficiente de Taubaté atthaente festival cujo producto liquido reverterá em benefício do sr. José Rocha".

**ID** 13  
**Data** 24/03/1935  
**Ano** II  
**Número** 110  
**Seção** Secção Livre  
**Texto Jonarlístico** S. U. O. de M. Socorro  
**Temas** Associações Operárias  
**Palavras Chaves** Sociedade União Operária de Mútuo Socorro. Teatro.  
**Resumo** Apresentação teatral no palco cênico da S. U. O. de M. Socorro.  
**Trecho** "No palco scenico da <Sociedade União Operária de Mutuo  
**Significativo** Socorro> o Grupo de Amadores Dramatico filiado a essa Sociedade realizará hoje aetístico festival."

**ID** 14

<b>Data</b>	31/03/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	112
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Liga de Defesa Social de Taubaté
<b>Temas</b>	Caridade.
<b>Palavras Chaves</b>	Liga de Defesa Social de Taubaté.
<b>Resumo</b>	Trecho de uma carta da Liga de Defesa Social de agradecimento aos textos publicados por sr. Arthur Toledo y Tomassini no jornal "O Popular" em prol da Liga.
<b>Trecho</b>	"A Liga de Defesa Social de Taubaté vem acompanhando com a devida atenção os artigos intitulados "Cooperativa dos Pobres", de sua autoria, dados a publicidade pelas columnas do conceituado jornal "O Popular", de que V. S. é muito digno Director Secretario".
<b>Significativo</b>	

<b>ID</b>	15
<b>Data</b>	31/03/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	112
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	S. U. O de M. Socorro
<b>Temas</b>	Associações Operárias
<b>Palavras Chaves</b>	Sociedade União Operária de Mútuo Socorro. Teatro.
<b>Resumo</b>	Promoção de peça teatral feita pela associação operária "Sociedade Operária de Mútuo Socorro"
<b>Trecho</b>	"O grupo de amadores dramáticos filiados á Sociedade União Operária de Mutuo Socorro, levará a efeito hoje, em sua séde, á rua Rebouças de Carvalho, 2, attrahente festival. Conforme programma, subirá á scena o comovente drama em 3 actos – Pena de morte – da autoria de Joaquim José da Silva, além de interessantes sketches e esplendido acto de variedades.
<b>Significativo</b>	Este espetáculo, que é promovido pelo inteligente amator sr. Pedro Machado, obterá por certo grande êxito, dada a optima organização do seu programma".

<b>ID</b>	16
<b>Data</b>	04/04/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	113
<b>Seção</b>	Noticiário.
<b>Texto Jonarlístico</b>	
<b>Temas</b>	Associações Operárias
<b>Palavras Chaves</b>	Sociedade União Operária de Mútuo Socorro. Teatro. Conferência.
<b>Resumo</b>	texto que fala sobre a repercussão da peça teatral apresentada na sede da sociedade e a programação de palestra sobre cooperativismo.
<b>Trecho</b>	"Conforme foi anunciado, o grupo dramático filiado á
<b>Significativo</b>	Sociedade U. O de M. Socorro levou a efeito domingo ultimo brilhante festival, na séde social. "Pena de Morte" – drama em 3 actos, foi artisticamente desempenhado, pelo que seus interpretes fizeram jús aos calorosos aplausos que a numerosa assistencia não regateou. - No proximo dia 14 deste mez o sr. Natalino Danelli produzirá na séde desta Sociedade uma conferencia subordinada ao titulo Cooperativismo, dedicada aos associados e ás exmas. Famílias."
<b>ID</b>	17
<b>Data</b>	14/04/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	116
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Hospital de Santa Izabel
<b>Temas</b>	Saúde.
<b>Palavras Chaves</b>	Hospital Sta. Izabel.
<b>Resumo</b>	Nota sobre o médico responsável pela entrada de doentes no hospital.
<b>Trecho</b>	"As entradas de enfermos no Hospital de Santa Isabel,
<b>Significativo</b>	durante este mez, serão dadas pelo sr. dr. Urbano Figueira."

<b>ID</b>	18
<b>Data</b>	26/05/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	126
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Em Prol dos Cegos
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Escola Preparatória para Cegos. Donativos.
<b>Resumo</b>	Notícia sobre a sede provisória da Escola Preparatória para Cegos, que sobrevive com donativos.
<b>Trecho</b>	A sede provisoria da Escola Preparatoria para Cegos
<b>Significativo</b>	“Regente Feijó” está instalada em caracter provisorio no predio n. 3 da Praça Dr. Monteiro. Os seus estatutos já foram publicados pelo “Diario Official” de 10 de maio corrente. Chamamos a atenção dos taubateanos para esta instituição no sentido de serem os cegos ali abrigados socorridos com donativos, em qualquer espécie, que poderão ser endereçados ao sr. Amaro Negrini ou á ilustre secretaria, d. Dolores Barseto Coelho, á rua 15 de Novembro, 82.

<b>ID</b>	19
<b>Data</b>	26/05/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	126
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Sociedade União O. Mutuo Socorro
<b>Temas</b>	Associações Operárias
<b>Palavras Chaves</b>	Sociedade União Operária de Mútuo Socorro. Teatro.
<b>Resumo</b>	Notícia sobre a realização de peça teatral na Sociedade União Operária de mútuo Socorro.
<b>Trecho</b>	"O Grupo de Amadores Dramatico filiado á Sociedade União Operaria de Mutuo Socorro realiza hoje, em sua séde á Rua Dr. Rebouças de Carvalho, 2, artistico festival dramatico.
<b>Significativo</b>	Serão levados á scena além de um acto variado, o empolgante drama em 3 actos intitulado “Dedo de Deus” e a comedia “Que Amigos”.

<b>ID</b>	20
-----------	----



**Data** 06/06/1935  
**Ano** II  
**Número** 129  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Escola para cegos "Regente Feijó"  
**Temas** Caridade.  
**Palavras Chaves** Escola Preparatória para Cegos.  
**Resumo** Notícia da a transferencia do festival beneficente em prol da Escola para Cegos.  
**Trecho** "Communicam-nos a senhorinha Lygia Fumagalli e a profª d. Dolores Barreto Coelho que transferiram para dia indeterminado o projectado festival em beneficio da Escola para Cegos "Regente Feijó", desta cidade."

**ID** 21  
**Data** 06/06/1935  
**Ano** II  
**Número** 129  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Hospital de Sta. Isabel  
**Temas** Caridade  
**Palavras Chaves** Caridade. Asylo de Mendigos. Hospital Sta. Izabel. Pobres. Doentes.  
**Resumo** Lista sobre os serviços prestados pelo Hospital Santa Izabel, na qual consta ajuda ao Asilo dos Mendigos.  
**Trecho** "Exames no Laboratorio, 30.  
**Significativo** Foram aviadas na pharmacia do hospital de Stª Isabel, durante o mez de maio, 1337 formulas, sendo: Para doentes internos. 1068; Asylo de Mendigos, 27; pobres a domicilio, 90; Cadeia, 1; sala de operações e curativos, 151."

**ID** 22  
**Data** 09/06/1935  
**Ano** II  
**Número** 130  
**Seção** Noticiário  
**Texto Jonarlístico** Hospital de Santa Izabel  
**Temas** Saúde.  
**Palavras Chaves** Hospital de Sta. Izabel.  
**Resumo** Nota sobre o médico responsável pela entrada de doentes no

<b>Trecho</b>	hospital. "As entradas de enfermos no Hospital de Santa Izabel,
<b>Significativo</b>	durante este mez, serão dadas pelo sr. dr. Urbano Figueira".
<b>ID</b>	23
<b>Data</b>	16/06/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	132
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Hospital de Sta. Izabel
<b>Temas</b>	Saúde
<b>Palavras Chaves</b>	Hospital de Sta. Izabel
<b>Resumo</b>	Nota sobre o médico responsável pela entrada de doentes no hospital. "As entradas de enfermos no Hospital de Santa Izabel,
<b>Trecho</b>	durante este mez, serão dadas pelo sr. dr. Urbano Figueira".
<b>Significativo</b>	
<b>ID</b>	24
<b>Data</b>	16/06/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	132
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Appello ao Povo de Taubaté
<b>Temas</b>	Caridade.
<b>Palavras Chaves</b>	Liga de Defesa Social.
<b>Resumo</b>	Apelo ao povo de Taubaté para que ajude e participe da Liga de Defesa Social. "Trabalho da lavra do nosso festejado colaborador prof. Bernardino Querido, recitado pela senhorinha Lili Castro Napoles, por ocasião da festa em beneficio da Liga de Defesa Social, realizada no Plytheama, no dia 7 do corrente:"
<b>Trecho</b>	
<b>Significativo</b>	
<b>ID</b>	25
<b>Data</b>	16/06/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	132
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Inquerito ás condições de vida do operário brasileiro
<b>Temas</b>	Pobreza.
<b>Palavras Chaves</b>	Opérários.

<b>Resumo</b>	Inquérito da Camara dos deputados sobre as condições de miséria dos trabalhadores brasileiros do campo e das fábricas.
<b>Trecho</b>	"Eu penso que nenhum paiz necessita mais desse inquerito
<b>Significativo</b>	que nós, pela situação da miseria em que vive o proletariado brasileiro, principalmente aquelle que vive dos trabalhos agricolas.  Esse inquérito, caso fôr levado a bom termo, vae nos revelar dados impressionantes da vida do operario nacional, porque é sabido, mais ou menos, a sua situação de miséria, de verdadeiro desconforto em que vive.  Infelizmente muito pouco temos feito em pról do infeliz trabalhador brasileiro que amarge, nos trabalhos da roça e das fabricas, o pão de cada dia. Em parte se justifica, porque não possuímos estatísticos reveladores da penosa situação em que se encontra esse grande propulsor da grandeza economica da nossa terra."
<b>ID</b>	26
<b>Data</b>	16/06/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	132
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jonarlístico</b>	Festival de Caridade
<b>Temas</b>	Caridade
<b>Palavras Chaves</b>	Caridade. Liga de Defesa Social de Taubaté.
<b>Resumo</b>	Festival de Caridade realizado em benefício da Liga de Defesa Social de Taubaté.
<b>Trecho</b>	"esse mui apreciado espetáculo foi patrocinado pelas exma
<b>Significativo</b>	sra. d. Aluisia de Castro Napoles e senhorita Alice de Oliveira Costa, que se desobrigaram galhardamente da incumbência a que se propuzeram, para beneficiar a Liga de Defesa Social de Taubaté."
<b>ID</b>	27

<b>Data</b>	27/06/1935
<b>Ano</b>	II
<b>Número</b>	135
<b>Seção</b>	Noticiário
<b>Texto Jornalístico</b>	Propaganda associativa
<b>Temas</b>	Associações Operárias
<b>Palavras Chaves</b>	Sociedade União Operária de Mútuo Socorro.
<b>Resumo</b>	Reunião da Sociedade União Operária de Mútuo Socorro sobre propaganda associativa.
<b>Trecho</b>	"Promovida pela directoria da Sociedade União Operária de
<b>Significativo</b>	Mútuo Socorro realizou-se domingo ultimo, na sede do <União Operaria F. Clube>, da Estiva, mais uma reunião de propaganda associativa."